

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

RICARDO THOFEHRN COELHO

NOSSA TERRA NOSSA GENTE
Uma contribuição para implementação
da Lei do Folclore Gaúcho

Porto Alegre – RS

2023

RICARDO THOFEHRN COELHO

NOSSA TERRA NOSSA GENTE

Uma contribuição para implementação
da Lei do Folclore Gaúcho

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Andrea Hofstaetter

Orientadora

Profº. Dr. Antônio Maurício Medeiros Alves

Profº. Dr. Eduardo Vieira da Cunha

Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro

Porto Alegre, julho de 2023.

Se esta ausência me fizer poeta
Buscarei a cantiga no falar amigo
Da prosa dos mais velhos
Embalando o ninar dos sonhos dos guris.

Se a vida me volver água de rio
Quero nascer na vertente dos mais velhos,
onde a lua brincando, nessas águas,
cresça rio sem mágoas pras alegrias da infância.

Se a terra me aceitar semente,
Quero a mão do semeador mais velho
Pra enraizar no amor dessa querência
O acalanto dos piás na sombra amiga
Guardando o pago, no sabor dos frutos,
Florão de safra, no viver de amanhã.

Seguir mateando
Buscando na volta do fogo de chão,
Das cinzas, lavoura, serei a semente
O fruto,
O alimento,
O prosseguimento da tradição.

Letra de “Acalanto dos Piás”, de Glênio Fagundes e Caco Coelho (1980).

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de demonstrar o valor que a implementação da Lei do Folclore Gaúcho no Ensino Básico possui. Para cravarmos este “mangrullo”¹, começamos, nos anos 50, pelo “**arquiteto**” do caminho que vai criar as condições para que surja este propósito, ao criar o Plano Quinquenal de Construção de Prédios Escolares e a Reforma do Ensino Básico. Passa pelo “**engenheiro**” que consolida e amplia o que foi arquitetado, executando o Plano das Duas Mil Escolas, proporcionando um salto de mais de 200 mil matrículas. Encontra a “**mestra**” que desenvolve um projeto de ensino capaz de privilegiar a cultura gaúcha. Se traduz em uma série de livros didáticos que alcançam milhões de gaúchos, por isso aqui nomeados como “**a obra**”. Esta trajetória cultural é abruptamente interrompida pela ditadura militar/civil. Mesmo assim, os efeitos já haviam se enraizado e tem como consequência um transformador movimento musical, que vai alterar hábitos e permitir que esta cultura surja de modo vigoroso, evidenciando a necessidade da Lei do Folclore Gaúcho. Este trabalho conclui com a construção de um sítio onde está disponibilizado um conjunto diversificado de informações para que torne possível o desenvolvimento de Projetos de Ensino, focando na implementação da Lei nº265/2021, que trata do Folclore Gaúcho. Também são disponibilizados dois conjuntos de Planos de Aula temáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura gaúcha; folclore; identidade; material didático; objetos de aprendizagem poéticos.

¹ O mesmo que mirante.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 –relatório de obras da CEPE	29
Figura 2 – número de provas impressas CPOE	30
Figura 3 – Resultado do Plano Escolar em 24 meses	42
Figura 4 – capa do livro “Sarita e seus amiguinhos”	45
Figura 5 – capa do livro “Linguagens e Estudos Sociais e Naturais”	46
Figura 6 – capa do livro “Brincando com números”	46
Figura 7 – capa do livro “Estrada Iluminada”	46
Figura 8 – capa do livro “Nossa Terra Nossa Gente”	47
Figura 9 – capa do livro “Nossa Terra Nossa Gente II”	47
Figura 10 – bacias e sub-bacias / Guerra hispano-portuguesa	104
Figura 11 – Premiação “Garrafão de Ouro”	117
Figura 12 – sítio Nossa Terra Nossa Gente	119
Figura 13 – app Nossa Terra Nossa Gente	120

SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEPE – Comissão Estadual de Prédios Escolares

CEIHE - Centro de Estudos e Investigações em História da Educação

CPOE – Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais

CBPE - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

HISALES – História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDBEN – Lei das Diretrizes Básicas do Ensino Nacional

NTNG – Nossa Terra Nossa Gente

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RCG – Referencial Curricular Gaúcho

RCGEM – Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio

SEC – Secretaria da Educação e Cultura

SEDEP - Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

VARIG – Viação Aérea Rio-Grandense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O ARQUITETO	12
2. O ENGENHEIRO	18
3. A MESTRA	33
4. A OBRA	45
4.1. A COLEÇÃO NOSSA TERRA NOSSA GENTE	50
5. O HABITE-SE	80
6. A MORADA	95
7. OS PEÇUELOS	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE 1. Sítio e app Nossa Terra Nossa Gente	130
APÊNDICE 2. Plano de Aula – Ensino Fundamental II	133
APÊNDICE 3. Plano de Aula – Ensino Médio	149

INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul vivia uma questão atávica nos anos 1950. O analfabetismo atingia mais de um terço da população². Alguma medida urgente e ampla necessitava ser tomada. Em 1956 esta história começaria a ser drasticamente alterada.

Como Prometeu, o mito grego, vamos acompanhar o surgimento desse “valor” que vai mudar o destino da *Nossa Terra Nossa Gente*. Buscamos percorrer todo o trajeto que essa ideia fez, desde o primeiro gesto, até a proposição de implementação da Lei do Folclore Gaúcho nas escolas, concretamente mostrados por meio de Projetos de Ensino e um sítio, que disponibiliza o acesso a um potencial material para pesquisa e desenvolvimento dos Planos de Aula. A fim de compreender este “valor” da educação, nos apoiamos na obra do pensador Edgar Morin.

O que vamos assistir, se conseguirmos manter aceso o candieiro³, é a transformação do estado em apenas duas décadas, reduzindo a metade o número de analfabetos, baseados no ensino regionalizado.

Entendemos que este percurso principia quando, em 1956, o jovem Secretário da Educação e Cultura, o cachoeirense prof. Liberato Salzano Vieira da Cunha, autoriza que o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, o CPOE, a realizar pesquisas visando a Reforma no Ensino Primário. O mesmo agente público dá o segundo passo, promovendo um levantamento da carência de vagas, principal aspecto na geração do analfabetismo, e oferecendo um Plano Quinquenal de Construção Escolar, em 1957. Dessa forma, por estas razões inaugurais do esboço do que poderia e deveria ser feito, atribuímos o papel de “**o arquiteto**”.

Na sequência, chega ao governo gaúcho um dos maiores líderes de toda a sua história, o engenheiro Leonel de Moura Brizola. O seu lema é “Nenhuma

² FERRARO, Alceu R. Crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul: trabalho e analfabetismo. **lume.ufrgs**, 1997. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/10183/225397/1/000318823.pdf6f6e8f2a7a3ac0fe281bbaf6d2e865cdMD5110183/2253972021-08-18>>. Acesso em: 09 de abr. de 2023.

³ Referência a “História do Futuro”, de Antônio Vieira.

criança sem escola”. Serão ampliados, para tomarmos um dado concreto que apresentaremos logo adiante, o número de provas, realizados pelo CPOE para todos os níveis escolares da Educação Básica, em apenas dois anos, em 500 mil. Era uma revolução que estava acontecendo, sendo o balizador, o ensino que tinha na sua eminência, a cultura gaúcha como cerne. Coube a Leonel Brizola, durante o seu governo (1959-1963), construir um número recorde de escolas, que ultrapassou em muito o que havia sido planejado. Ao construtor destas milhares de escolas, em referência a sua formação, utilizamos a nomenclatura de “**o engenheiro**” para designar o seu papel.

Para que todo esse desejo manifesto de transformação da situação da educação no Rio Grande do Sul, era necessária uma professora, que captasse os avanços educacionais e adequasse a produção didática aos princípios da Escola Nova. Esta autora foi a professora Cecy Cordeiro Thofehn. Ela foi a pioneira ao propor a inserção da Matemática Moderna, por meio de suas obras didáticas, voltadas ao ensino primário, assim como foi a desbravadora do Método Global de Contos para o ensino da escrita e da leitura. Por desempenhar este papel nesta construção, coube-lhe a alcunha de “**a mestra**”.

Esta “mestra”, junto com suas parceiras, soube construir livros que estivessem de acordo com a Reforma do Ensino, o Plano de Escolarização, as inovações educacionais. Por reunir todos estes aspectos, seus livros, nomeados “**a obra**”, irão nos mostrar que é, não só possível o implemento da cultura gaúcha nas escolas, como foi amplamente usado durante pelo menos duas décadas, onde se verifica a redução do analfabetismo e a elevação dos índices educacionais, cumprindo as metas da educação regionalizada de que nos falam os signatários da “Escola Nova”. Ao verificar esta “obra”, mergulhamos mais fundo no livro do 3º ano, cuja proposta pedagógica era inteiramente voltada ao ensino da cultura gaúcha.

Este direito que nós deveríamos ter, é mostrado no capítulo “**o habite-se**”, como o alvará garantidor do acesso à cultura nativa. Esta garantia está expressada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), pela Constituição Cidadã (1988), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), pela Base Nacional Comum Curricular (2017), pelo Referencial Curricular Gaúcho (2018), tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio e, agora - é o que nos

colocamos ao lado - da implementação da Lei do Folclore Gaúcho (2021). Nesse sentido, apontamos uma série de habilidades dispostas nestas normativas. Na defesa desse direito, está o entendimento de Humberto Maturana que trata de nós, seres autopoieticos moleculares, ou seja, sistemas moleculares que produzimos nós mesmos.

Para falar da Nossa Terra Nossa Gente, o capítulo “**a morada**” resgata alguns dos pontos de vista, principalmente, expressos em Manoelito de Ornellas, mas também em João Simões Lopes Neto. Começamos com a constituição do tipo, anterior ao colonizador, mas não ao efeito do que eles trouxeram: os gados cavalariço, vacum e muar. Este encontro, será definitivo para a aparecimento do gaúcho e, conseqüentemente, do início do desenvolvimento da sua cultura. Acompanhamos, através de fatos marcantes e definidores, a construção desta cultura, a tentativa do desvirtuamento desse manancial, com o sufocamento da Ditadura cívico/militar, até o ressurgimento, nos primórdios dos anos 1970, com o movimento musical, que mudará em definitivo esta relação.

Por fim, apresentamos “**os peçuelos**”, caminhos que apontam para a implementação concreta, como a disponibilização de grande manancial da cultura gaúcha, bem como, do desenvolvimento de dois Projetos de Ensino na área das Artes Visuais, podendo, e até mesmo, devendo ser utilizado em outros componentes curriculares. Um plano de aula desenvolvido a partir dos “Objetos Poéticos de Aprendizagem”, direcionado para o Ensino Fundamental I. O outro, direcionado ao Ensino Médio, se utilizando da poesia, da música, do referencial histórico, para visitar as belezas da Nossa Terra Nossa Gente.

Para mim, empolgam ainda os vínculos existentes com a matéria. A mestra em questão, é minha avó materna. O engenheiro focalizado, tive o privilégio de trabalhar ao seu lado, na aventura dos CIEPs, do Sambódromo, do movimento das Diretas Já. Ainda, os anos que passei dedicado à música gaúcha e ao folclore em geral, podendo conviver com algumas das maiores referências, como Glaucus Saraiva, Glênio Fagundes, Nico Fagundes entre outros que foram meus pajadores.

O que almejamos, ao percorrer toda a trajetória da ideia deste interesse pela cultura gaúcha, foi apontar a riqueza latente desta cultura e suas imensas

possibilidades de expressão em arte. Não apenas aquilo que conta e o que não conta como “conhecimento oficial” (APPLE, 1997), mas o que também não está explicitado como o que deve ser ensinado:

(...) mas que ensina pelo processo de repetição de rituais, de automatização de comportamentos, em suma, ensinamentos e práticas mais ligadas ao processo mais amplo de socialização, que Mannheim chamava de “conteúdo latente” (MANNHEIM; STEWART, 1976) e que hoje é denominado “currículo oculto” (SILVA, 1992, apud BARBOSA; GANDIN, 2020, s/p).

O que desejamos é que este conteúdo possa ser, amplamente, visualizado.

Cutucou suas esporas
La paleta do Minuano
E galopou pelo tempo
Na cancha reta dos anos...
E dando rédeas ao Tempo
Deu um gritito no más
Quiribibijujuju...
Quiribibijujuju...
Quiribibijujuju...⁴

⁴ Trecho da letra da música “Último Grito”, de Knelmo Amado Alves, 1973.

1. O Arquiteto

Nas eleições para o governo do estado do Rio Grande do Sul, de 1954, Ildo Meneghetti, ex-prefeito por dois mandatos de Porto Alegre (uma vez nomeado e outra vencendo Leonel Brizola), fez uma composição entre o seu partido, o PSD, e a UDN o PL, o PRP e o PDC, e venceu o favorito Alberto Pasqualini, do PTB.⁵ O experiente político, ao montar o seu secretariado, nomeou para a Secretaria de Educação e Cultura, a jovem liderança de Cachoeira do Sul, o jornalista, professor Liberato Salzano Viera da Cunha.

O professor Liberato já havia sido prefeito de Cachoeira do Sul, alcançando o posto aos 26 anos de idade. Foi eleito e reeleito deputado estadual pelo PSD, renunciando ao segundo mandato para assumir como Secretário de Educação e Cultura. Sua administração, à frente da Secretaria, foi extremamente dinâmica e deixaria frutos que mudariam os rumos da educação no Rio Grande do Sul.

Logo que assumiu, em 1955, o secretário Liberato Salzano Vieira da Cunha, encampou o Instituto Pestalozzi, de Canoas, proporcionando uma maneira mais ampla de atender ao menor.⁶

No mesmo ano, ele promoveu uma séria campanha para o aumento da Rede Escolar em Porto Alegre, com o aluguel de prédios, construção de cinco novas unidades, entre outras iniciativas.⁷

Sob o seu comando, foram tomadas medidas urgentes para colocar em funcionamento o Ginásio Estadual Santa Cruz do Sul, tendo ligado pessoalmente para o Ministro da Educação, Cândido Mota Filho.⁸

⁵ MENEGHETTI, Ildo. **FGV CPDOC**, 2023. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/meneghetti-ildo>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

⁶ ENCAMPAÇÃO do Instituto Pestalozzi, de Canoas, pela Secretaria de Educação. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14 de abr. de 1955, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=3752. Acesso em: 02 de mar. de 2023.

⁷ EMPENHA-SE o Govêrno no aumento da Rêde Escolar em Pôrto Alegre. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 de abr. de 1955, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=3801. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

⁸ AINDA este mês estará funcionando o ginásio estadual de Santa Cruz. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 de abr. de 1955, p. 7. Disponível em:

O professor Liberato entregou ao governador Ildo Meneghetti, as alterações do Regulamento de Ensino Normal do Estado do Rio Grande do Sul, que passava a dar a seguinte constituição ao Departamento de Cultura Geral⁹: Divisão de Filosofia, Divisão de Línguas e Literatura; Divisão de Matemática e Ciências Físico-Naturais; Divisão de Artes; Divisão de Atividades Econômicas; Divisão de Educação Física, Recreação e Jogos.¹⁰

Junto a uma matéria que tratava de um inquérito sobre uma obra da Secretaria da Educação e Cultura, havia a notícia da criação do curso de extensão universitária, “Fundamentos da Cultura Rio-Grandense”, pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. O ato de abertura, contou com a palestra de Athos Damasceno Ferreira, dissertando sobre a “Arqueologia Rio-Grandense”.¹¹

O secretário Liberato Vieira da Cunha propôs a criação de novos mil cargos no ensino primário, com o objetivo de preencher lacunas existentes.¹²

Junto ao Ministério da Educação, conseguiu levantar 5 milhões para a reforma e construção de ginásios no interior do estado.¹³

Em um discurso proferido na Rádio Farroupilha, por ocasião da festa em homenagem ao Dia do Colono, Liberato Salzano disse:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=3828>. Acesso em: 3 de mar. de 2023.

⁹ A criação deste departamento é considerada como o nascimento da futura Secretaria de Cultura.

¹⁰ ALTERADO o regulamento do Ensino Normal no Estado. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 08 de mai. de 1955, p. 2. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=4087>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.

¹¹ FUNDAMENTO da Cultura Rio-Grandense. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14 de maio de 1955, p. 10. Disponível em :

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&pesq=%22Faculdade%20de%20Filosofia%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=4297>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.

¹² MENSAGEM propondo a criação de mil cargos no ensino primário. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 04 de jun. de 1955, p. 7. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=4444>. Acesso em: 1º de mar. de 2023.

¹³ LIBERADAS as verbas para construções escolares no Rio Grande do Sul. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 24 de jun. de 1955, p. 12. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=4701>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.

Eis porque, como titular de uma pasta do Governo, como cidadão brasileiro, como homem que vê renascer cada dia, do fundo do seu coração, a esperança nos destinos do Brasil, eu vos trago uma mensagem de agradecimento, de paz e de confiança a vós homens de todas as nações que estais incorporados ao povo brasileiro.¹⁴

Foi realizada a Primeira Feira do Livros, instalada na Praça da Alfandega. O discurso oficial de inauguração, por parte do Governo do Estado, foi do secretário Liberato Salzano Vieira da Cunha.¹⁵

Tudo isso, no curso de um ano.

Em 1956, trabalhou intensamente pela expansão da Rede de Ensino Estadual, para atender a centenas de candidatos que não obtiveram matrícula.¹⁶

Em 1957, participou das articulações para lançar o cel. Peracchi de Barcelos ao governo do estado pelo PSD.¹⁷

Na mensagem à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, no ano de 1957, a situação educacional relatada, informava grande déficit escolar. Funcionavam, neste momento, as seguintes escolas: 751 Grupos Escolares; 144 Escolas Isoladas; 146 Escolas Reunidas; 330 Escolas Rurais; 49 Escolas Normais de segundo grau; 20 Escolas Normais de primeiro grau; 9 Escolas Normais Reunidas; 37 ginásios; 9 escolas profissionais. Ao todo, 1.495 unidades.

Como secretário, Liberato Salzano liderou o desenvolvimento do Plano Quinquenal do Governo do Estado de Construções Escolares. Num período de cinco anos, seria realizado um Programa Mínimo:

¹⁴ DIA do Colono – uma lição para todos nós. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 26 de jul. de 1955, p. 4. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=5101>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.

¹⁵ INAUGURADA, ontem, com excepcional brilho, a Primeira Feira do Livro, instalada na Praça da Alfândega. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 de nov. de 1955, p. 12. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=6727>. Acesso em: 1º de mar. de 2023.

¹⁶ EXPANSÃO da Rêde do Ensino Estadual. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 de mar. de 1956, p.14. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=8423>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

¹⁷ PERACCI desfaz torpes explorações. **Diário de Notícias**, 5/1/1957, p. 12. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=12808>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

- a) 1.500 salas de aula para 120.000 alunos de escola primária (salas de 40 m², para 40 alunos, ou sejam, 80 em dois turnos);
- b) 700 Escolas Rurais com residência para o professor, para abrigar 56.000 alunos;
- c) Ampliação e conclusão de Escolas Normais;
- d) Construção e ampliação de Ginásios;
- e) Desenvolvimento do Plano de Escolas Profissionais.

Ao todo, seriam investidos um bilhão de cruzeiros ao longo dos cinco anos.¹⁸ Para se ter uma ideia, a arrecadação total do governo do estado, prevista para o ano de 1957, era de Cr\$ 5.260.000.000,00.¹⁹

Estamos em fevereiro de 1957. Exatos dois meses depois, um acidente interromperia este planejamento.

O dia 7 de abril de 1957 acordou cinzento e gelado na zona fronteira da Pampa gaúcha.²⁰ Não eram oito horas da manhã em Santana do Livramento, quando vinte passageiros, entre eles o secretário Liberato Salzano e sua esposa, Jenny Figueiredo Vieira da Cunha, se dirigiram para o avião Curtiss Commando, prefixo PP-VCF, da VARIG. A aeronave, adquirida dos estadunidenses, como sobra da II Grande Guerra, faria o voo para Porto Alegre, com escala na vizinha Bagé.²¹

Pouco tempo depois, pousava no aeródromo Comandante Kraemer, em Bagé, onde outros 15 passageiros embarcariam, completando quarenta pessoas a bordo, somado os cinco membros da tripulação. Tão somente três minutos após decolar rumo à capital do estado, o piloto, Fernando Silva Leandro, entrou em

¹⁸ MAIS Escolas para o Rio Grande do Sul. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 05 de fev. de 1957.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098230&Pesq=%22Constru%c3%a7%c3%b5es%20Escolares%22&pagfis=27466>. Acesso em: 4 de mar. de 2023.

¹⁹ MENSAGEM à Assembleia Legislativa, apresentada pelo Governador do Estado, Engenheiro Ildo Meneghetti, por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1957. Disponível em:

<<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29084042-mensagem1957.pdf>>.

Acesso em: 04 de mar. de 2023.

²⁰ ACIDENTE aéreo com avião da Varig completa 60 anos. **Jornal Minuano**, Bagé, 07 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2017/04/07/acidente-aereo-com-aviao-da-varig-completa-60-anos>>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

²¹ CHAVES, Ricardo. Seis décadas de um trauma. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 de abr. de 2017.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/04/seis-decadas-de-um-trauma-9766067.html>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

contato com a torre de comando, declarando emergência, em função de um provável incêndio no motor esquerdo. Pessoas correram para a cabeceira da pista, munidos de extintores, na expectativa de prestar socorro. O Corpo de Bombeiros foi chamado.

A tripulação acionou os quatro extintores do motor e imaginaram, com isso, ter debelado o fogo. Mesmo assim, por preocupação, decidiram retornar à pista de chão batido e cascalhos soltos, do aeroporto de Bagé. Quando estavam aterrissando, o piloto foi avisado de que o trem de pouso não abriu totalmente e ele decidiu arremeter a aeronave, abortando o pouso. Neste instante, o incêndio já se propalava por dentro da asa, numa posição em que era impossível para a tripulação constatar. Não haviam ultrapassado toda a extensão da pista, quando a asa se despreendeu como um papel, que se dobrou para trás e voou. Nisto, o avião despencou. A carenagem em chamas rolou pelo resto da pista. Um passageiro tentou escapar do avião, correndo, mas já era uma bola de fogo. Socorrido ainda com vida, minutos depois, vai a óbito no hospital. Era o último sobrevivente daquela que ficou conhecida como “A Tragédia de Bagé”. A consternação era geral na Rainha da Fronteira. Nas ruas, nos cafés, nos restaurantes, era possível sentir a profunda dor que ia no coração dos bajeenses.²²

Avião de guerra, esta aeronave havia sido projetada para operar, tanto em aeroportos modernos, quanto em pistas de chão batido. Quando chovia, porém, estas pistas ficavam um barro só, impossível para qualquer pouso, então, colocavam cascalho solto, a fim de mitigar o problema. A investigação veio a apurar que uma destas pedras foi arremessada pelo próprio trem de pouso da aeronave para dentro da carenagem, rompendo os dutos de combustível, acabando por provocar o incêndio fatal.²³

A VARIG transportou os corpos, em voo especial, para Porto Alegre. Outros, foram levados de volta para Santana do Livramento. Um diplomata

²² ACONTECEU em 7 de abril de 1957: Acidente com avião da Varig deixa 40 mortos – A tragédia de Bagé. Desastres aéreos News. 2021. Disponível em: <<http://desastresaereosnews.blogspot.com/2021/04/aconteceu-em-7-de-abril-de-1957.html>>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

²³ ACIDENTE do Curtiss C-46 prefixo PP-VCF em 1957. **Wikipédia**, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Acidente_do_Curtiss_C-46_prefixo_PP-VCF_em_1957. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

argentino, que estava entre os mortos, foi enviado ao seu país de origem. O professor Antenor Gonçalves Pereira, que seguiria para o Rio de Janeiro, a fim de tratar do reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas de Bagé, junto ao Ministério da Educação, foi sepultado em Bagé, ao lado de outros conterrâneos mortos no acidente.²⁴

Na capital, o corpo do secretário e sua esposa, foram velados no Palácio Piratini, com a presença do governador Ildo Meneghetti. Na sequência, foram levados para à Catedral Metropolitana, rezando dom Vicente Scherer, a missa de corpo presente, acolitado por diversos sacerdotes. Um cortejo fúnebre conduziu os corpos até à Estação Férrea da Capital. De lá, seriam trasladados para Cachoeira do Sul, terra natal do casal. Uma imensa multidão acompanhou os féretros.²⁵

Uma semana após a tragédia, o “velho Laranjeira” escreveu, na sua coluna “Crônica da Cidade”, sobre a dimensão da perda do professor Liberato:

No jornalismo foi o doutrinador e o crítico, onde a pureza do estilo revelou o homem combativo; no magistério foi o mágico da pedagogia, de palavra fácil e brilhante, discorria horas e horas os mais variados temas e, graças a sua humildade, conquistava logo a confiança, simpatia e admiração dos alunos; na política foi o mais hábil de sua geração, ponderado e respeitador, conquistou legiões de amigos e admiradores, mesmo nas correntes adversárias.²⁶

Liberato Salzano Viera da Cunha e sua esposa Jenny, deixaram quatro filhos: Liberato Vieira da Cunha, Miriam Vieira da Cunha, Maria Bernadete e, entre eles, o nosso colega, hoje um dos maiores artistas do Rio Grande do Sul, o professor e doutor Eduardo Vieira da Cunha.

Outro legado de Liberato Salzano será decisivo para a trajetória da Educação no nosso estado. Vamos tratar disso no capítulo seguinte.

²⁴ SEPULTADAS as vítimas da catástrofe de Bagé. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 10 de abr. de 1957. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098230&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=28092>>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

²⁵ IDENTIFICADO pelo relógio o corpo do Secretário gaúcho. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 9 de abr. de 1957. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=50923. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

²⁶ CRÔNICA da Cidade. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 13 de abr. de 1957. 2º Caderno. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&Pesq=%22Liberato%20Salzano%22&pagfis=5152>. Acessado em 04 de mar. de 2023.

2. O Engenheiro

Leonel de Moura Brizola²⁷, ou ainda, Ataliba, nome vindo dos povos originários, dado pela sua mãe, Oniva, descendente de guaranis da região das Missões, nasceu em Cruzinha, em 22 de janeiro de 1922 (segundo o próprio, às 22 horas). Um ano depois, seu pai foi assassinado em uma emboscada, na revolução de 1923, que confrontou Ximangos, que lutavam ao lado de Borges de Medeiros, os de lenço branco ao pescoço, e os Maragatos, aliados de Assis Brasil, simbolizados pelo lenço vermelho. Leonel Rocha era um líder dos maragatos, ao lado do qual, o pai de Brizola lutara. A escolha deste nome é uma homenagem à luta do seu pai. Alfabetizado pela própria mãe, da onde vem seu amor pela educação, logo depois foi morar com um casal de pastores missionários da Igreja Metodista. Junto ao casal, desenvolveu sua paixão pelos números. Trabalhou como engraxate, carregou malas para os passageiros da estação ferroviária. Fez de tudo um pouco. O sítio onde sua mãe morava, junto com os outros filhos, era próximo de Quatro Irmãos, uma localidade habitada por judeus, vindos da Bessarábia. De passagem para esta localidade, dois mascates pernoitaram na casa da amiga Oniva. Foram eles que contaram da existência da Escola Técnica Agrícola, em Viamão. Oniva e Ataliba – ainda era esse o nome, só quando da matrícula na Escola Técnica é que vai perceber a necessidade de uma certidão de nascimento – conseguem, junto ao prefeito de Carazinho, que fosse enviada uma carta à Escola solicitando uma vaga. O mesmo prefeito é quem vai conseguir uma passagem de segunda classe para Porto Alegre. Na capital, Leonel – agora já era oficialmente Leonel - trabalhou como ascensorista, jardineiro, se formou na ETA, até ingressar, em 1945, na Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre (durante o curso, em 1947, a Universidade recebeu nova denominação: Universidade do Rio Grande do Sul²⁸).

Antes mesmo de se formar, já era ativo participante da ala jovem do PTB, se elegeu deputado estadual, em 1947. Em 1950 casou-se com a irmã do também deputado estadual João Marques Goulart – futuro presidente do Brasil –, Neusa

²⁷ A pesquisa sobre Brizola, apresentada neste capítulo, foi feita para o espetáculo “Leonel” (2022) de Caco Coelho, apresentado como comemoração dos 100 anos de nascimento do ex-governador, no Teatro Dante Barone, em 21 de jan. de 2022 e 11, 12 e 13 de fev. de 2022.

²⁸ HISTÓRICO. UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

Goulart, tendo o então ex-presidente Getulio Vargas, conterrâneo de Neusa, como padrinho. Neste mesmo ano, quando “o retrato do velho²⁹” foi posto outra vez no lugar, na avalanche petebista desta eleição, Brizola foi reeleito deputado. Somente no Rio Grande do Sul, o PTB elegeu dez deputados federais – quase a metade da bancada – e 21 deputados estaduais de um total de 55.³⁰

No ano seguinte, em 1951, Leonel Brizola concorreu a prefeito, sendo derrotado pelo ex-prefeito Ildo Meneghetti, por pouco mais de mil votos. Dois anos depois, a convite do então governador do estado, Ernesto Dornelles (PTB), assumiu a Secretaria de Obras e Viação e implementou o I Plano de Obras (BODEA, 1992, p.95), que prestigiava a educação e compreendia, como em nenhum outro momento dos governos do Rio Grande do Sul, a evidência da necessidade da navegabilidade da nossa bacia hidrográfica, a terceira maior de todo o país, e promoveu a construção de 12 novos portos lacustres e fluviais. Seu planejamento interligava as ações das secretarias. Seria a primeira vez em que o Rio Grande adotaria um plano estratégico a nível estadual.

Em 1954, deixou a secretaria para concorrer a deputado federal, sendo eleito com mais de cem mil votos, em outra avalanche getulista, agora, porém, com o líder morto. Na posse na Câmara dos Deputados, quando Carlos Lacerda, representante pela Guanabara, foi fazer seu juramento, Brizola interrompeu a sessão: “Este vai ser um juramento falso, senhor presidente, porque ele está pregando o golpe lá fora e vem jurar a Constituição aqui”. Sobre Carlos Lacerda, a tese de doutorado em História, “A última revolução: Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963” (SILVA, 2015, p.133) registra o papel que o “corvo” teve nos entraves à escola pública de qualidade:

Historicamente, a educação, diferente dos demais setores que compõem a gestão pública brasileira, como o sistema financeiro, a segurança pública, a infraestrutura, etc., não recebeu a mesma atenção. Essa assertiva pode ser corroborada pela constatação de que a escola pública somente passaria a fazer parte dos projetos dos governos, nas diferentes esferas, de forma compulsória, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 4.024 de 1961, publicada após treze longos anos de

²⁹ LOBO, Haroldo; PINTO, Marino. Retrato do Velho. **Wikipédia**, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Retrato_do_Velho>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

³⁰ ELEIÇÕES Estaduais no Rio Grande do Sul em 1950. **Wikipédia**, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_estaduais_no_Rio_Grande_do_Sul_em_1950>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

tramitação do anteprojeto, apresentado por Clemente Mariani, em 1948, com base num trabalho realizado por educadores, comandado por Lourenço Filho. O projeto fora barrado por reacionários, a exemplo do então deputado Carlos Lacerda, representante dos interesses conservadores que através de substitutivo, apresentado em 1959, em defesa da iniciativa privada, deslocava o debate para a “liberdade de ensino”. (ARANHA, 2006, p.310).

Brizola, depois de perder na primeira vez que concorreu a prefeito, sagrou-se vencedor na eleição de 1956. O lema da sua campanha para a Prefeitura de Porto Alegre – um guri que foi engraxate na estação ferroviária de Carazinho, ascensorista na Galeria Chaves – era “Nenhuma criança sem escola”.

Para o início do ano letivo de 1957, Porto Alegre teria capacidade para atender no máximo 6.600 crianças, divididas em dois turnos, distribuídas pelas 17 escolas em funcionamento. A nova administração da cidade desenvolveu um Plano de Emergência para a construção de novas 189 unidades escolares, ampliando a capacidade para abrigar 32.060 crianças, cinco vezes a capacidade existente até então.³¹

O grande salto de Brizola, no entanto, estaria próximo. Dois anos após assumir como prefeito de Porto Alegre, o PTB exigiu que ele concorresse ao governo do estado nas eleições de 1958. Leonel Brizola venceu com 670.003 votos, contra 500.944 do coronel da Brigada Militar Walter Peracchi de Barcelos³². O lema que havia servido para levá-lo à prefeitura da capital gaúcha, foi reproduzido na campanha para o governo.

A cientista política, Mercedes Maria Cánepa, destaca, em uma entrevista de Leonel Brizola, publicada no *Correio do Povo* em 3 de agosto de 1958, o “valor” que seria dado pelo Governo ao campo da Educação:

A escola deveria ser o melhor, o mais acolhedor e o mais bem aparelhado de todos os edifícios públicos. E quanto ao ensino técnico, ou o Rio Grande prepara suas novas gerações para o trabalho, para a elevação da produtividade, para a agricultura técnica e para a indústria, ou seremos uma colônia tributária de regiões superdesenvolvidas do País, cada dia mais pobre e atrasada.³³

³¹ BRAGA et al, p. 41.

³² Idem, p. 51.

³³ CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2005. (*Correio do Povo* *apud* CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio, p.237.)

A região geoeconômica do Sul sempre se caracterizou pela produção primária. Cabia – e ainda cabe em determinada medida - ao Rio Grande do Sul, e aos vizinhos Santa Catarina e Paraná, a produção dos bens de primeira necessidade – ou melhor, da produção primária. Dava para “alimentar os seus habitantes e ainda sobrava para exportar para o Brasil e mesmo para o exterior”, celebrava a Revista Globo.³⁴ Na questão logística, sobretudo no período pós-guerra, a região Centro Sul foi francamente favorecida. Os investimentos estrangeiros destinados aqueles estados, em especial, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Guanabara, eram da ordem de 94,41%, enquanto o Extremo Sul recebia apenas 1,4%.³⁵:

Educação e desenvolvimento passariam a compor o eixo do projeto político implementado pelo Piratini, com vistas à superação da crise econômica e à inserção do Rio Grande do Sul no patamar compatível com aquele ocupado pelos estados industrializados do Sudeste, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (SILVA, 2015, pp. 126 e 127).

Brizola sabia que se não houvesse um investimento maciço em educação, não teriam condições para o desenvolvimento do Rio Grande e a tendência ao endividamento seria agravada. Era necessária uma ação educacional do estado, com um caráter eminentemente público:

Baseava-se no princípio de que a intervenção estatal era necessária e imprescindível para civilizar e preparar o povo. A escola devia ser uma referência para a comunidade. Por meio dela, o povo seria educado, civilizado e preparado para promover o progresso e o desenvolvimento do estado (QUADROS, 2001).

A mensagem que o governo Brizola enviou à Assembleia Legislativa, por ocasião da abertura da Sessão Legislativa de 1960, explicitava as razões pelas quais a Educação era a prioridade das prioridades da gestão, ao encaminhar o II Plano de Obras Educação e Desenvolvimento Econômico:

Educação, nós a entendemos como o instrumento mais poderoso de que o homem dispõe para sua valorização e ascensão social. Por isto, nossa política educacional é popular – visa elevar o nível mental e moral das grandes massas e assim incorporá-las ao trabalho produtivo e à vida ativa do Estado e do País, à vida criadora da inteligência e da cultura. Eis porque nosso objetivo é fazer com que a Educação atinja não só a infância das áreas mais próximas aos centros urbanos, mas que procure e descubra no recesso das mais modestas famílias do interior ou do

³⁴ VIDAL, Rubens. Rio Grande do Sul – Celeiro do Brasil. **Revista do Globo**, Porto Alegre, 29 de nov. de 1952. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/biev/texto/rio-grande-do-sul-celeiro-do-brasil/>>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

³⁵ MENSAGEM do governador à Assembleia Legislativa do RS. 1960. **Planejamento, Governança e Gestão**. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29084100-mensagem1960-1.pdf>>. Acesso em: 06 de mar. de 2023. p. 11.

rincão mais longínquo, a criança que o Estado deve transformar no perfeito cidadão de amanhã.³⁶

Anísio Teixeira, quiçá o nosso principal educador - mestre imediato de Darcy Ribeiro, futuro parceiro de Brizola em outra revolução no campo da educação com os CIEPs -, foi um dos formuladores do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: ao povo e ao Governo*, publicado em 1932, um marco no processo educacional brasileiro, que defendia uma escola pública, laica e obrigatória. Ele entendia a necessidade da capilaridade da escola:

A regionalização da escola que, entre nós, se terá de caracterizar pela municipalização da escola, com administração local, programa local e professor local, concorrerá em muito para dissipar os aspectos abstratos e irreais da escola imposta pelo centro, com programas determinados por autoridades remotas e distantes e servida por professores impacientes e estranhos ao meio, sonhando perpetuamente com redentoras remoções.³⁷

O governo Getúlio havia reconhecido a responsabilidade pública em relação à Educação. A constituição de 1934 foi a primeira a tratar do assunto como uma questão nacional. Era necessário, após viver este ciclo getulista de nacionalização do ensino, compreender que a educação deveria encontrar o sentido de ser regionalizada. O sociólogo Mannheim coloca, no que tange a preparação do “comportamento institucional”, diante da ideia da educação social, que uma escola não é ato isolado e sim, de uma fase do sistema social:

(...) não pode existir uma escola sem um preparo que torne possível a lealdade e a apreciação dos valores subjacentes à vida escolar, isto é, a apreciação do conhecimento, das atividades em comum, das tradições ou dos ideais específicos que representam as escolas. (MANNHEIM, 1972, p. 231)

Ao traçar os pontos de confluência, que emanaram de Dewey e que espargiram no cenário educacional brasileiro, Viviane Batista Carvalho³⁸ aproxima aqueles pensamentos aos do *Manifesto dos Pioneiros*. Em relação à questão da

³⁶ Idem, p. 18.

³⁷ AZEVEDO, Fernando et al. **O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova**, 1932. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf>. Acesso em 07 de mar. de 2023.

³⁸ CARVALHO, V. **As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro**. Artigo (pesquisa de Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 20, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Caco/Downloads/15281-33328-1-SM.pdf>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

“comunidade em miniatura”, a escola deve ser uma reprodutora da sociedade, como uma constante reconstrução da experiência. Para Dewey:

Em vez de uma escola localizada separadamente da vida como lugar para se estudarem lições, teremos uma sociedade em miniatura, na qual o estudo e o desenvolvimento sejam os incidentes de uma experiência comum (DEWEY, 1979b, p.394).

Já no *Manifesto*:

A escola que tem sido um aparelho formal e rígido sem diferenciação regional, inteiramente desintegrado em relação ao meio social, passará a ser um organismo vivo, com uma estrutura social, organizada à maneira de uma comunidade palpitante pelas soluções de seus problemas. Mas, se a escola deve ser uma comunidade em miniatura, e se em toda a comunidade as atividades manuais, motoras ou construtoras “constituem as funções predominantes da vida”, é natural que ela inicie os alunos nessas atividades, pondo-os em contato com o ambiente e com a vida ativa que os rodeia, para que eles possam, desta forma, possuí-la, apreciá-la e senti-la de acordo com as aptidões e possibilidades.³⁹

O caminho escolhido de “plantar” escolas em todos os rincões do Rio Grande, estava cumprindo, de determinada maneira, aquilo que foi pensado nos anos 30, pelos pioneiros da Escola Nova. Para Brizola, o caminho seria tomar “uma nova posição” a fim de combater os problemas ancestrais⁴⁰. As providências foram imediatas. Tão logo assumiu, Brizola convocou toda a estrutura governamental para envolvê-la num verdadeiro mutirão. Criou três superintendências, cada qual vinculada a um nível escolar: do ensino primário, médio e técnico. Ao longo do primeiro ano de governo, coordenado pelo secretário de Educação e Cultura, José Mariano de Freitas Becker, foi realizado um levantamento do déficit educacional. O resultado deste estudo indicou um número que superava em pelo menos duas vezes aquele número previsto no Plano Quinquenal de Construções Escolares. Seriam necessárias, para enfrentar a problemática do ensino, o contingente de analfabetos, a mão-de-obra despreparada, o impressionante número de 284.652 vagas.

³⁹AZEVEDO, Fernando et al. **O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova**, 1932. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf>. Acesso em 07 de mar. de 2023.

⁴⁰ O analfabetismo atingia, em 1950, 38% da população com sete anos ou mais e, em 1958, 33%. Esse problema sobressai também entre a população de 15 a 17 anos, que variou entre 34,2% e 32,3% no mesmo período, e entre a população de 18 anos ou mais, que variou entre 34,1% e 34,6% 1 (Quadros, *apud.*, 2006, p. 133)

Quadros (2001) dispõe os cinco expedientes que foram utilizados para a implementação do Programa de Escolarização pelo governo do estado: Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (Sedep); Comissão Estadual de Prédios Escolares (CEPE); contratação de professores; compra de vagas de escolas particulares em troca da cedência de professores estaduais; e concessão de bolsas de estudo.

A CEPE⁴¹ era um órgão que fazia a ponte entre a Secretaria de Educação e Cultura e a Secretaria Obras Públicas. Dessa comissão, colegiada e especializada, participava o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE).

O CPOE foi criado em 1943 e era responsável pela proposição de práticas *científico-experimentais* para o Ensino Primário e também o Curso Normal (PERES, 2003, p. 75). Sua função principal era a “realização de estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinadas a manter em bases científicas o trabalho escolar” (QUADROS, 2006, p. 127)⁴².

Entre meados dos anos 50 e início dos anos 70, houve uma intensa produção de livros didáticos, principalmente sob a responsabilidade do CPOE. Era o CPOE que orientava, fiscalizava, controlava, pesquisava. Foi este órgão que determinou os projetos e as práticas pedagógicas ao longo de trinta anos. Suas marcantes imposições, assinala Peres (2006), estavam relacionados ao currículo escolar, aos livros e às leituras. Além disso, algumas de suas orientadoras e técnicas se tornaram as mais importantes autoras de livros didáticos no estado. O exemplo mais significativo é a cartilha *Sarita e seus amiguinhos* (1957), de Cecy Cordeiro Thofehr e Jandira Córdias Szechir. Os aspectos avaliados ou reprovados nos antigos livros, nesta cartilha eram contemplados. Foi a grande referência escolar neste período. Havia também outras obras produzidas pelas técnicas educacionais do CPOE.

⁴¹ Criada pelo Decreto n° 10.416, de 25 de março de 1959.

⁴² O primeiro regimento, no entanto, só foi definitivamente aprovado um dia antes da posse de Leonel Brizola como Governador, dezesseis anos após a sua instalação. (QUADROS, apud, 2006, p. 146)

Alves (2013), em sua tese de doutorado, orientado pela doutora Eliane Peres (ambos fazem parte do HISALES⁴³) fala da relevância do papel que o CPOE exerceu no Ensino Primário:

(...) inclusive no que diz respeito à produção e à circulação de livros didáticos para este nível de ensino, uma vez que estava a seu cargo a elaboração de programas e planos escolares que determinavam os modelos pedagógicos em vigor no estado naquela época (ALVES, 2013, p. 28).

Não havia, no entanto, uma determinação de qual livro deveria ser escolhido pela escola, delegando uma certa autonomia à professora na escolha do método de ensino. O Programa Experimental de Linguagem do Curso Primário lembrava “apenas” que os processos de ensino não poderiam se opor à “capacidade mental, às experiências, às condições físicas e emocionais da criança que aprende, bem assim como às características da língua, à cultura, às condições e necessidades locais” (Programa Experimental, 1962, p. 7)⁴⁴

O propósito era acabar com o empirismo pedagógico, evoluindo para uma pedagogia científica. Peres (2006b, p. 171) coloca que houve “um processo de *profissionalização* da/na produção didática” havendo ainda - segundo a própria pesquisadora -, **a necessidade de novos estudos sobre esta produção** (o grifo é nosso).

A discussão sobre as diretrizes e bases da educação ganhava intensa mobilização nacional, no final dos anos 50. A Campanha em Defesa da Escola Pública, reeditava o *Manifesto*, reunindo outra vez as vozes de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira entre outros⁴⁵.

Pouco antes, no Rio Grande do Sul, em 1956, o então secretário da Educação e Cultura, professor Liberato Salzano – o outro legado de que falamos -, autorizou serem feitos estudos preliminares, do ponto de vista técnico, para Reforma do

⁴³ O HISALES – História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

⁴⁴ Sobre este Programa, o CEIHE - Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – vinculado à Faculdade de Educação da UFPEL, informa possuir dez de diferentes disciplinas, divididos em volumes que vão do 1º ao 6º ano do ensino primário.

⁴⁵ A Educação brasileira antes do golpe - A LDB de 1961 e a Campanha em Defesa da Escola Pública. **Memórias da Ditadura**, 2023. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/antes-do-golpe/>>. Acesso em: 07 de mar. de 2023.

Ensino. A conclusão deste levantamento oferecerá subsídios para a elaboração de um plano experimental gradativo para a renovação do ensino Primário.⁴⁶

Foi no espírito dessa Reforma de Ensino Primário que se deu a maior parte da produção local de livros didáticos, pelas mesmas técnicas e orientadoras, que haviam idealizado e implementado esta Reforma (PERES, 2006, p. 179).

Entre estas orientadoras, a professora Cecy Cordeiro Thofehrn:

(...) estive à disposição do CPOE desde abril de 1949, tendo exercido a função de orientadora do Ensino Primário nos grupos escolares da capital, até ser nomeada para exercer o cargo de Orientadora de Educação Primária desse mesmo Centro, a partir de janeiro de 1952 (ALVES, 2013, pp. 130 e 131).

Antes, porém, da professora Cecy ser nomeada orientadora, ela obteve o apoio do CPOE, para estar na Capital Federal, ainda sediada no Rio de Janeiro, atuando como colaboradora do Instituto de Estudos Pedagógicos, o INEP, do Ministério da Educação e Cultura. Foi nessa condição que ministrou aulas às professoras que vieram estagiar no Rio Grande do Sul. Em virtude dessa atuação, recebeu carta do presidente do INEP, professor Anísio Teixeira, agradecendo pela sua colaboração (ALVES, 2013, p. 132)⁴⁷. Hoje o INEP leva o nome do missivista. Logo depois, em 1955, Anísio implantou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), no Rio de Janeiro, e Centros Regionais em Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre⁴⁸.

No ano da implementação total da Reforma no Rio Grande do Sul, em 1960, a diretora do CPOE/RS era a professora Sarah Azambuja Rolla e uma das Orientadoras de Educação Primária era a professora Cecy Cordeiro Thofehrn.

As atribuições principais da Secção de Orientação do Ensino eram:

(...) assistência técnico-pedagógica; cursos e conferências; planos e comunicados didáticos; consultas, informações e pareceres de ordem técnica; programas de ensino; apreciação do trabalho docente, pareceres sobre livros didáticos. Abrangia os graus da educação pré-

⁴⁶ Boletim do CPOE, 1958, p. 8 apud PERES, 2006, pp. 177 e 178.

⁴⁷ Estes documentos em relação a trajetória da professora Cecy foram por mim entregues ao professor doutor Antônio Maurício Alves, autor da tese de doutorado sobre o trabalho da minha avó, em especial, enfocando a matemática e a introdução do MMM no Brasil, movimento do qual a professora foi, nacionalmente, pioneira.

⁴⁸ HISTÓRIA. gov.br., 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia>>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

primária e primária; educação especial; educação supletiva; educação rural e ensino normal (QUADROS, 2006, p. 138).

A Secção de Orientação compreendia: Secção do Ensino Pré-Primário e Primário; e Secção do Ensino Normal e Secundário.

Segundo Peres (2006), a professora Cecy é uma personagem que não pode ser negligenciada ao se falar em produção de livros didáticos no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo, coloca-se, a pesquisadora, na expectativa de que continuem e aprofundem a pesquisa em relação a sua trajetória. Professora Cecy Cordeiro Thofehm, minha avó materna.

Paralelamente, avançava a construção das escolas em um tempo recorde. O projeto Educacional, nos dois primeiros anos, em relação ao ensino primário, buscava a concretização do “Plano das duas mil”, como ficou conhecido. Este imenso movimento, causava espanto em todo o país. Uma reportagem televisiva, que está no documentário “Brizola – Tempos de Luta”, dava o tom:

Um Plano Educacional está fazendo o Brasil voltar-se para o Rio Grande do Sul. Ponto importante desse Plano, foi a mobilização dos 153 prefeitos gaúchos. A tarefa era imensa e a todos coube uma parcela de responsabilidade. (...) Várias equipes técnicas se formaram para elaborar um planejamento detalhado. Todas as crianças em idade escolar, que estejam na zona urbana ou rural, são recenseadas, a fim de que o estado e os municípios, em ação conjunta, possam assegurar o ensino primário a todas as crianças gaúchas.⁴⁹

“A escola pública brasileira nunca se adaptou ao menino que vem da pobreza, o menino que vem das famílias surgidas do campo”, diz Darcy Ribeiro em depoimento no mesmo documentário. No lugar da criança, em especial do meio rural, que tinha que se deslocar por quilômetros para ir à escola, a escola é que foi levada até elas. João Pedro Stédile, líder nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, foi um dos alunos destas “Brizoletas”. O destacado repórter da Rede Globo, Caco Barcelos, diversas vezes, fez menção ao fato de ter sido educado nestas escolinhas do Brizola, que transformaram o estado:

O ano de 1961 foi instituído o ano da educação no estado e, para registrar a sua política educacional, o governo, em solenidade realizada na Reitoria da Universidade do Rio Grande do Sul, fez a entrega

⁴⁹ Brizola – Tempos de Luta. Direção: Tabajara Ruas. Produtor: Ligia Walper. Porto Alegre, 2019. Walper Ruas Produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9WKfbcrZlcA&t=769s&ab_channel=PDTSP>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

simbólica de duas mil novas escolas primárias. (REVISTA DO ENSINO, 1961, p. 6-11).

No trabalho “Não só de pão vive o homem: a construção de escolas no governo Brizola a partir de fotografias da Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini (1959-1963)”⁵⁰, Viviana Cemin apresenta as fotos desta cerimônia, com destaque para um painel com dois mil pontos iluminados, espalhados por um enorme mapa do Rio Grande do Sul. Uma tabela, com o relatório de obras da CEPE, traz o resumo do que foi erguido ao longo do Governo Brizola:

Figura 1. Relatório de obras da CEPE Governo Brizola (1959/1962)

Plano	Obras concluídas			Obras iniciadas			Obras planejadas		
	Prédios	Salas	Capacidade	Prédios	Salas	Capacidade	Prédios	Salas	Capacidade
A	158	708	49.560	0	0	0	0		0
B	562	1.304	91.280	50	116	8.120	206	470	32.900
F	119	587	41.090	14	69	4.830	20	130	9.100
FM	55	223	15.610	5	19	1.330	9	29	2.030
Especial	59	220	15.400	6	23	1.610	1	2	140
Retomada	43	91	6.370	1	2	140	2	2	140
Ampliações	43	01	14.070	37	254	17.780	20	233	16.310
Prédio piloto	6	26	1.820	0	0	0	0	0	0
Total	1.045	3.360	235.200	113	483	33.810	258	866	60.620

Fonte: Relatório de obras da Cepe.

Fonte: QUADROS, 2001, apud, p. 4.

Estes números são um pouco divergentes do que Brizola costumava citar. Os números que ele usava, estão dispostos no livro “Brizola e o Trabalhismo” (BANDEIRA, 1979) e são transportados para outro livro que trata da sua trajetória na Assembleia Legislativa/RS, no perfil elaborado para esta edição. Os números apontados são: 6.302 estabelecimentos de ensino, sendo 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 122 ginásios e escolas normais. Cita, também, a abertura de 688.209 matrículas. Em uma outra tabela⁵¹, esta fornecida pelo CPOE/RS, presente nos relatórios entre 1947-1964, são apresentados os números de provas impressas. Todas estas provas do ensino primário eram preparadas pelo CPOE:

⁵⁰CEMIN, V. Não só de pão vive o homem: a construção de escolas no governo Brizola a partir de fotografias da Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini (1959-1963). Tese (Conclusão de Curso em Licenciatura de História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. 2010. Vol. 1. p. 102.

⁵¹ Quadros, 2006, apud, p. 219.

Figura 2 – Número de provas impressas por ano entre 1947 e 1964.

Ano	Número de provas impressas
1947	142.501
1948	129.880
1952	176.680
1953	222.600
1954	236.114
1956	279.177
1957	236.114
1958	428.465
1959	593.000 □
1963	940.000
1964	987.380

Fonte: CPOE/RS, relatórios, 1947-1964.

Se subtrairmos o ano subsequente ao fim do governo Brizola (não existe na tabela os anos 1960, 1961 e 1962) ao do ano anterior a sua posse, obteremos o número de 511.535 provas aplicadas a mais. Um aumento que corresponde a mais do dobro do número de provas, em um período de quatro anos.

Brizola encerrou o seu governo no Sul com grande prestígio no país inteiro. Sua política em relação à educação, as encampações, que o colocaram em rota de colisão com os americanos e com o capitalismo de um modo geral, a maior mobilização cívico da história do Rio Grande do Sul, com o Movimento da Legalidade. Além do fato de ser cunhado do presidente Jango, o tornavam um potencial postulante à Presidência da República, afinal, “cunhado não é parente, Brizola para presidente”. Brizola vai para o Rio de Janeiro – não era mais a capital federal, mas permanecia sendo o centro político do país – e se elegeu deputado federal pela Guanabara, terra do archi-inimigo Carlos Lacerda, com a maior votação proporcional até hoje já obtida.

Mas este sonho de transformação do Brasil não foi possível. Logo após um dos discursos mais inflamados da história do país, proferido no dia 13 de março de 1964, pelo então presidente João Goulart, clamando pelas reformas de base – reformas que até hoje aguardam entrar na pauta neoliberal -, precipitaria o golpe que Brizola havia impedido com sua mobilização em 1961. Em 1º de abril, dia conhecido jocosamente como dia dos bobos, por isso mesmo evitado pelos militares/civis que golpearam o Brasil, o regime de exceção passaria a gerir um país continental.

A Educação, principal instrumento para a transformação do povo, não demoraria a sofrer as consequências. “O golpe militar/civil, pelo caráter reacionário dele, ele afetou todas as Universidades brasileiras, ele quebrou a criatividade cultural brasileira”, disse Darcy Ribeiro⁵², criador da Universidade de Brasília. Uma lástima. Sobre o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais, Darcy tratou em seu depoimento à UFBA:

Esses Centros, quase todos, tiveram sedes e edifícios feitos pelo Anísio e a ideia era chamar a inteligência brasileira para incorporar a problemática da educação. Nunca a inteligência brasileira se voltou para a educação e Anísio queria inverter isso. Então Anísio, por isso, usou de todos os meios para criar núcleos de estudos da realidade brasileira: estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos. Uma das maiores brutalidades da ditadura foi acabar com esses Centros. Todos eles foram apagados, inclusive o do Rio de Janeiro.⁵³

Logo em 1965, o subsecretário de Educação do Rio Grande do Sul – futuro deputado da ARENA e presidente da Assembleia Legislativa/RS -, Airton Santos Vargas, não queria a participação do CPOE na orientação do ensino secundário. Só não conseguiu terminar com o CPOE, conforme depoimento da professora Florisbela Faro, tomado por Quadros (2006, p. 97), porque a então diretora, professora Alda Kremer, correu até o governador Ildo Meneghetti.

Num curto espaço de tempo entre 1967 e 1971, porém, houve uma drástica transformação, tanto na Secretaria da Educação, quanto no próprio CPOE/RS. (QUADROS, 2006, p.97). Um enviado especial da Ditadura, o coronel Mauro Costa Rodrigues, ao ser designado secretário da Educação do Rio Grande do Sul, vinha com ordens expressas de extinguir o CPOE/RS. Natural de Uruguaiana, desenvolveu toda a sua carreira dentro do Exército, ligado a setores pedagógicos, chegando a atuar junto à Academia Militar de Agulhas Negras. Quando assumiu a Secretaria, cercou-se de gente que nada tinha a ver com a educação. Mandou

⁵² Educadores Brasileiros: Darcy Ribeiro – um vulcão de ideias. Direção: Isa Grinspum Ferraz, Produção: Malu Viana Batista. Rio de Janeiro, 7 de dez. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUh4O1koCag&ab_channel=DavidFranco>. Acesso em: 08 de mar. de 2023.

⁵³ DEPOIMENTO de Darcy Ribeiro. **Ufba.br**. s.d. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro6/depoimento_dr.html>. Acesso em: 08 de mar. de 2023.

descartar tudo que fazia parte da memória do CPOE, liquidando com sua parte técnica (QUADROS, p. 167).

O planejamento da Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul passou a ser feito de acordo com as orientações e diretrizes do Ministério da Educação. Segundo o Ministro cel. Jarbas Passarinho:

(...) orientavam-se por “novas concepções” de atuação, formas “não convencionais” sugeridas pelo conceito de “revolução na educação”. Para o ministro, a educação ocupava um lugar central na planificação do desenvolvimento “pela interação entre educação, recursos humanos e desenvolvimento” (MEC, 1970, p. 7).

A partir desta “reorganização” da Secretaria de Educação e Cultura (SEC) do RS, determinada pelo decreto nº 21.120, de 17 de maio de 1971, com a implantação de um novo modelo de gestão educacional, o CPOE/RS teve suas atividades encerradas (QUADROS, 2006, p. 183).

Se contabilizar todo o período da existência do CPOE/RS, entre 1943 e 1971, o número total de estudantes matriculados no ensino primário foi de pouco mais de cem mil para 1.165.703.

O ano de 1971 será guardado como trágico, não só para a Educação no Rio Grande do Sul. Em junho do mesmo ano, o Decreto 68.728, dispunha que o incentivo, a orientação, a coordenação e a execução, quanto ao Livro Técnico e o Livro Didático, suas diretrizes para a formulação de programa editorial e planos de ação, passavam a ser do Ministério da Educação e da Cultura⁵⁴. Em agosto do mesmo ano, a Presidência da República fixava as diretrizes e bases para o ensino do 1º e 2º graus⁵⁵, favorecendo a formação de mão-de-obra. E só.

Em março deste mesmo ano, o professor Anísio Teixeira, franzino, pacato, talvez a maior inteligência que já houve no Brasil, saiu para visitar aquele que estabeleceu a língua brasileira, Aurélio Buarque de Holanda, a fim de cumprir o rito da Academia Brasileira de Letras. Ele havia se tornado candidato pelo convencimento dos amigos de que, o seu pensamento, deveria voltar à tona no cenário brasileiro. Após tomar o ritualístico chá, o professor sumiu. Três dias depois

⁵⁴ Decreto nº 68.729, de 9 de junho de 1971. Diário Oficial da União - Seção 1 - 11/6/1971, Página 4458 (Publicação Original); Coleção de Leis do Brasil - 1971, Página 198 Vol. 4 (Publicação Original).

⁵⁵ Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

o seu corpo foi encontrado, no fosso do elevador do prédio onde morava o irmão de Sérgio Buarque, pai do Chico. O cérebro do professor tinha sido brutalmente agredido, por militares da aeronáutica, a pauladas e o corpo jogado no fosso.

Para que ninguém esqueça o que significa a luta pela educação pública de qualidade.

Os livros da professora Cecy? Deixaram de circular. Eram muito perigosos. Dessa professora, nos ocuparemos no capítulo seguinte.

“Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar a máquina que prepara a democracia. Esta máquina é a escola pública de qualidade”⁵⁶, disse Anísio Teixeira, antes de ter o seu cérebro transformado em mingau pelos militares.

⁵⁶TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. **Biblioteca Virtual Anísio Teixeira**, 1989. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educacao8.html>>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

3. A Mestra

Antes de ir além, peço a devida vênia acadêmica para expor algo do ambiente familiar onde viveu a professora Cecy Sampaio Cordeiro (depois do casamento, Cecy Cordeiro Thofehn, nome que utilizou nos seus livros). A vênia se deve ao entendimento de que o “meio”, perceptível no mergulho em busca da energia original, agiu tal qual uma dinamite, detonadora de processos sensíveis e inspiradores para os caminhos percorridos, o que fizeram da professora Cecy, uma pioneira.

A sala está escura, mas a luz prata, do antigo projetor, dá vida às coisas. A memória parece estar impregnada dessa luz argenta. A imagem tremida do filme em 16mm, mostra a minha vó e meu avô, o geógrafo Hans August Thofehn, nos idos dos anos 40. O instante é o da construção da casa onde moro hoje, mais de setenta anos depois. É daqui que estou falando, ao lado da biblioteca que alimentava a criação dos livros da vó, diante das gavetas enormes para os mapas do meu avô. Ele eu não conheci. Estas coisas tremendas da vida, que se descobrem como um lamento, quando são irreversíveis. Minha mãe veio morar aqui aos nove anos e permaneceu até a sua partida, aos 64 anos. Na entrada da casa, ao lado da porta, tem um azulejo com a pintura do nome do vô e, em baixo, “cartógrafo”. Geógrafo, historiador, nascido na Alemanha, o bairro Rio Branco, onde fica a casa, foi traçado por ele. Tínhamos, eu e meu irmão, Beto Coelho, durante toda a nossa infância, um mapa de Porto Alegre feito pelo vô. Dessa forma, a casa tem características alemãs, como, por exemplo, aquelas câmaras frias, que são colocadas entre o telhado e as altas janelas, para deter o frio, mas que acabam se tornando um forno no verão e aconchego para as abelhas. Por ser construída numa rua e num terreno em aclive, o alicerce da casa precisou ser de blocos corridos de pedra. A imagem do filme mostra esta etapa da construção da casa. O avô, com pinta de gala de cinema, bigodinho à Clark Gable. A avó – é a imagem que trago – com um sorriso permanente. Ela tinha uma energia contagiante.

Segunda filha de Arlindo Olyntho Licht Cordeiro e Olinda Sampaio (depois do casamento, Olinda Sampaio Cordeiro), Cecy Sampaio Cordeiro nasceu em 10 de setembro de 1916. Ela tinha outra irmã quatro anos mais velha, a Aracy, que nasceu quando sua mãe tinha 14 anos. Também tinha dois irmãos mais jovens: o

João, quatro anos mais moço; e o Ruy, com uma diferença de dez anos. Arlindo era filho do segundo casamento de Maria Amália Werlang Licht, com Balduino Olyntho Rosa Cordeiro. Os Licht são uma família original de Mülheim am Mosel (à margem do rio Mosel), no estado de Rheinland-Pfalz (Renânia-Platinado), todos descendentes de Mathias Licht, que viveu no final do séc. XVII. Vieram na primeira leva de alemães colonizadores para o Brasil. O primeiro registro dos Licht no país é da presença dos avós de Arlindo, Carl Philipp Licht e, sua esposa, Anna Maria Bottler, em 1829, cinco anos após o início da imigração alemã, em 1824.

Os filhos do Arlindo Olyntho e Olinda, tiveram destinos muitos diferentes.

Logo que nasceram os quatro filhos, apenas três anos após o último vir ao mundo, Arlindo foi atropelado na Lomba do Sabão, ao ir visitar a mãe, que era dona de terras naquela região, provavelmente, onde se fixaram os cemitérios. Arlindo trabalhava com a fabricação de velas, justamente, para os cemitérios. Minha bisavó, a vó Velinha, ficou viúva com 30 anos e com quatro filhos para criar. Consta, inclusive, que chegou a pegar esmola na rua, para que os filhos pudessem estudar. Na realidade, dos quatro irmãos, somente a vó foi avante nos estudos, os demais tiveram que ir cedo trabalhar. Era uma tradição das famílias pobres, uns irmãos trabalhavam, para que outros pudessem estudar. Curiosamente, também do lado da família do meu pai sucedeu o mesmo. Eram quatro irmãos, só que, entre eles, três foram estudar e um trabalhar, o meu avô. Infelizmente, este fato é ainda no Brasil uma realidade.

Nasceu daí, talvez, o amor extremado pelo ensino que toca tão profundamente a futura professora Cecy. A sua trajetória profissional está descrita, pormenorizada, na tese de doutorado “A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978): uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente (1960-1978)⁵⁷, onde são ordenados e analisados os documentos por mim encontrados, na “morada” da professora Cecy e entregues ao pesquisador Antônio Maurício Medeiros Alves. Uma pasta onde

⁵⁷ALVES, Antônio Maurício Medeiros. **A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978)**: uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente. 2013. 320f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1674>>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.

estava escrito à lápis “meus papéis” e que continham documentos sobre toda a sua carreira. A morada é o lugar onde os arcontes faziam a passagem do privado ao público. (DERRIDA, 2001).

Em 2009, eu era diretor da Usina do Gasômetro e fui entrevistado por Eduardo Bins Ely, para a sua coluna no *Jornal do Comércio*, “Vida Social”⁵⁸. Na apresentação, ele colocava o meu nome inteiro, além do apelido Caco Coelho. Juntando esta informação com o que o pesquisador já tinha localizado, sobre os descendentes da vó, no site da Família Licht⁵⁹, pode, então, me encontrar. Toca o telefone na Usina do Gasômetro, sou informado que querem falar sobre a minha vó: “Presumo que tu sejas neto da tua avó, a professora Cecy?”, disse o pesquisador ao telefone. Logo nas primeiras palavras tivemos que parar. Os dois choravam copiosamente pela emoção que nos uniu. Dia seguinte, ele veio a Porto Alegre acompanhado de outro professor da UFPEL, do núcleo de estudos da história da alfabetização. Traziam, em mãos, um livro sobre a produção, difusão e circulação dos livros, que fazem parte desta história, em Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. No livro, a menção de que a profissionalização da pedagogia, passa pela professora Cecy. Éramos, eu e meu irmão, ainda criança quando ela morreu, não tínhamos ideia da sua dimensão. Acredito que ela também não.

Em 1937, com 21 anos, a professora Cecy se formou no Curso Complementar da Escola Normal General Flores da Cunha. Nos dez primeiros anos de formada, foi professora em sala de aula. Nesse meio tempo, se casou com Hans August Thofehn, provavelmente em 1938, já que a única filha do casal, Iara Maria Thofehn Coelho, nasceu em 25 de setembro de 1939.

Em 1947, a professora foi designada a participar do Curso de Administradores Escolares, no Instituto de Educação. Com doze anos de magistério, foi colocada à disposição do CPOE “tendo exercido a função de orientadora do Ensino Primário nos grupos da capital” (ALVES, 2013, p. 131).

⁵⁸ELY, Eduardo Bins. Múltiplo talentos. *Jornal do Comércio*, 2009. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/colunas/vida-social/2009/08/amp/890884-multiplos-talentos.html>>. Acesso em: 13 de mar. de 2023.

⁵⁹ FAMÍLIA Licht. Família Licht no Brasil, 2022. Página inicial. Disponível em: <<http://www.familialicht.com.br/index2.html>>. Acesso em: 13 de mar. de 2023.

Em 1951, conforme já citado no capítulo anterior, esteve junto ao INEP, quando Anísio Teixeira era o presidente do Instituto.

No ano seguinte, a partir de janeiro, foi nomeada para exercer o cargo de Orientadora de Educação Primária do CPOE.

Em 1953, ministrou aulas sobre o Método Global de Contos para às Orientadoras de Ensino que estagiaram no CPOE.

Aqui, precisamos parar um pouco, pois estamos no instante em que vai ser dado o grande salto. Sim, também a professora Cecy deu um grande salto, assim como o Brizola havia feito. Existem, pelo menos, três teses sobre o trabalho da professora Cecy. O início da pesquisa se dá com a professora doutora Eliane Peres, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Seu interesse começa quando de um trabalho que investigava a produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul. O que ela analisa são os livros “Queres ler” e “Quero ler”, cartilhas adaptadas do “Primeiro livro de leitura Quieres Leer” do professor uruguaio José Figueira.⁶⁰ Neste livro é utilizado o “método intuitivo analítico sintético para o ensino da leitura” (PERES, 1999, p.101). Depois, em 2003, seu interesse é pela divulgação e adoção do “Método Global de ensino e leitura”⁶¹. No ano seguinte, ela publicou o texto “A produção e a circulação de cartilhas do Método Global de ensino e leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). É quando se dá o seu encontro com a obra da professora Cecy, que utilizava este método, diferente dos livros que haviam sido analisados anteriormente. Na sequência, a pesquisadora pelotense, publica diversos trabalhos sobre a produção de livros e centra sua pesquisa em torno da professora Cecy, em “História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)”⁶². Neste livro, em um dos três artigos que fazem parte desta edição, um é

⁶⁰ PERES, E. **A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? E Quero Ler.** I Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil. Campinas, SP, de 13 a 16 de out. de 1998. *In*: História da Educação, 6:89-103. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4891625.pdf>>. Acesso em: 14 de mar. de 2023.

⁶¹ PERES, E. & CEZAR, T. **A divulgação e a adoção do Método Global de ensino e leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970).** Anais do IX Encontro Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação: História da Educação, Literatura e Memória. Porto Alegre, ASPHE, jun. de 2003.

⁶² FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs). **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX).** Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

exclusivamente dedicado à análise dos “Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofehn”. A esta altura, a pesquisadora, junto com seus pares, já tinha criado o CEIHE. Entre estes pares, estava o professor de matemática Antônio Maurício Medeiros Alves. É quem vai atender a provocação da pesquisadora Eliane e dar continuidade ao estudo, concluindo sua tese de doutorado, em novembro de 2013. Nesse período, já mantinha estudos em outro centro de pesquisas, junto à mesma Universidade, o HISALES.

A partir deste trabalho, com o foco voltado para a presença do ensino da Matemática Moderna nos livros da professora Cecy, estes em parceria com a professora Nelly Cunha, tema em que foram as pioneiras no Brasil, outros trabalhos acadêmicos surgiram, igualmente, com o foco na matemática. Este é o caso da dissertação de Mestrado “Saberes Matemáticos na Coleção de livros didáticos “Brincando com Números” (1956-1960)⁶³.

Outros três trabalhos foram apresentados, todos da mesma pesquisadora, professora Francine Fernandes Araújo. Um, no âmbito regional, no 1º Seminário Práticas e Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul, “Cecy Cordeiro Thofehn: professora e autora de coleções didáticas para o ensino primário”⁶⁴. Outro foi apresentado no Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, com o título “Cecy Cordeiro Thofehn e o manual didático *Brincando com números*”.⁶⁵ E, da mesma pesquisadora, em parceria com a professora doutora Circe Mary Silva da Silva, no VII Congresso Internacional de Ensino da Matemática: “Cecy Cordeiro Thofehn: Uma Professora e Autora Gaúcha”.⁶⁶ Todos os trabalhos, após o pontapé inicial dado pela professora

⁶³ ARAUJO, F. **Saberes Matemáticos na Coleção de livros didáticos “Brincando com Números” (1956-1960)**. Tese (Mestrado em Educação Matemática). Faculdade de Educação. UFPEL. Pelotas, 2018. p.111.

⁶⁴ _____. Cecy Cordeiro Thofehn: professora e autora de coleções didáticas para o ensino primário. Artigo. Universidade Federal de Pelotas. UFPEL. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184464/001077803.pdf?sequence=1#page=82>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

⁶⁵ _____. Cecy Cordeiro Thofehn e o manual didático *Brincando com números*. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba, 2016. **ebrapem2016**. Disponível em: <http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd5_Francine_Araujo.pdf>. acesso em: 12 de mar. de 2023.

⁶⁶ _____.; SILVA, C. M. S. Cecy Cordeiro Thofehn: uma professora e autora gaúcha. Comunicação Científica. VII Congresso Internacional de Ensino da Matemática. Ulbra, Canoas. **conferencias.ulbra**, 2017. Disponível em:

Eliane, que se deteve em aspectos envolvendo o ensino da linguagem e circulação, foram dedicados ao estudo da matemática.

Retomando a linha da vida, em 1953, Hans Thofehrn participou de um Seminário em História e Filosofia da Geografia, na George Washington University. Em 1954 concluiu sua participação no Seminário e cursou Cartografia, no Departamento de Geografia da mesma Universidade, e obteve “Proficiência em Produção de Cartas e Mapas”, pela U. S. Coast and Geodetic Survey.

Entre 1952 e 1953, é o que mostram os “Meus papéis”, a professora Cecy tentou, por diversas vezes, a obtenção de bolsa de estudos a fim de realizar cursos de especialização nas Universidades norte americanas, por ocasião da presença do esposo naquelas terras:

Os demais documentos disponíveis sobre Cecy Cordeiro Thofehrn mostram que, após as diversas solicitações para realização de cursos de aperfeiçoamento no exterior, ela conseguiu, finalmente, a autorização do Secretário de Educação e Cultura e do Governador do Estado, através da Portaria 8359, de 27 de outubro de 1953, para afastar-se pelo prazo de nove meses, a partir de 1º de novembro desse mesmo ano, a fim de realizar viagem de estudos aos EUA, sem prejuízo dos vencimentos (...) (ALVES, 2013, p. 134).

Mesmo que as diversas cartas localizadas entre os papéis indicassem o desejo de que os cursos fossem na “George Washington”, estes foram realizados na “The American University”.

Nesta Universidade, a professora Cecy, realizou dois cursos: 1) *Methods of Teaching in Elementary Schools*, no período de fevereiro a abril de 1954; e 2) *Administrative Problems of the Modern School*, no período de junho a julho de 1954. (ALVES, 2013, p. 135).

Consta que “Sarita e seus amiguinhos” tenha sido editado em 1953. Outros dados apontam o ano de 1954. O certo é que esta série vai alcançar 59 edições até o ano de 1958, se constituindo em um imenso sucesso editorial. Tampouco existe qualquer que seja o estudo sobre esta coleção, ou sobre os textos presentes neste ou

nas outras cinco séries de livros que tem a autoria da professora Cecy e suas parceiras. É, certamente, um trabalho que deve ser levado a diante.

Em 1955, ingressou na Faculdade de Filosofia da PUC-RS.

No mesmo ano, lançou a nova série “Linguagens e Estudos Sociais e Naturais, do 1º ao 4º ano, que integrava mais de uma disciplina escolar, além da matemática que estaria contemplada na próxima coleção.

Em 1956 tentou, novamente, ir cursar uma especialização, desta vez, na Sorbone, em Paris, onde havia um núcleo de estudos sobre Jean Piaget, após sua passagem por lá, e de quem ela era seguidora.

No mesmo ano, a professora Cecy, lançou esta terceira série de livros, exclusivamente dedicados à Matemática: “Brincando com Números”, também do 1º ao 4º ano primário. Ao apresentar as inovações no campo da Matemática Moderna, fazia relação com poemas e ilustrações, o que Araujo (2018, pp. 82 e 83) chama de “poemas matemáticos”. No livro do 1º ano, na introdução do *Notas do Professor* havia o seguinte texto, que coincide com os princípios sensoriais e operatórios de Piaget:

Muito antes da criança ingressar na escola ela possui e usa certos conceitos matemático associados a pessoas, animais ou coisas. Não é raro vermos uma criança de três anos dizer que tem um, dois ou três carrinhos. Ela pode contar uma duas, quatro bonecas e mostrar ou mesmo dizer, que tem três anos. Ela usa o nome dos números, mas não conhece sua significação quantitativa. Com a idade mental de quatro para seis anos as crianças estão mais certas sobre o uso de ideias numéricas e começam a perceber conceitos abstratos como muito, pouco, maior, etc., em diferentes situações. De seis para sete anos ela é capaz de fazer comparações fáceis e aprende a contar. Então a criança conta tudo o que pode: bonecas, caixinhas, pintinhos, pessoas, casas, nas ocasiões que se lhe apresentam. Aos sete anos já emprega primeiro, segundo, etc. Assim, ao iniciar seu trabalho no primeiro ano, o professor terá o cuidado de, inicialmente investigar os conhecimentos matemáticos que a criança possui a fim de corrigi-los quando não exatos e ampliá-los. Para isso, através de palestras, guiará a observação da criança para as pessoas ou coisas que a rodeiam, questionando-a sobre o número delas. O aluno verá que o professor é um só, que a porta da sala é uma só, que a mesa é uma só (ideia de unidade); que os colegas são muitos, que as carteiras são muitas (ideias de coleção). Urge seja muito usada a observação de gravuras com objetos, figuras ou desenhos para comparação e contagem de quantidades. Bolinhas, grãos, pauzinhos servirão idealmente para a concretização quantitativa. O professor aproveitará todas as ocasiões para fazer o aluno contar e sentir o número dentro de seu uso real. A Matemática precisa ser ensinada através do meio ambiente, adaptada à vida da criança, a fim de que ela possa compreender o meio em que vive, em seu aspecto quantitativo e

numérico. Ao iniciar a noção de número é necessário ligá-lo ao objeto real: um livro, uma boneca, uma bola, dois meninos, para que a criança sentindo o número, dê-lhe significação. Sendo o desenvolvimento do raciocínio a principal finalidade da Matemática, esta deve ser dada através de problemas em situações reais de vida. É necessário que os problemas sejam variados na forma e no conteúdo, apresentem uma linguagem clara, conhecida e usada pela criança, sejam reais e estejam dentro das experiências da criança. A Matemática não deve, pois, ser ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Matemática, mas deve atender a situações reais e corresponder a situações que têm probabilidades de ocorrer. Assim, muitos exercícios poderão ser feitos pela criança, associados a fatos da vida da escola, família e brinquedos (THOFEHRN e CUNHA, 1960, p. 1).⁶⁷

A estrutura do nosso TCC, alicerçada em capítulos que nomeiam as etapas de uma construção, desde o arquiteto, passando pelo engenheiro, chegando à mestra, à obra, ao habite-se, à morada, é uma referência ao construtivismo de Jean Piaget.

Em 1957, a professora Cecy se formou no curso de Bacharel em Filosofia na PUC-RS e, no ano seguinte, concluiu a Licenciatura no mesmo curso.

1959 marcará a chegada de Leonel Brizola ao governo do Rio Grande do Sul e a imensa mobilização que ocorreu, como vimos no capítulo anterior. Em 1960 será implementado, integralmente, o novo Plano de Educação do Ensino Primário.

Neste mesmo ano, foi lançada a nova série de livros, já de acordo com os novos parâmetros educacionais, “Estrada Iluminada”. Agora, em parceria com a professora Nelly Cunha, a professora Cecy, por meio da Editora do Brasil, apresentava a coleção, com um perfil claro sobre o prestígio que a cultura gaúcha teria nestes livros:

Todas as capas dos livros, apesar de produzidos para uso nos diferentes anos escolares, possuem a mesma imagem: um homem com trajés típicos do Rio Grande do Sul, encostado a uma cerca de madeira, conversando com duas crianças sentadas aos seus pés. Tem, ao fundo, a imagem de uma casa cercada de animais do campo, como vacas e cavalos. Essa imagem empresta aos livros dessa coleção uma ideia de regionalismo, o que será confirmado com a apresentação dos diferentes personagens em contextos que, muitas vezes, remetem à vida no campo e com a presença de muitos textos pertencentes a autores gaúchos. Esta parece ser a proposta das autoras para a coleção: **promover a valorização da tradição e da cultura gaúcha** (ALVES, 2013, p. 145)

Esta série, em três anos, dentro do período do governo Brizola, alcançou 37 edições, com cinco mil exemplares cada uma. Entendidos que a coleção dispunha

⁶⁷Apud Araújo, 2018, pp. 41 e 42.

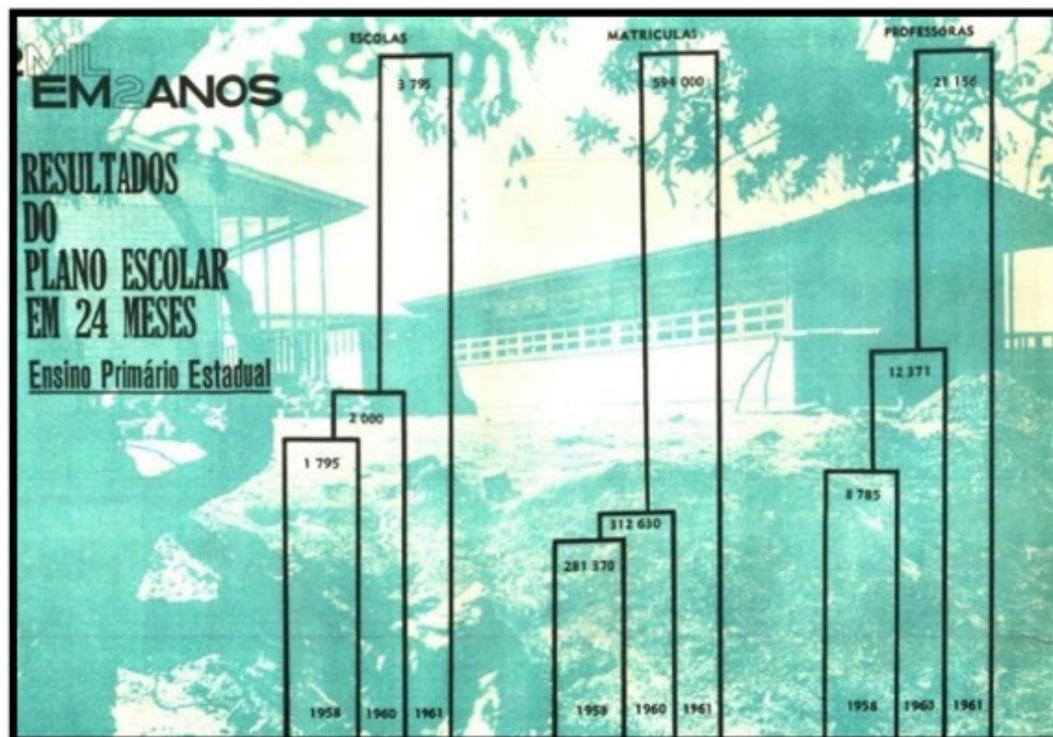
um livro para cada um dos cinco anos, na época, denominada como Ensino Primário, estamos falando da circulação de quase um milhão destes livros neste período. Estes números nunca chegaram a ser contabilizados. Todos os livros, porém, tinham na 4ª capa a edição e a respectiva numeração do exemplar. Nos diversos livros que foram levantados nas pesquisas anteriores, bem como no presente trabalho, os números indicam para isto. Contabilizando uma projeção - não são números copiados de uma tabela, mas baseado em várias outras tabelas e dados aqui dispostos e pesquisados -, permitiria supor que caberia a cada um dos cinco anos primários um montante de 200 mil livros. A implementação da Reforma do Ensino Primário e o Plano de Escolarização andaram, evidentemente, juntos. “São trilhos”, um precisa do outro para funcionar, como costumava dizer Leonel Brizola.

“Estrada Iluminada” ainda alcançou 45 edições.

O que nos importa, entretanto, além desta presença maciça dos livros pelo Rio Grande a fora, é a conclusão da citação feita acima: “**promover a valorização da tradição e da cultura gaúcha**”. Com isso, oferecemos a primeira pista sobre o questionamento a respeito do “perigo” que seria detectado pelo governo militar, presente nestes livros.

Havia uma revolução em curso. Este sentido é percebido no citado “A Última Revolução: o Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul”, ao apresentar números que demonstravam o salto educacional realizado ao longo dos dois primeiros anos do governo:

Figura 3: Resultado do Plano Escolar em 24 meses.



Fonte: Revista do Ensino, v. 10, nº 76, 1961.

A didática dessa revolução era semeada pela Educação, a partir da promoção da identidade. Este era o fator revolucionário presente nos livros da professora Cecy Cordeiro Thofehn e suas parceiras. Criar instrumentos sensíveis para favorecer o reconhecimento da Nossa Terra Nossa Gente.

Entre 1965 e 1966 foi preparada a nova série, “Nossa Terra Nossa Gente”, pelas professoras Cecy e Nelly, também para a Editora do Brasil. Estes livros davam continuidade à série anterior, “Estrada Iluminada”, na maioria dos aspectos. As modificações ou eram de forma a corrigir algum erro ou na adaptação aos avanços educacionais. Mas o cerne das duas coleções é centrado na promoção dos valores gaúchos, cumprindo o que notabiliza Morin sobre este fator (2016).

“Nossa Terra Nossa Gente” acabou sendo o maior sucesso editorial entre todos os que a professora Cecy participou, atingindo 77 edições. Mas isso, ela não chegou a presenciar.

A professora Cecy possuía um apartamento na praia de Rainha do Mar, quando só havia dois prédios, o edifício onde a vó morava e o Hotel. Em 1968, ela vendeu o apartamento e comprou um terreno em Atlântida e o meu pai, seu genro,

o médico Saulo Notarjagamos Coelho, ficou de construir a casa. Fomos um dos pioneiros na praia, que se tornaria a praia da moda, nas décadas seguintes. Foram os anos em que eu mais convivi com ela, com sua incrível energia vital. Ela não parava os pés descalços, batendo compulsivamente os calcanhares no chão, sentada numa cadeira de praia, no alpendre da casa. “- Ricardinho!”, dizia ao me ver de manhã. Acredito que o hábito que tenho de acordar cedo vem daí... memórias... vai se abrindo as gavetas e elas vão saltando... O seu sorriso me despertava. Não lembro se tomávamos chimarrão. Acho que não, mas a minha sensação era a de que tomava algo, pois ela contagiava com sua permanente vibração.

Todo o dinheiro que ela juntava com os livros – apesar dos significativos números, o resultado financeiro não correspondia –, era para fazer viagens no final do ano, com as meninas, como costumava dizer, suas colegas de magistério. Foi para várias partes do mundo, de preferência, em cruzeiros marítimos.

Na nossa infância, ela nos levava no seu Simca Chambord, vermelho e branco, para ver as corridas de cavalo no jóquei. Ainda não haviam muros cercando as pistas e fazíamos pic-nic dentro do imenso automóvel. Um dia ela resolveu trocar por um fusca, 1968, cor vinho.

Era abril, do fatídico ano de 1971, dia de Tiradentes. Feriado. Um calor abafado aterrava toda a gente. Eu e meu irmão costumávamos ficar na casa dela, quando nossos pais precisavam, mas, neste dia, tínhamos ficado com o vô Ado, pai do meu pai. Os prédios onde os avós moravam eram bem próximos, dessa forma, a gente podia ver da janela de um apartamento, o outro, no outro lado da Praça Conde de Porto Alegre, onde a vó morava, no edifício Cruz Alta. Um pequeno apartamento, de quarto e sala.

O apartamento enorme do vô cruzava de lado a lado do seu prédio. Eu e meu irmão estávamos vendo televisão. Toca o telefone. O semblante do vô muda completamente. Eu e meu irmão nos olhamos assustados. Eu tinha nove anos e ele dez. Não podíamos compreender o que estava havendo, mas o vô nos informa que vamos passar uns dias com ele em uma praia de Guaíba, ironicamente, chamada Alegria, onde morava um grande amigo dele. Porém, tínhamos que pegar algumas mudas de roupa em casa. Fim do dia, entrada da noite, fomos em casa. Meu Deus...

Estávamos blindados em meio a prantos generalizados. Fomos informados que a vó sofrera um acidente, mas que estava bem. Ela e uma amiga tinham saído, neste dia de feriado, para dar uma volta. Fizeram a curva da Bagé com a Carazinho. Um zelador de um prédio da redondeza, tinha lavado o Dodge Dart de um morador e resolver dar uma volta no quarteirão e atingiu em cheio o fusca da vó.

Passamos uma semana em Alegria. O telefone era um acontecimento raro nesta época. Pouquíssimas vezes falamos com o pai, com a mãe não me lembro de ter falado. Só as atualizações que o vô ia fazendo. Ao fim desta semana, voltamos para Porto Alegre. O pai nos levou para dar uma volta no Gálaxi que tínhamos (aprendi a dirigir nestes carros). Comprou roupas para nós, discos, para mim, o do Tim Maia (“Coronel Antônio Bento, no dia do casamento da sua filha Juliana...”) e pro meu irmão, o do Taiguara. Na subida da Ramiro de Barcelos, o pai nos deu a notícia. A vó não tinha resistido. Tampouco sua amiga. Ambas morreram. Eu acredito, até hoje, que a vó morreu de imediato na batida do carro e não quiseram nos dizer. Nunca entramos nesse assunto. Foi uma dor tremenda. Talvez ela estivesse na plenitude da sua carreira. Um zelador pega o carro para dar uma volta e mata duas pessoas. Uma delas, quiçá, a mais destacada autora de livros didáticos da história da alfabetização do Rio Grande do Sul.

Agora, vamos conhecer um pouco mais da sua obra e do cerne da temática dos seus livros.

4. A Obra

A professora Cecy elaborou cinco coleções de livros didáticos ao longo de 18 anos, quatro em parceria e sozinha em uma. O período em que foram produzidos estes livros vai de 1953(?) até 1971. A dúvida em relação ao ano, alerta para um fato concreto da pesquisa. Como a informação não procede da própria Editora do Brasil, os dados de circulação, as datas de publicação, a quantidade de exemplares, provêm dos próprios exemplares. Muitos deles, que é o caso da coleção com que vamos trabalhar aqui, não tem o ano em que foi publicada. A edição que eu possuo do Terceiro Volume, por exemplo, tem na 4ª capa: Edição Nº 37 – Exemplar Nº 5000. Não tem a data. Trabalharemos, portanto, considerando o ano em que foi lançada a coleção Nossa Terra Nossa Gente, 1968, mesmo sabendo que o exemplar que tenho em mãos, ou os que estiveram com outros pesquisadores, pode ter sido, ou não, publicado em 1968.

A coleção Nossa Terra Nossa Gente teve continuidade, mesmo após a prematura morte da professora Cecy, reformado e atualizado de acordo com outra Reforma do Ensino, pela própria Nelly Cunha, coautora, e pela filha da professora Cecy, Iara Maria Thofehn Coelho, minha mãe, em 1975. Estas são as cinco coleções que a professora Cecy tomou parte:

Figura 4: Capa do livro Sarita e seus Amiguinhos



1ª) Sarita e seus amiguinhos (1953):

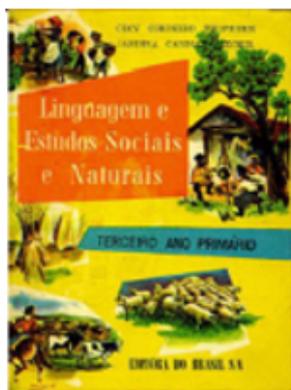
- Cecy Cordeiro Thofehn e Jandira Cardias Szechir

– 1º ao 4º ano primário

– 109 edições.

Fonte: capa do livro original (1953)

Figura 5: Capa do livro Linguagens e Estudos Sociais e Naturais.



2ª) Linguagens e Estudos Sociais e Naturais (1955):

- Cecy Cordeiro Thofehn e Jandira Cardias Szechir
- 1º ao 4º ano primário
- 49 edições.

Fonte: capa do livro original (1955)

Figura 6: capa do livro Brincando com Números.



3ª) Brincando com Números (1956):

- Cecy Cordeiro Thofehn
- 1º ao 4º ano primário
- 14 edições.

Fonte: capa do livro original (1956)

Figura 7: capa do livro Estrada Iluminada.

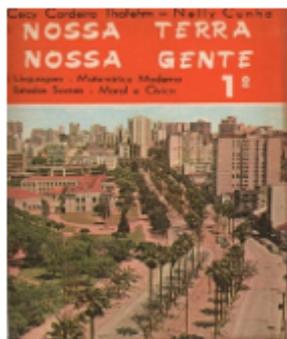


4ª) Estrada Iluminada (1960):

- Cecy Cordeiro Thofehn e Nelly Cunha
- 1º ao 5º ano, Admissão ao Ginásio, Antologia e Gramática Aplicadas
- 37 edições.

Fonte: capa do livro original (1960)

Figura 8: capa do livro Nossa Terra Nossa Gente.



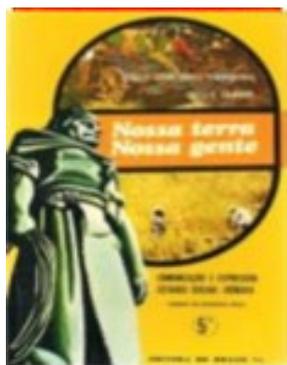
5ª) Nossa Terra Nossa Gente (1968):

- Cecy Cordeiro Thofehrn e Nelly Cunha
- Pré-livro e do 1º ao 5º ano
- 35 edições.

Fonte: capa do livro original (1968)

O formato da coleção Nossa Terra Nossa Gente era de 14cm x 21cm. Quando foi reformado e atualizado, em 1975, após a morte da professora Cecy, seu formato passou a ser de 18cm x 27cm:

Figura 9: capa do livro Nossa Terra Nossa Gente



6ª) Nossa Terra Nossa Gente (1975)

- Cecy Cordeiro Thofehrn e Nelly Cunha
- reforma: Iara Maria Thofehrn Coelho e Nelly Cunha
- Pré-livro e da 1ª a 5ª série
- 77 edições.

Fonte: capa do livro original (1975)

As edições contabilizadas aqui, são as de maior número que foram encontradas entre os exemplares pesquisados anteriormente. Pode ser que existam mais, ou mesmo, que os livros correspondentes a alguns dos livros para cada ano, não tenha tido o mesmo número de edições do que o dos outros anos. Somente se houvesse uma informação qualificada da própria Editora do Brasil, saberíamos ao certo os números totais destas coleções. Os relatos apresentados nas teses sobre os livros, dizem que a Editora foi procurada diversas vezes e que nunca forneceu o inventário desses números. Um trabalho que pretenda levar adiante o estudo sobre a obra, terá que buscar estas informações. O nosso propósito aqui é outro, qual seja, o de verificar as razões que fizeram estas coleções obter tamanho sucesso e manterem-se durante alguns anos ainda, mesmo após a determinação dos governos

da Ditadura em dizimar com este conjunto de aprendizados, retirando o apoio financeiro para estas edições. Mas, para que possamos ter uma mínima ideia do tamanho da circulação destes livros, ao longo de duas décadas, influenciando na formação educacional e cultural do povo rio-grandense, faremos uma estimativa, desta vez, reunindo o conjunto da obra. Se contados os livros de cada um dos cinco anos, multiplicando pelo número de edições encontrados, conforme aqueles que trazem na 4ª capa a numeração do exemplar, chegaremos a um impressionante quadro: possíveis 1.433 edições, produzindo 7.135.000 exemplares.

O Rio Grande do Sul possuía, segundo dados do IBGE, em 1950 uma população total de 4.164.821 pessoas; em 1960 a população é de 5.366.720 pessoas; em 1970 a população é de 6.664.891; e em 1980 alcança 7.773.837. No Brasil, a população em 1950 é de 51.994.397 e em 1980 vai para 121.150.573 pessoas.⁶⁸ Em relação a expectativa de vida, há um crescimento acelerado a partir dos anos 1970, chegando em 1990 ao gaúcho ter 12 anos mais do que a média de vida dos brasileiros. Quanto ao comportamento das migrações, no início do séc. XX, em 1900, a proporção de população não nata residente no estado é de 11,76%, enquanto no Brasil é de apenas 0,44%. Em 1940, os dados do IBGE apontam, a presença de emigrantes estrangeiros, da órbita de 5% da população total, divididos em italianos (22%), uruguaios (21%) e alemães (15%). No que tange a população potencialmente ativa, a partir dos anos 1980 há uma significativa elevação. O Rio Grande do Sul passa a ser uma referência nacional em educação. Após esta era de prosperidade educacional, o nosso estado só faz diminuir seus índices.

Havia uma congruência⁶⁹ de fatores que fixou de modo tão abrangente as coleções da professora Cecy e suas parceiras: por um lado a Reforma do Ensino Primário, concomitante a realização do Plano de Escolarização; por outro lado, as inovações da implementação do Movimento da Matemática Moderna (MMM) e a novidade do Método Global de Contos. Este conjunto de fatores locais, regionais,

⁶⁸ JARDIM, Maria de Lourdes T. **Evolução da população do Rio Grande do Sul**. TABELA 1. Texto elaborado para o Seminário Censo Demográfico de 2000, RGS, FEE, 4 de dez. de 2001. Disponível em <http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/mesa_6_jardim.pdf>. Acesso em: 17 de mar. de 2023.

⁶⁹ Congruência: relação adequada (entre uma coisa e o fim a que tende). **Priberam**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/congru%C3%Aancia#:~:text=1.,o%20fim%20a%20que%20tende>>. Acesso em: 18 de mar. de 2023.

favorecidos pela situação nacional, até mesmo, internacionais em relação ao MMM, proporcionaram esta culminância cultural, o que criou condições para a promoção da nossa identidade.

A construção das identidades está relacionada àquilo que faz parte dos contextos culturais, nas vivências dos sujeitos. De acordo com Houaiss, pode-se entender identidade como: “IDENTIDADE. *s. f.* Conjunto de características que torna única a pessoa. Ao mesmo tempo, o ato de identificar é o que permite reconhecer o outro. No aristotelismo é a unidade de substâncias.”⁷⁰ Trata-se da expressão da essência.

Ao observarmos as capas das coleções dos livros didáticos em questão, podemos constatar uma evidência: todos eles remetem a aspectos da cultura gaúcha. Esta decisão da promoção da identidade gaúcha nos livros resultará num fator empático. O termo Empatia deriva da palavra grega *empathia*, que significa paixão ou ser muito afetado (SAMPAIO, CAMINO e ROAZZI, 2009 *apud* SILVA e NUNES, p. 4). Trata-se do reconhecimento do outro, aquele que está ao nosso lado, ou, que está lá naquele rincão distante, que as escolinhas do Brizola e os livros destas professoras, foi encontrar.

As coleções, em especial “Estrada Iluminada” e “Nossa Terra Nossa Gente” se comunicam diretamente. Que por sua vez, derivam do aprendizado tido com as coleções anteriores. Trata-se de um acúmulo do conhecimento teórico somado ao conhecimento prático, fornecendo às autoras a intuição como essência do domínio da arte de ensinar (FROM, 1961). Formou-se uma cultura, um saber que se transformou na linguagem. Por serem cartilhas e pertencer ao campo da alfabetização, a linguagem é o fundamento principal.

A partir desta consideração, podemos entender que a coleção derradeira da professora Cecy, Nossa Terra Nossa Gente, porta o esplendor da sua trajetória como autora gaúcha. Em razão disso, fizemos uma leitura vertical nesta coleção e uma leitura horizontal com a edição reformada e atualizada (1975). Também foi traçado

⁷⁰ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

um paralelo entre o livro do 3º ano das coleções “Estrada Iluminada” e “Paralelas” (COELHO e CUNHA, 1979).

A coleção Nossa Terra Nossa Gente, doravante, NTNG, é apresentada por um “Livro do Mestre” e o restante dos livros, do 1º ao 5º ano, são acompanhados de um “Manual do Professor”. Nestes livros de apoio ao professor, são disponibilizadas muito mais do que simplesmente orientação para a solução deste ao daquele exercício, o que também existe. São utilizados diversos mecanismos para elevar, em primeiro plano, o professor, a fim de capacitá-lo para ir além com os seus alunos. É nesse sentido que a identidade, o lugar (DERRIDA, 2001) ganham sentido. É preciso que o “caminho seja feito ao andar”, como poetiza Antônio Machado Ruiz. “No es la vida como una entelequia, sino que es la vida o el vivir como um processo”, diz Maturana (2019) sobre os processos da vida. Enteléquia vem do grego *entelekeia*, que significa a “essência da alma”⁷¹.

4.1 A COLEÇÃO NOSSA TERRA NOSSA GENTE

A seguir, percorremos os livros da coleção Nossa Terra Nossa Gente, salientando alguns aspectos que evidenciam o objetivo do nosso trabalho:

- **Livro do Mestre**

Este Livro faz uma apresentação geral da coleção. São colocadas questões centrais que serão abordados nos livros. “É necessário usar contexto e figuras, a fim de compreender o desenvolvimento do enredo da história”, conforme Russell (1872-1970), registram as professoras na abertura do Livro do Mestre. Como matemático, Russel compôs uma das obras mais intrincadas do Séc. XX, e, ao mesmo tempo, sua figura pública era bastante acessível. “Para ele, a Matemática era lógica pura e seus princípios podiam ser resumidos a algumas categorias

⁷¹Porto Editora – *entelequia* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-03-17 13:32:37]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/entelequia>. Acesso em 17 de mar. de 2023.

externas ao seu campo teórico, como proposições e classes, no lugar de números, por exemplo”.⁷²

- **Pré-livro (1960)**

A apresentação do pré-livro anuncia que todos os acontecimentos giram em torno de duas crianças, no ambiente familiar e na comunidade. Dessa forma os temas se tornariam realmente significativos.

Diversas habilidades (TEIXEIRA, 1989) são estimuladas, de acordo com os princípios da Escola Nova. Identificar qual é a música, por meio da mímica. Por isso a música tem que pertencer aquele universo. Dramatizar as histórias que são lidas na sala de aula. Por isso as histórias precisam pertencer aos seus imaginários. Ler sempre com mais objetivos do que a simples mecânica de aprender a ler. É o que vai ampliar o mundo da criança e torná-los universais, ao “cantar a sua aldeia” ou “ao pintar”, ou ainda, “ao bailar”, seguindo os ensinamentos Tolstói. Este mesmo procedimento aplicado na leitura, também era fator envolvente no ensino da matemática, conforme o texto de abertura da coleção “Brincando com Números”.

O conjunto de provocações das autoras alcança, também, os universos particulares das crianças, prestigiando o espaço para o devaneio. Os alunos deviam ser incentivados a contar os seus sonhos. O desenvolvimento da criatividade e do espírito imaginativo das crianças deve ser objeto de preocupação por parte do professor, ponderam as autoras. Os sonhos poderiam ser expressados oralmente ou por meio de um desenho, etc.

O Manual do Professor estimula que desde o primeiro ano, os alunos deveriam ir se habituando a expressar-se com cortesia. “É um trabalho permanente que o professor deverá ir desenvolvendo, aproveitando todas as oportunidades que surgirem” (THOFEHRN e CUNHA, 1968). Isto atravessa toda a trajetória da Educação, entendem as autoras, encontrando acolhimento no que diz Mannheim

⁷² FERRARI, Márcio. Bertrand Russell – Um lógico na Educação. **Nova Escola.org**. 2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1415/bertrand-russell-um-logico-na-educacao>>. Acesso em 18 de marc. De 2023.

(1976, p.130) sobre uma das funções principais da escola “que é estimular certas atitudes úteis para a aprendizagem e também como valiosas para o imaturo, enquanto pessoa, em sua vida presente e futura.”

Ao reconhecimento da Natureza que faz parte do mundo das crianças, são oferecidos instrumentos de percepção. Aproveitar um dia de chuva, para a observação dos sons e ruídos da Natureza: o vento soprando, depois a chuva caindo sobre as folhas, os pingos do beiral do telhado. Em dias ensolarados, insistir na presença das crianças no pátio da escola. Estimular as descobertas das “pequenas coisas”: os animaizinhos, as pedras, as árvores. As ações propostas buscam a formação do ser sensível.

Os objetivos, sempre informados nas apresentações do “Manual do Professor”, coadunados com as orientações do CPOE, aspecto que, como um “pajador”, acompanha a feitura dos livros, são dispostos em dimensões gerais e específicos. Nos objetivos está disposto que ao final do “Pré-livro”:

“(…) os alunos já deverão ser capazes de se expressar com clareza, objetividade e criatividade, tanto oralmente como por escrito, ou através de expressão corporal, jogos interativos, mímica e outros meios de expressão.

Deverão ser capazes também de narrarem, dentro de uma sequência cronológica, histórias, ocorrências, passeios e excursões realizadas, bem como redigirem avisos, anúncios, convites, legendas para histórias mudas e textos para balões em histórias em quadrinhos, enfim, realizarem tanto atividades individuais como em grupos, participando destes com interesse e espírito de cooperação” (THOFEHRN e CUNHA, 1968, p. 25).

- **1º Volume – Linguagens – Matemática Moderna – Estudos Sociais – Moral e Cívica e Livro do Mestre**

Na apresentação do Livro do Mestre são elencados como objetivos a formação de hábitos, atitudes, habilidades, respeito cortesia, honestidade entre outros. Como práticas, são sugeridos, a cada nova lição, desde a dramatização dos textos, as mímicas, até a saudação de bom dia!

O plano de aula, exposto no Livro do Mestre, sugere um rito, que vai ser encontrado em todos os anos: 1º - a leitura silenciosa do texto; 2º - o professor coloca no quadro o vocabulário das palavras que são apresentadas a cada lição; 3º -

a leitura em voz alta, individual, ou em grupo; na sequência, as atividades gramaticais.

Este 1º volume, correspondente ao “1º ano” e, depois da reforma de 1975, “1ª série”, o mundo é do ambiente da casa. Os bichos da casa são o gato Bichano e o cãozinho Zumbi. São os mesmos das mesmas histórias que fizeram parte da coleção “Estrada Iluminada”. Conforme vai avançando, são incorporados novos animaizinhos do em torno da casa. São explorados, por meio de desenho, as figuras dos animaizinhos e a relação colaborativa entre eles. Mesmo com historinhas muito simples, é estimulado o gosto pela poética das palavras. Os professores são estimulados a que levem as crianças a conhecer o habitat destes animaizinhos. somente na vigésima lição que entram crianças na história: Paulo e Iarinha. Iarinha era o modo como a minha vó chamava a sua filha.

São fornecidos exemplos que trazem um caráter de pertencimento. Para aprender as horas, um relógio é recortado numa cartolina e as horas das atividades são marcadas. A partir de uma historinha que conta sobre a comida das personagens dos livros, são discutidos os cuidados com a alimentação saudável. Quando o gatinho Bichano está brincando com o novelo de lã, proporciona o espaço para falar da constituição da família. Uma pantomima sobre os membros da família é sugerida aos alunos, como um sentido de pertencimento.

Ao mesmo tempo há toda uma ausculta dos sentimentos provocados nas crianças. Quais as suas reações ao conhecer um novo animalzinho? Uma nova planta, as frutas. O aguçamento para a reprodução destes novos conhecimentos, para a sua fixação. Brincadeiras simples, como bolhas de sabão, vão criando nos alunos o domínio das habilidades.

Buscar nas experiências vividas pelas crianças a fonte de inspiração para as narrativas propostas em aula. A descrição da ida a um circo. Os aniversários dos amigos e colegas, contados pelos alunos na sala de aula. Se utilizando destes elementos diversos e novos no aprendizado das crianças, conduzir o interesse sobre as cores, sobre as formas, com desenhos, recortes, etc.

O volume encerra com as crianças indo dormir. Os cuidados que devem ter com o quarto, com a organização dos seus pertences, os hábitos, como escovar os dentes, etc.

- **2º Volume – Linguagens – Matemática Moderna – Estudos Sociais – Moral e Cívica e Livro do Mestre**

Os objetivos são especificados para este volume buscam: desenvolver o gosto pela leitura; ampliar o vocabulário infantil; desenvolver a capacidade de ler em voz alta e silenciosa; desenvolver o espírito crítico, interpretando a atitude dos personagens; desenvolver a habilidade de ler com rapidez e compreensão.

As autoras fazem a sugestão ao professor para que estimule os alunos a fazer uma ficha de leitura dos textos, provocando a percepção das palavras, com a compreensão dos significados do que está sendo lido. As histórias são maiores, em relação as do 1º Volume, assim como, todas são das próprias autoras do livro, com exceção de apenas uma, de Sidónio Muralha (1920-1982)⁷³, o texto “Bom dia”. Este autor, português de origem, veio para o Brasil início dos anos 1960. Se notabilizou como um dos primeiros escritores a se dedicar à literatura infantil.

O livro começa com uma noite de festa dos bichos. A turma aumentou e agora tem o gafanhoto, o vaga-lume. As características de cada um são exploradas, como a luz do vaga-lume, a cor do grilo, seu som estridente. Na historinha seguinte, os bichos da casa, que permanecem do 1º Volume, Bichano e Zumbi, também vão para a festa. Na próxima lição, o sapo fica sabendo e se achega. A reunião musical dos bichos é usada como estímulo para o reconhecimento dos instrumentos musicais.

A família de Paulo e Iarinha vai sendo completada com a evolução das histórias. Este núcleo vai estar em quase todas as histórias. A casa, o pátio, que formavam o ambiente do primeiro livro, neste 2º Volume, é o bairro que vai ser

⁷³ Biografia de Sidónio Muralha. **Fundacaosidoniomuralha**. 2021. Disponível em: <<https://fundacaosidoniomuralha.org.br/index.php/ct-menu-item-11/ct-menu-item-12>>. Acesso em: 18 de mar. de 2023.

reconhecido. A rua, a praça, o mercadinho, o cinema, levam as crianças para fora de casa. Também a escola passa a fazer parte das histórias.

As estações estão dispostas ao longo do ano letivo conforme a incidência de cada uma. As características das estações são mostradas com o propósito, além da temporalidade, o reconhecimento das modificações da natureza que elas causam. Nos exercícios propostos, o estímulo a que os alunos procurem poesias, textos, matérias em jornal e revistas, para guardá-las em envelopes, fazer cartazes, etc. Sair para um passeio a fim de reconhecer as árvores, colocando etiquetas nelas.

Criar um cineminha de caixa de papelão, utilizando os desenhos e imagens produzidas pelos alunos. Fazer molde e depois a própria bonequinha de pano, para as meninas. Os meninos, enquanto isso, fazem os desenhos e recortes dos móveis da casinha de boneca.

Providenciar uma lista de direitos e deveres em casa, proporcionando noções de higiene, o valor da família, práticas domésticas, histórias envolvendo sonhos, entre outras iniciativas que ultrapassam o ambiente da escola para influir no procedimento da criança desde a sua casa, contribuindo na sua formação cidadã. Compor frases e fazer mímica para poder descobrir o que cada profissão faz, tomando consciência do recorte profissional.

Estimular os trabalhos coletivos, como uma composição sobre um dia ensolarado. Soltar pipa, jogar bola, coisas que se fazem nos dias de sol. Aproveitar estes dias para identificar os pontos cardeais. Descrever um dia de chuva, o que se faz nestes dias, os bolinhos de chuva. Desenhar o que mais gosta de fazer nestes dias. Fazer barquinhos de papel para soltar na “correnteza” das chuvas. As características dos elementos da Natureza.

Promover a leitura de poesias, a fim de desenvolver o ritmo, a expressão na leitura oral, o gosto pela literatura. Dar títulos para as histórias, com a sentido da apropriação dos sentidos, estimulando a interpretação dos textos. Desenhar as frases que achem mais bonitas, observando os aspectos poéticos.

Preparar as crianças para o que elas vão vivenciar nas suas férias, estimulando atividades físicas, boa alimentação. Desenhar uma história em quadrinhos com o que vão fazer neste período. Aprender os nomes dos animais, os

nomes dos peixes. Antes do final do ano, promover um pré-Natal com amigo secreto entre os colegas.

Estes dois primeiros Volumes, traçam um percurso que atravessa o ano. O núcleo familiar vai se ampliando, como vai aumentando o espectro de reconhecimento local. Estas instâncias, o pátio, os irmãos, os bichos domésticos, no primeiro, ampliam no segundo, com os bichos da mata, o bairro, a escola. Era uma característica do ensino nesta época. No terceiro, a cidade e o estado. No quarto, o Brasil e suas Regiões. No quinto, características do país, da economia, geográficas, históricas e uma panorama internacional.

**• 3º Volume – Comunicação e Expressão – Matemática –
Integração Social**

Este Volume é o que reúne as razões centrais do nosso trabalho de conclusão de curso. Aqui são apresentados os princípios que pensamos devem ser espargidos por todo o processo educacional, como uma temática de constante aprendizagem, reflexão, para que possa oferecer à sociedade, a nossa sociedade, um manancial, ao mesmo tempo, ancestral, mas também contemporâneo. São os “peçuelos pesados de ausência”, da canção do Xuxo.⁷⁴ No Manual do Professor as próprias autoras apresentam um conjunto de vocativos:

Procuramos, ao selecionar leituras para o 3º ano, incluir textos em prosa e verso de autores rio-grandenses de épocas passadas e contemporâneas, lendas, tradições, curiosidades, episódios históricos, poesias regionais, etc.

Os objetivos da leitura nesta série primária, deverão ser, entre outros:

- despertar o gosto das crianças pelas nossas coisas, nossa cultura, tradições, nossos heróis, culto ao passado e aos homens que fizeram a grandeza do Rio Grande do Sul;

- dotar a criança de bons hábitos de leitura, gosto e interesse pela boa literatura.

Um instrumento para que possamos promover a nossa identidade e, com isso, com a empatia que isto causa, contribuir para a harmonização da sociedade. Esta semente produzirá frutos, que desenvolveremos no capítulo seguinte,

⁷⁴ Retorno (José Antônio Martins Macedo/José Firmino Pereira) Intérpretes: Os Campeiros do Cambaí/Juarez Bittencourt (Xuxo). Disco da 9ª Califórnia da Canção Nativa. Uruguaiana, 1979.

trazendo novamente à baila, o fatídico ano de 1971, que não trouxe apenas infortúnios, senão, a boa aventura como um “pendão de flexilha”.⁷⁵ “Flexilha é uma gramínea típica da região sul do país e presente nos campos sulinos. Seu fruto em forma de lança (pontiagudo e afiado) adere às superfícies e contribui na dispersão das sementes” (COUTINHO et al, 2019). Um signo da nossa identidade.

O projeto que o livro dispõe para ser realizado ao longo de todo o ano é um “Álbum Maravilhoso”. Este título é o que batiza o livro, também do 3º ano, da coleção “Estrada Iluminada”. Aqui, o “Álbum Maravilhoso”, se transforma em “Um Projeto Interessante”, A atividade percorrerá o ano e é um convite a formulação de um álbum com motivos gaúchos. O Manual do Professor refere o valor deste trabalho:

O trabalho será feito pelos alunos divididos em grupos. O trabalho em grupo proporciona grande variedade de experiências de aprendizagem, desenvolve habilidades, através da cooperação dos membros do grupo, o intercâmbio social, etc. A técnica do trabalho em grupo baseia-se numa “concepção democrática da educação”.

É um detalhe da montagem da máquina da democracia, de que Anísio nos falou. Antes de iniciar o projeto, sugere o mesmo Manual, os alunos farão junto com o professor um planejamento de como se dará este trabalho, já que ele tem um começo, meio e fim, que trará como resultado o Álbum das coisas do Rio Grande apreendidas no percurso do ano.

O primeiro texto do livro é uma poesia de Rui Cardoso Nunes (1919-2009), “Saudade”:

Não sei de onde me vem esta tendência
Que eu sinto de cantar pela existência
Os dias que vivi na minha terra.
Eu sinto que o Rio Grande me acompanha
Na saudade que eu trago lá da serra!

O poeta é natural de São Francisco de Paula, região dos Campos de Cima da Serra. Em parceria com Zeno Cardoso Nunes, seu irmão, publicou o

⁷⁵Flexilhas: Grupo Colaborativo de Estudos e Pesquisa em Letramento Científico. SIEPE. Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2019. Disponível em <<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/104518#:~:text=Flexilha%20%C3%A9%20uma%20gram%C3%ADnea%20t%C3%ADpica,contribui%20na%20dispers%C3%A3o%20das%20sementes.>>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

“Minidicionário guasco” (1994) e o “Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul” (1997).

A atividade proposta no livro é a de que os alunos utilizem as frases do poema para variar a colocação dos termos, com isso, esta linguagem vai sendo disposta ao seu manuseio. As frases contendo este sentimento terrunho vai impregnando os alunos do mesmo sentimento expressado pelo poeta, daí a colocação estratégica de um poema intitulado “Saudade” na abertura do livro que vai falar da ‘Nossa Terra’, da ‘Nossa Gente’. Terrunho é utilizado aqui para significar o homem com os pés plantados na terra, como as raízes de uma árvore, desenhou o mestre desta cultura⁷⁶, Glênio Fagundes.

O segundo texto tem o título “Rio Grande do Sul”. As colegas, Suzana e Amarílis contam para Vânia e Maria sobre uma linda poesia que encontraram. A poesia “Minha Terra” de E. Mascarello contém uma série de palavras novas para as crianças. O glossário é escrito no quadro:

coxilha – campina com pequenas e contínuas elevações, comum no Rio Grande do Sul, principalmente na região da Campanha.

minuano – vento que sopra no Rio Grande do Sul vindo da Argentina.

pingo – cavalo bom, vistoso.

tropilha – certo número de cavalos de pelo igual que, geralmente, acompanham uma égua-madrinha.⁷⁷

pago – lugar onde se nasceu, o rincão, a querência (usa-se geralmente no plural).⁷⁸

vaqueano – aquele que conhece bem os caminhos e atalhos de um lugar ou região e que serve de guia para quem precisa percorrê-los.⁷⁹

As palavras novas para alguns, conhecidas para os outros, leva a sugestão, feita no Manual do Professor, para que cada aluno faça o seu próprio dicionário. Durante todo o livro, um razoável número de palavras características do vocabulário gaúcho vai ser apresentado.

⁷⁶CAMPOS, Paulo de. Glênio Fagundes: Mestre da Cultura Terrunha”. **rima.art**. 2015. Disponível em: < <https://www.rima.art.br/cultura.rima.art.br/paginas/150917.pdf>>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

⁷⁷ A mesma definição aparece em Vocabulário Sul-rio-grandense, de Romaguera Corrêa. *In* CORRÊA et al. **Vocabulário Sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Globo, 1964.

⁷⁸ A mesma definição aparece em Vocabulário Gaúcho, de Roque Callage. *Idem*.

⁷⁹ A mesma definição aparece em Vocabulário Sul-rio-grandense. *Idem*.

Outro texto do português, Sidónio Muralha, é utilizado para falar de um dos símbolos do Rio Grande: o pássaro João-de-Barro. O título do poema é sobre a “profissão” do pássaro, ou seja, “Oleiro”. Entre as atividades sugeridas na lição, a identificação de outras profissões. Fazer, junto com as crianças uma casa de barro como as do pássaro, como sugestão para o desenvolvimento das habilidades das crianças.

As autoras escolheram um fragmento do poema “Vocabulário Crioulo”, de Amandio Bicca, para fincar o sentido do enriquecimento proporcionado pelas palavras que contém o som do Nativismo. O poema ele mesmo serve como um dicionário dos termos gaúchos, transformando os versos em verbetes:

NO Rio Grande é diferente
Até na maneira de falar
Lindo é ver a nossa gente
No galpão a conversar

Fogo de chão é FOGÃO,
TRAÍRA ou XERENGA é faca,
Mate amargo, CHIMARRÃO,
Cinta com bolso, GUAÍACA.

GUAPO, quer dizer valente,
MÁULA, é frouxo, sem valor,
MATURRANGO, inexperiente,
VAQUEANO, conhecedor.

CAMPIAR é procurar,
RECOLUTAR, recolher,
BANCAR NA RÉDEA, parar,
BATER NA MARCA, correr.

A primeira atividade pelo livro é para que os alunos busquem ampliar o seu vocabulário gauchesco, procurando informações com as pessoas da localidade, em livros, revistas e em outras fontes. Temos que lembrar que o público a quem se destinavam estes livros era, em parte considerável, para crianças que moravam no

interior do estado. Não que não se dirijam às crianças de Porto Alegre, mas a tonalidade do livro, e podemos mesmo dizer, da coleção, ou ainda, das coleções, tem o ambiente rural como palco das histórias, acentuadamente.

O processo que é aplicado transforma em matéria-prima este linguajar. No exercício para “sublinhe os verbos” as frases são:

Os peões encilhavam os cavalos.

À hora do meio-dia, os peões descansam, à sombra de uma árvore.

O carreteiro acende o fogo.

O cantar dos pássaros alegrava o capão de mato.

Os bois puxam a carreta.

O gaúcho leva os seus pertences na guaiaca.

Em outro exercício (4), desta mesma lição, é pedido que o aluno “complete, destacando as orações dos períodos”:

- a) Os gaúchos partiram para as lides do campo, quando o dia raiou.

1ª oração -

2ª oração -

- b) O Sol ilumina as coxilhas, logo que surge no horizonte.

1ª oração -

2ª oração -

No exercício (5) seguinte, é pedido que o aluno “Destaque das frases o que se pede a seguir:

- a) O gaúcho galopa pelas coxilhas, orgulhosamente.

Sujeito -

Aquilo que se diz do sujeito -

Uma colega da turma imaginária do livro, a Suzana, encontrou outra poesia linda “sobre o tipo regional que habita o Sul – o gaúcho, que é o texto da próxima lição. A poesia é “O Gaúcho”, de Ernani Fornari (1899-1964)⁸⁰. A poesia descreve as heranças que o gaúcho possui dos povos que nos formaram, aqui elencados como: os espanhóis, os lusos e os charruas. Não há a presença do negro entre os povos que deram origem a este gaúcho. No próximo capítulo vamos ver que a presença do Negro se dá muitos anos após o surgimento do tipo gaúcho, portanto, se o poeta estava falando do nascimento do tipo, ao longo de três séculos, realmente

⁸⁰ Poeta riograndense, filho de um imigrante italiano. Escreveu a biografia do padre Landell de Moura.

não havia a presença ainda do africano. Transpomos o primeiro verso do poema “O Gaúcho”:

Herdou dos espanhóis o exagero e os rompantes,
Do luso – o aventurismo e o gosto da saudade,
Do charrua a amizade aos cavalos velozes,
E o delirante amor à sua liberdade.

O exagero vai nos transformar em épicos; o gosto da saudade vai nos fornecer Lupicínio Rodrigues; e, talvez, a maior homenagem que se possa prestar a ancestralidade charrua seja, realmente, o delirante amor pela liberdade.

Para falar de Porto Alegre, “a cidade-sorriso”, as autoras vão buscar um texto que Manoelito de Ornellas escreveu sobre a capital dos gaúchos. Este poeta, jornalista, tradutor, professor e ensaísta, produziu uma das obras que tomaremos como referência ao tratar da trajetória da nossa formação, o livro “Gaúchos e Beduínos”. Neste mergulho em Porto Alegre, o texto de Gastão H. Mazon, “O Leiteiro”, conta velhos hábitos da cidade. Nem tão velhos assim, alguns de nós conhecemos este hábito do leiteiro deixar, atrás da porta, as garrafas de leite.

Todas as macro regiões do estado vão sendo apresentadas, por meio das histórias de cada lição. Em um texto das próprias autoras, os alunos receberam retorno de uma correspondência de uma carta que haviam enviado a outros alunos que moravam na Região Missioneira. É a oportunidade para conhecer a cultura que envolve aquela região, mas também, serve para os alunos irem até o Correios e enviarem as suas cartinhas.

Também são utilizadas duas lendas para as lições sobre o lado místico dos povos originários: “A casa de M’Bororé” e a “Lenda de Sepé Tiaraju”. No final da lição sobre o indígena, as autoras apresentam a sugestão dos próprios alunos procurarem ler sobre o assunto a fim de escrever uma composição com o título: “Os sete povos das missões”.

No texto sobre a região da Campanha, o “avô de Ricardo”⁸¹, um dos colegas da turma que o livro fala, mora em Alegrete e convidou as crianças para passarem as férias do meio do ano em sua estância. Ao ensejo da historinha, é proposta uma

⁸¹ Se fosse “Ricardinho” poderíamos cravar que era uma referência ao seu neto, no caso, eu.

composição tendo os temas das “Férias na Campanha”, “O que pretendo fazer nas férias de inverno” ou “Um passeio inesquecível”.

O texto de Darcy Azambuja (1903-1970)⁸², “Estância do Lagoão” trata da vida dos tropeiros, que se utilizavam da Estância para descansar das longas viagens pelas voltas do Uruguai. O texto é utilizado para provocar as crianças a criarem elas mesmas, uma estância, fazendo um tabuleiro de areia onde erguerão as casas, os currais, colocarão suas “tropas de osso”. Este brinquedo foi o mais característico do Rio Grande do Sul (SARAIVA, 1979).

O poema “Paisagem”, de Lauro Rodrigues (1918-1978)⁸³, é mais um dos textos referentes desse 3º Volume. Para esta tese, servirá como um ponto de contraste, ao tratar das consequências da intervenção do governo militar na Educação e a inconsequente desregionalização. O poeta Lauro Rodrigues foi um inovador na comunicação da cultura gaúcha. Ele apresentou, na Rádio Sociedade Gaúcha, o primeiro programa de atrações regionais, em 1935.⁸⁴ Diante destes aspectos, firma-se a necessidade de transpor o poema “Paisagem”, de Lauro Rodrigues, na sua íntegra:

No topo de um coxilhão,
beirando a roça em coivara,
há um renque de taquara
e um rancho cravado perto!...
um potreiroinho... As tronqueiras
pouso certo das corujas,
e um açude de águas sujas,
Nos aguapés encobertos
para o fundo verdejam as ramas
do arvoredado, entre as grammas

⁸² Foi membro da Academia Brasileira de Letras, da Ordem dos Advogados de Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico. In O Antigo e o Moderno na Obra *No Galpão*, de Darcy Azambuja. FLORES, L. e SANTOS, S. **Revista Terceira Margem**. 2018. Disponível em: ... <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/21683/12651>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

⁸³ Foi vereador de Porto Alegre e duas vezes eleito deputado federal.

⁸⁴ LAURO Rodrigues, Barbosa Lessa, Paixão Cortês... **Caros Ouvintes**, 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130730045927/http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=3982>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

cheirosas de erva-cidreira...

Um cusco... Um gato... Um forinho...

Como eu lembro com carinho

o olho d'água e as goiabeiras!

Dois poemas de Vargas Neto (1903-1977)⁸⁵, um dos expoentes da geração de 20, impulsionados pelo movimento que a Livraria Globo promovia, foram utilizados neste volume. “Noite de Geadas”, trata das transformações que o campo tem quando a geada cobre de “lã” a grama toda. O outro poema, “Quero-Quero”, remete a presença de um dos símbolos de querência do Rio Grande. Nas atividades (1) propostas nesta lição, pede-se que os alunos respondam “Que imaginam as pessoas medrosas, quando escutam o grito do quero-quero?”, invadindo os significados que pertencem ao imaginário do gaúcho. No exercício seguinte (2), é pedido que o aluno complete:

- a) O quero-quero vive no pampa.
 Sujeito -
 Predicado -
- b) Os viajantes escutam seu grito.
 Sujeito -
 Predicado -

A “sentinela perdida do meu pago” vai sendo conhecido pelas crianças, com a noção do reconhecimento ficando claro. O uso dos autores gaúchos servindo de instrumento para o ensino, com seus relatos sobre de um ambiente reconhecível, de uma gente com quem convivem neste mesmo ambiente, de um povo que se inventou. Esta questão é tratada por Paul Virilio em *A insegurança do território* ao abordar um tema explorado por Deleuze-Gattari no seu livro “Mil Platos”:

«Habitar como poeta ou como assassino?». Assassino é aquele que bombardeia o povo existente com populações molares que não cessam de fechar de novo todos os agenciamentos, de precipitá-los num buraco negro cada vez mais amplo e profundo. Poeta, pelo contrário, é aquele que lança populações moleculares na esperança de que semeiem ou

⁸⁵ Manuel do Nascimento Vargas Neto nasceu na cidade de São Borja – RS. Além de poeta regionalista e sócio-fundador da Estância da Poesia Crioula de Porto Alegre, foi advogado, juiz, promotor, jornalista e político. Publicou, *Tropilha Crioula* (1925), *Joá* (1927), *Tu* (1928) e *Gado Xucro* (1929). In ARENDT, João C. Na coxilha cheirosa do teu seio”: imaginário e paisagem na poesia de Vargas Neto. **Diadorim**. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7940/15819>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

mesmo engendrem o povo futuro, passem para um povo futuro, abram um cosmos (DELEUZE e GATTARI, 1980. pp. 426-427).⁸⁶

Esse povo futuro para quem a fala de Deleuze-Gattari se direciona, “é necessário unir ou, salvaguardar na sua diversidade, através do agenciamento singular de uma memória comum, que só a arte pode convocar”.⁸⁷ Isto está associado às formas de subjetividade (individuais e coletivas), fazendo do uso inteligente da expressão, que só é encontrada *no e através* do escritor. É o “fim último da Literatura”, que a Deleuze se refere em *Crítica e Clínica*, “pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por esse povo que falta... (“por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”)”.⁸⁸

Três textos de autores “estrangeiros” são utilizados, em sequência: “O galo que logrou a raposa”, de Monteiro Lobato; “Brinquedos de Rua”, de Arnaldo Magalhães de Giacomó (1928-1977); e “Bolinhas de Gude”, de Maria Eugênia Celso (1886-1963). Monteiro Lobato é dos autores brasileiros mais significativos, tendo toda uma vasta obra dedicada à literatura infantil, o que não o impediu de ser um desbravador em questões nacionais, sobretudo, em relação a consciência da propriedade do nosso petróleo. O paulista Arnaldo Giacomó, filósofo e escritor, teve a iniciativa, junto a Editora Melhoramentos, de começar a editar livros para o público jovem.⁸⁹ Maria Eugênia Celso foi poeta, jornalista, escritora, teatróloga e sufragista. Participou ativamente para a conquista do direito de votar das mulheres.⁹⁰

⁸⁶In PELLEJERO, Eduardo. Borges e a política da expressão – a transvalorização do passado nacional. **Periodicos.ufrn**. 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/549/499>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

⁸⁷DELEUZE, Cinéma-2: L'Image-temps, Paris, Éditions de Minuit, 1985; p. 286.

⁸⁸DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34., 1997. p. 15.

⁸⁹ BIOGRAFIA do patrono prof. Arnaldo Magalhães de Giacomó. **Cidade de São Paulo**, 2008. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/arnaldogiacomo/index.php?p=5442>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

⁹⁰ BOLINHAS de gude, poema infantil de Maria Eugênia Celso. **Peregrinação cultural.weblog**, 2010. Disponível em: < <https://peregrinacultural.wordpress.com/2010/03/29/bolinhas-de-gude-poema-infantil-de-maria-eugenia-celso/>>.

O conto de Monteiro Lobato, “O galo que logrou a raposa”, lembra o dos Irmãos Grimm, “A raposa e o gato”⁹¹. A raposa arrogante não quis responder ao gato como estava naquele dia: “-Você não se enxerga?”, perguntou a raposa do alto da sua empáfia. O gato quis ensinar, a raposa não quis ouvir. Os caçadores chegaram com seus cachorros e a raposa não soube fugir como o gato fez, subindo na árvore. Na história de Monteiro Lobato, o galo astuto, sobe numa árvore ao perceber a aproximação de uma raposa que, como vimos na história dos Grimm, não sobe em árvore. A raposa, então, quis usar de artimanhas, dizendo do fim da guerra entre animais. O galo, logrando a raposa, diz que vai descer, mas que antes, vai esperar os cachorros que estão chegando para a confraternização. São histórias que cruzam o imaginário através dos tempos.

Em “Brincadeira de Rua”, celebração de brincadeiras que pertencem ao folclore brasileiro. “As cantigas de roda, as brincadeiras da tardinha” possuem um espaço nacional no imaginário do povo.

Câmara Cascudo (1898-1986), nosso grande historiador do folclore, ao falar dos vínculos entre o folclore e o nacional, revela que... “por isso o folclore é um fator preponderante na unidade emocional brasileira, incessante e poderoso na força de aproximação, intimidade, sentimento, fusão psicológica, ternura lírica, vibração moral”.

Neste conto de Arnaldo Giacomini, “as crianças da rua juntam-se, em bandos, para seus folguedos”:

- Boca de forno – forno!

Tira um bolo – bolo!

gritam os meninos, em algazarra e correrias.

De saínhas rodadas, cachos buliçosos ou tranças espetadas, as meninas dão-se as mãos, formam a roda e entoam, com vozinhas estridentes:

O anel que tu me deste

Era vidro e se quebrou...

⁹¹GRIMM, Irmãos. A raposa e o gato. **Contos de Grimm**. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_raposa_e_o_gato>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

No poema “Bolinhas de gude”, Maria Eugênia fala das cores e características das bolinhas que estiveram nas mãos de todas as crianças. Aqui no Sul, Saraiva (1979) coloca entre os brinquedos da infância da criança gaúcha diversas destas bolinhas. A minha própria infância foi povoada por esta brincadeira, que, muitas vezes, ganhava o caráter de um jogo, com uma disputa acirrada entre os participantes, não raro, terminava com a troca de propriedade das bolinhas. A “olho de gato”, ou “rajadinhas” como a poeta utiliza, eram as mais caras e raras do jogo no chão batido. Um círculo é marcado, as bolinhas são postas dentro do espaço, e quem tirar a bola de dentro, ganha ponto, ou ainda, a própria bolinha.

Mannheim, lembra, que “a educação não molda o homem em abstrato, mas em uma dada sociedade e para ela”. A educação deve “ser capaz de despertar e cultivar no indivíduo todas aquelas habilidades de que provavelmente irá necessitar nesse ambiente” (MANNHEIM, 1976). Por isso as práticas direcionadas a apropriação, como a mímica, a dramatização dos textos, os desenhos inspirados nas histórias, a procura por textos que tratem dos mesmos assuntos com enfoques diferentes para criar o senso crítico. Vai se formando, assim, a cultura daquele grupo, por conseguinte daquele lugar, daquela sociedade.

As lendas são outro recurso para a identificação de uma ancestralidade, podemos dizer, específica. A “Lenda do cervo dourado” e “A lenda da erva-mate”, as duas escritas pelas próprias professoras, autoras do NTNG, ao lado das já mencionadas “Casa de M’Borore” e a do Sepé Tiaraju, provém dos povos originários⁹². João Simões Lopes Neto, escritor e pesquisador, um precursor em dar voz a um narrador que não se situa no ambiente urbano, escreveu versões das lendas do “Negrinho do Pastoreio” e “A Salamanca do Jarau”, entre outras e também escreveu sua versão para a lenda o Mbororé.⁹³

Na lição “Minha Gaita” os alunos recebem uma carta do Centro de Tradições do Grupo Escolar de Vacaria, com o programa de uma festinha lá realizada. As crianças ficaram tão entusiasmadas, que logo incluíram no Álbum que

⁹² MENA, Paulo. A lenda da casa de M’Borore

⁹³ São utilizadas diversas grafias: *in* NETO, 2003, está Mbororé; *in* THOFEHRN; CUNHA, 1968, está MBororé; *in* Lendas do Sul, está M’bororé. Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/Lendas_do_Sul/A_caza_de_M%27boror%C3%A9>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

vinha sendo preparado. Os versos de Valdomiro de Souza⁹⁴ foram utilizados para falar da “minha gaita... boa amiga...”. É a única oportunidade em que foi citado um CTG. O MTG em nenhum outro momento foi ou será citado em quaisquer destes livros.

Roque Callage vai ser outro escritor utilizado duas vezes neste 3º Volume: “O domador de potro” e “Carreteiro”. O escritor santa-mariense teve sua obra sempre vinculada ao regionalismo e, sobretudo, ao líder maragato Assis Brasil.⁹⁵ Uma atividade desta lição (2) evidencia bem o uso da linguagem:

Responda as perguntas a seguir:

- Qual o animal escolhido para ser domado?
- Quem deu ordem para começar a doma?
- Qual a reação do potro, quando o domador montou?
- Que fez o potro, logo a seguir?
- Para onde o animal se dirigiu, em carreira veloz?
- O domador teria conseguido domar o potro?
- Você julga a doma fácil ou é tarefa que exige grande coragem?

Ao serem convidados a se colocarem na posição do domador, bem como compreender a disposição do potro, as crianças se lançam juntos nesta aventura, transposta pela consciência que foi sendo desenvolvida ao longo do ano de estudo. Os alunos passaram o ano inteiro conhecendo os sabores dessas aventuras, foram levados a vivenciar trocas e conhecimentos. Agora, no fim do ano letivo, vão colhendo os frutos.

O texto utilizado na penúltima lição da parte de comunicação e expressão, é um verbete da “Enciclopédia Bloch” sobre o “Rio Grande do Sul”:

A velha imagem do gaúcho de bombachas e cuia de chimarrão serve cada vez menos para simbolizar o homem do Rio Grande do Sul. A terra cortada de rios continua rica, os pastos alimentam um rebanho cada vez mais numeroso e refinado. Mas o gaúcho moderno criou riquezas novas como a implantação de grandes indústrias e Universidades. E obrigou

⁹⁴ Tio Valdomiro, poeta de São Gabriel, padrinho do CTG Tiarajú. **Camarapoa**, 2016. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/draco/processos/130137/PR_064-16_IDENIR_CECCHIM_comenda_sol_tiarayu.doc>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

⁹⁵ROQUE Callage. **Literatura & história**, 2021. Disponível em: <<http://literaturaehistoria.com.br/estudos-perfis-roque-callage/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

com isso que se some, agora, à imagem do gaúcho dos campos, a do homem aberto, tanto ao progresso material, como ao humanismo. Do homem que fez a província guerreira de ontem, o rico Estado de hoje.

A derradeira lição é a que arremata a ideia proposta no início do ano e desenvolvida ao longo da realização das atividades. O “Álbum Maravilhoso” ficou pronto. Tudo o que foi produzido, buscado, será exposto pela turma. Os quadros que foram montados, os cartazes, as frases que foram selecionadas, tudo fará parte deste trabalho coletivo, elevando a consciência em torno desta construção de todos. A lição leva o título “Chegamos ao fim do ano”:

Chegamos ao fim do ano.

Hoje há uma linda festa na escola. É o dia da apresentação dos trabalhos dos alunos do 3º ano.

As crianças reuniram valioso material sobre o Rio Grande do Sul: lendas, textos de escritores gaúchos, fatos históricos, trovas e muitos outros.

Suzana exclamou:

- Vê, Amarílis, como ficou bonito nosso álbum!

Flávio, que vinha se aproximando, disse:

- Estou muito contente por ter aprendido tanta coisa interessante sobre o Rio Grande do Sul.

O esforço dos alunos do 3º ano foi coroado de êxito.

O mergulho na cultura gaúcha foi concreto. Os alunos transformaram em diversas habilidades os ensinamentos, acrescido do fator da identidade, do reconhecimento do seu lugar, do habitat a sua volta, potencializando o conhecimento. É o resultado de um trabalho realizado com paixão, ou, como vimos anteriormente, com empatia. Pesquisas aplicadas no estudo da “Empatia na Educação”, demonstram que ela pode ser:

(...) um alicerce indispensável para um relacionamento escolar saudável, pois fornece regulação à interação social (BATSON, 2015), prevenindo o bullying. | Perspectivas de atuação no caos: textos e contextos (SAHIN, 2012), aumenta a habilidade social em pessoas no espectro autista (CHENG, 2010), desenvolve cooperação em relação a objetivos compartilhados (WAAL, 2008), regula o estado emocional (MADALIYEVA, 2015), aumenta a satisfação nos relacionamentos (LONG, ANGERA e HAKOYAMA, 2008), melhora a qualidade da interação professor-aluno (WARREN, 2014), aumenta os resultados acadêmicos (CORNELIUSWHITE, 2007), e quanto mais presente, menor o nível de agressividade (GARAIGORDOBIL, 2012).⁹⁶

⁹⁶SILVA e NUNES, *apud*, pp. 5 e 6.

Trabalhar em cima de uma temática que oferece esta capacidade empática pode alcançar resultados surpreendentes. Este é outro dos “perigos” que estão presentes nesta coleção, em especial, neste 3º Volume. É prudente lembrar a potência da Educação e sua relação com o sistema: “conhecimento é poder e a circulação do conhecimento é parte da distribuição social do poder. A capacidade discursiva para construir um senso comum que possa ser inserido na vida cultural e política é central na relação de poder” (FISKE, 1989, pp. 149 e 150).

A parte seguinte a Comunicação e Expressão, no 3º Volume, é dedicada à matemática e, depois, a “Integração Social”, dividida em duas partes: “Estudos Sociais” e “Moral e Cívica”. Nos outros Volumes não incluímos estas partes, pois o nosso foco é outro, como é sabido. Porém, como esta parte, neste volume, é inteiramente dedicada ao Rio Grande do Sul, entendemos oportuno o apontamento das unidades que a compõe, destacando alguns pontos:

ESTUDOS SOCIAIS

I Unidade

Rio Grande do Sul

Posição Geográfica – Limites

Área

Capital – neste tópico, tem um texto de Érico Veríssimo sobre Porto Alegre:

Na minha opinião, o maior encanto de Porto Alegre vem de sua topografia privilegiada, de seu cenário – dos verdes cerros que a cercam, deste céu lírico, de suas paineiras que rebentam em flores rosadas no outono, e do seu plácido estuário que recebe as águas de cinco rios.

Entre atividades sugeridas: “Procure colecionar fotografias, cartões postais, figuras, etc. de paisagens rio-grandenses.

II Unidade

O Povo Rio-grandense

Primitivos Habitantes do Rio Grande do Sul:

Os *guaranis* viviam ao longo da margem do rio Uruguai, onde vai ser a Região Missioneira.

Os *tapes* viviam no centro, até Camaquã, e na zona onde atualmente é Porto Alegre.

Os *charruas*, que eram excelentes cavaleiros, viviam na região da Campanha.

Os *jarros* e os *guenoas* também se localizavam nesta região.

Os *archanes* viviam próximo à lagoa dos Patos.

Os *guaranás* habitavam as matas próximas ao rio Uruguai.

Os *caaguas* e os *carijós* viviam no litoral.

Mais tarde os *caingangues* vieram estabelecer-se no território riograndense.

Os Índios do Rio Grande do Sul na Época Atual

III Unidade

Rio Grande do Sul

Zonas Fisiográficas

Início da Colonização – Litoral

Os Sete Povos as Missões – um texto de A. Grisólia acompanha esta parte:

Os jesuítas tinham a preocupação de escolher lugares altos para a fundação das reduções, para facilitar a comunicação entre si. Da torre da igreja de Santo Ângelo, por exemplo, se avistava a torre da igreja de São João, desta a de São Miguel e assim sucessivamente até a última. As comunicações eram feitas, de dia, por meio de espelhos e à noite com sinais luminosos, de forma que o que acontecia em qualquer das reduções, pouco tempo depois era conhecidas de todas.

IV Unidade

Rio do Rio Grande do Sul

Zonas Fisiográficas – Alto-Uruguai e Encosta do Sudoeste

Lagoas do Rio Grande do Sul

V Unidade

Criação da Vila de Laguna

Fundação de Rio Grande

Fundação de Porto Alegre

Zonas Fisiográficas – Missões, Litoral e Depressão Central

VI Unidade

A Conquista do Território das Missões – nesta unidade tem o texto “O Gaúcho”:

O continente do Rio Grande de São Pedro progredia rapidamente. Nas estâncias, criava-se gado. Os colonos açorianos iniciaram o cultivo da terra.

Na zona da Campanha, o gaúcho dedicava-se aos trabalhos pastoris.

Seus hábitos eram simples. Ainda hoje o habitante da Campanha conserva seus costumes típicos. Veste-se com trajes tradicionais: bombachas, chapéu preso por barbicacho, botas, esporas. Usa o laço e a boleadeira para suas lides com o gado.

No inverno, abriga-se do frio usando o poncho. No verão, usa o pala franjado.

Prepara o saboroso churrasco, o arroz de carreteiro e bebe o chimarrão.

Zonas Fisiográficas–Campanha e Campos de Cima da Serra

Relevo do Rio Grande do Sul

VII Unidade

Últimos tempos da Capitania

Colonização Alemã – o texto localiza onde se fixaram os alemães:

(...) 25 de julho de 1824, chegava a primeira leva de imigrantes alemães. Estes se estabeleceram na antiga Feitoria Imperial do Linho-Cânhamo, próxima a Porto Alegre. Muitos outros imigrantes vieram depois e, em pouco tempo, o local progrediu, transformando-se na próspera cidade de São Leopoldo.

Colonização Italiana – o texto fala das atividades e cidades surgidas pelos colonos italianos:

Foi bem mais tarde, no ano de 1874, que chegaram ao Rio Grande os primeiros italianos.

Estabeleceram-se na zona norte e nordeste e dedicaram-se ao cultivo da terra. Fizeram surgir, do solo inculto, verdejantes parreirais.

Graças ao esforço e trabalho dos imigrantes italianos foram fundadas muitas colônias, hoje lindas e ricas cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado, Veranópolis e muitas outras.

Zonas fisiográficas – Encosta Inferior do Nordeste e Encosta Superior do Nordeste

VIII Unidade

Revolução Farroupilha – o texto apresenta as razões do movimento armado:

- o descontentamento dos rio-grandenses com os pesados impostos que tinham que pagar, o que prejudicava a Província;
- influência das ideias republicanas;
- rivalidade entre os partidos políticos da época;
- o descontentamento contra o presidente que governava a Província.

Diz, também, que Bento Gonçalves era o chefe revolucionário. Atribui ao general Antônio Souza Neto a proclamação da República Rio-Grandense. O texto termina com o relato do feito histórico do transporte dos lanchões por terra, desde a lagoa dos Patos, até o Oceano Atlântico.

Zonas Fisiográficas – Serra do Sudeste

IX Unidade

Província do Rio Grande de São Pedro

Antes da Proclamação da República

Zonas Fisiográficas – Planalto Médio

Estado do Rio Grande do Sul

Depois da Proclamação da República

X⁹⁷ Unidade

Governo

Símbolos do Rio Grande do Sul – entre os símbolos, são apresentados o brasão, a bandeira e o hino. Reproduzimos a letra completa do hino como era à época cantado:

Música do Maestro Joaquim José Mendanha

Letra de Francisco Pinto da Fontoura

Como a aurora precursora

Do farol da divindade,

Foi o vinte de setembro

Precursor da liberdade.

Estrilho

Mostremos valor, constância

Nesta ímpia e injusta guerra;

Sirvam nossas façanhas

De modelo a toda terra.

Entre nós reviva Atenas

Para assombro dos tiranos:

Sejamos gregos na glória,

E na virtude, romanos.⁹⁸

Mas não basta prá ser livre,

Ser forte, aguerrido e bravo;

⁹⁷ No original está “XI”, erroneamente.

⁹⁸ Em 1966 esta estrofe foi cortada. Em julho de 2023, foi aprovado pela Assembleia Legislativa que, para qualquer alteração dos nossos símbolos, é necessário consultar a população. Lei proposta pelo mesmo autor da Lei do Folclore Gaúcho, Deputado Luiz Marengo.

Povo que não tem virtude,
Acaba por ser escravo.

MORAL E CÍVICA

Está dividida em: Trabalho; A Colaboração; Leis; Relação entre comunidades; O passeio no parque; Agradecimento; A Pátria; e Símbolos da Pátria.

• 4º Volume – Comunicação e Expressão – Matemática – Integração Social

No quarto, o Brasil e suas Regiões. Neste 4º Volume, onde as Regiões brasileiras serão estudadas, ainda assim, as primeiras lições, os textos são de autores gaúchos, como uma passagem para as outras regiões brasileiras. Um texto de apresentação das autoras, esclarecem as razões da escolha dos textos presentes neste livro, que são os mesmo que orientaram o do 3º ano:

Ao selecionarmos os textos de leitura para o 4º ano procuramos localizar as diversas regiões brasileiras, tipos regionais, lendas, tradições, etc. de modo a despertar nos alunos, o sentimento de respeito pelo nosso passado, fé no presente e esperança no futuro, pelos heróis que forjaram nossa nacionalidade, a fim de despertar um civismo compreensivo e reflexivo.

Os alunos do 4º ano já deverão habituar-se a ler para:

- obter informações
- adquirir conhecimentos
- solucionar dúvidas
- por prazer e recreação

A leitura silenciosa adquire cada vez mais importância, pois na vida real, a não ser em raras ocasiões, terão menos oportunidade de ler em voz alta.

Para a leitura oral poderão ser organizados Grêmios de Leitura. Em sessões do Grêmio, os alunos terão oportunidades de ler em voz alta poesias, trechos históricos, artigos de revistas, jornais, etc. Habituar-se a escutar os que lêem, desenvolverão a sociabilidade.

Deverão ser proporcionadas às crianças muitas oportunidades de ler, levando-as à leitura de livros de aventura, literatura, poesia, contos, etc. O material de leitura complementar deve ser cuidadosamente selecionado pelo professor.

O livro do 4º ano começa com um texto de Olegário Mariano (1889-1958⁹⁹, conhecido como o “poeta das cigarras”, devido ao sucesso do seu livro “Últimas Cigarras” (1920), “Canto da Minha Terra”, é um canto ao Brasil, que é a temática do livro deste ano. O texto da segunda lição é um poema de Jordano da Mata sobre a formação do povo brasileiro, a origem das três raças: o índio, o branco e o negro. O primeiro “tipo” apresentado no livro é o gaúcho, utilizando um texto das próprias autoras da coleção, “O Gaúcho”:

O Gaúcho é o tipo regional da campanha do sul-rio-grandense.

Percorre as coxilhas onduladas montado no pingo, seu companheiro inseparável.

Sua habitação natural é a estância, da qual é dono ou vaqueiro, capataz ou peão.

O gaúcho tem hábitos simples, vida independente e livre.

São muito característicos seus trajes; usa bombachas, lenço ao pescoço, a guaiaca, isto é, um cinturão largo no qual colocava a faca, o revólver e o dinheiro; botas de couro com esporas, que tilintam quando anda, e um chapéu de feltro de abas largas e barbicacho.

Quando sopra o minuano, envolve-se no seu poncho.

Sentado, à sombra de frondosos umbus e velhas figueiras, come o churrasco, carne mal passada, feita ao espeto.

À noite, os gaúchos reúnem-se no galpão, onde contam “causos” e cantam, enquanto a cuia passa de mão em mão.

Lá fora, o luar de prata banha os campos e os poteiros.

Antes da leitura silenciosa ser proposta aos alunos, é colocado no quadro o glossário:

Pingo – cavalo bom e corredor, bonito e vistoso

Estância – estabelecimento rural, destinado à cultura da terra e criação de gado

Barbicacho – cordão entrançado que passa por debaixo do queixo, segurando o chapéu

Poncho – capa de lã, quadrada e com uma abertura no meio, põe onde se enfia a cabeça

Poteiro – lugar de pequena extensão, cercado, nas proximidades de uma estância, onde se recolhem animais

No Manual do Professor, a sugestão para que os alunos sejam incentivados a procurar desenhos ou fotografias que mostrem o tipo regional do Rio Grande do

⁹⁹ Conhecido como o “poeta das cigarras”, devido ao sucesso do seu livro “Últimas Cigarras” (1920).

Sul. Levar a visitar lugares de tradições, fazer com que conversem com pessoas ligadas ao folclore. Ler textos em prosa e verso que tratem do gaúcho. Os alunos poderão organizar uma pasta contendo todos estes achados. Composições, diz o Manual, devem ser dadas com frequência à classe.

Athos Damasceno Ferreira, autor do texto da lição seguinte, fala da padroeira da capital dos gaúchos, “Nossa Senhora dos Navegantes”. Da mesma forma, a sugestão para que as crianças busquem ler sobre a tradicional procissão fluvial que ocorre em homenagem a Nossa Senhora. Aproveitar para estudar o que significa “fluvial”.

“Trezentas Onças”, texto utilizado na lição seguinte, de autoria de João Simões Lopes Neto, vai servir de estímulo para que os alunos dramatizem a história. Simões Lopes Neto (1865-1916) é um dos maiores expoentes daquilo que ficou conhecido como a literatura regionalizada. Nós vamos utilizar, no Projeto de Ensino para o nível Médio, outro dos “Causos do Romualdo”, “A Quinta da Estância” (LOPES NETO, 2003). Simões Lopes Neto também registrou as lendas do sul, escreveu teatro, bem como, a história da Terra Gaúcha, que utilizaremos no próximo capítulo, embasando a construção da identidade do gaúcho.

Outro gigante das letras gaúchas, Érico Veríssimo (1905-1975) é o autor do próximo texto, “Encontro com Anhangá”. Era o pequeno nativo Tibiquera, ouvindo o chamado de Anhangá. Veríssimo, talvez o nosso maior romancista, também escreve a história do Rio Grande, nas páginas de seus livros, em especial, no épico “O Tempo e o Vento”.

Para estudar a “Manhã” e a “Noite”, nas duas lições seguintes, são utilizados poemas de Ovídio Chaves (1910-1978). O poeta de Lagoa Vermelha, foi autor da famosa música “Fiz a cama na Varanda”, em parceria com Dilu Melo, sucesso na voz de Inezita Barroso. Nas sugestões de atividade da lição, é sugerido que seja feito um mural, com as frases dos poemas. Por ser vinculado ao PTB, de Jango, o doce poeta foi preso e torturado pela ditadura.¹⁰⁰

¹⁰⁰ HAASE FILHO, Pedro; CHAVES, Ricardo. O homem com nome de orelha – Parte II. **Matinal Jornalismo**, 2020. Disponível em: <<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/nossos-mortos/o-homem-com-nome-de-orelha-parte-ii/>>. Acesso em: 24 de mar. de 2023.

O acadêmico Augusto Meyer (1902-1970) é o autor do próximo texto, “Balada para os carreteiros”. Meyer foi o organizador do Instituto Nacional do Livro, convidado por Getúlio Vargas, em 1937, permanecendo na presidência do órgão até 1956. Depois, em 1960, retornaria ao INL. É autor do “Guia do Folclore Gaúcho” (1951).

Com os textos “Histórias do irmão Sol”, de Telmo Vergara, e “A Gralha Azul”, uma lenda rio-grandense, completa um ciclo de autores gaúchos na coleção. Até aqui, a eminência dos autores são, na quase totalidade, gaúchos. Este é o cerne do que buscamos apresentar, ao trazer toda a trajetória desta ideia, perseguida de modo exitoso pelas coleções da professora Cecy e suas parceiras.

O livro do 4º ano segue com o estudo das regiões brasileiras, apresentadas por autores de grande prestígio nacional e identidades regionais claras. Os textos das lições seguintes são:

O Tietê, de Afonso Schimidt

Leilão de Jardim, de Cecília Meireles (o objetivo da leitura de poesias é despertar nos alunos o senso estético, o gosto pelas imagens poéticas, o senso do ritmo, etc.)¹⁰¹

Esperteza de Urubu, de Mário Palmeiro

O Arlequim das Trevas

Cachoeira de Paulo Afonso, de Afonso Celso

Tatuí, de Paulo Setubal

Por que o Sem-Fim Canta de Madrugada, de Wilson Rodrigues

O Garimpeiro, Mário Palmério

O Poliglota, de Humberto de Campos

Festa do Bom Fim

A Cabra, o Cabrito, e o Lobo, de Monteiro Lobato

¹⁰¹ Orientação do Manual do Professor sobre esta lição.

O Jangadeiro

A Semente de Sacaibu, de Theobaldo M. dos Santos

O Bumba-Meu-Boi Encantado, de Wilson Rodrigues

Lenda da Cidade Encantada

A Árvore, de Ricardo Gonçalves

Seringueiro

A Onça e a Raposa

Boiadeiro

A Vaidade do Tucano

Pantanal

Cânticos, de Lydia Mombelli da Fonseca

Os textos onde não estão indicados o autor, são das próprias professoras Cecy e Nelly. Em todas as regiões, o destaque para o tipo característico: o seringueiro, o boiadeiro, o jangadeiro, o garimpeiro, como havia sido, até então, o gaúcho.

5º Volume – Comunicação e Expressão – Matemática – Integração Social

O quinto Volume, trata de aspectos bem mais específicos do Brasil, como a agricultura, as características geológicas, econômicas. São utilizados para isto, autores de grande referência da literatura brasileira, como Cecília Meirelles, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade, Maria Clara Machado, Olegário Marianno, José Lins do Rego, Rubem Braga e os gaúchos Darcy Azambuja e Érico Veríssimo.

O foco da coleção, que é o ensino da cultura gaúcha, imantou as escolas primárias durante este período de florescência da Educação Rio-Grandense. Isto é o que pode ter sido compreendido como revolucionário pelo governo militar e, por

esta razão, agiu determinadamente para interromper o desenvolvimento destas séries, que representavam todo o manancial de uma cultura.

“Um tombo do lombo
É um rombo no chão...
Eu caio mas saio
Com a crina na mão...”¹⁰²

¹⁰² CORONEL, Luiz; VASCONCELLOS, Marco A. **Ascensão e Queda de Um Ginete**. Porto Alegre, 1977.

5. O Habite-se

Dentro de poucos anos, após o referendado 1971, os livros, mesmo aqueles outros produzidos no Rio Grande do Sul, foram deixando de circular. Minha mãe, a professora Iara Coelho, juntou-se a Nelly Cunha na reforma do NTNG, e mantiveram o caráter dos livros, somente promovendo algumas atualizações. Outras duas séries, porém, seriam produzidas por elas, diante da nova exigência dos livros serem nacionalizados, consequência da produção ter sido transposta ao Ministério da Educação, findando com o plantio regionalizado que era uma característica didática destas coleções. As novas coleções se chamavam “Paralelas” e “Tempo Presente”. Não obtiveram o mesmo êxito das coleções anteriores. A política educacional não pertencia mais aos estados. Também o sonho de Anísio Teixeira era sepultado, não apenas o seu cérebro macerado.

Dois textos diferentes, mas com o mesmo título, “Paisagem”, servem de exemplo para demonstrar o que significou a interferência nacional. Ambos os textos são para o 3º ano/série. O texto de NTNG é o poema já transposto de Lauro Rodrigues. O da coleção “Paralelas” é de Raul Bopp. Eis:

Paisagem de Lauro Rodrigues

No topo de um coxilhão,
beirando a roça em coivara,
há um renque de taquara
e um rancho cravado perto!...
um potreirinho... As tronqueiras
pouso certo das corujas,
e um açude de águas sujas,
Nos aguapés encobertos
para o fundo verdejam as ramas
do arvoredo, entre as gramas
cheirosas de erva-cidreira...
Um cusco... Um gato... Um forminho...
Como eu lembro com carinho
o olho d'água e as goiabeiras!

Paisagem de Raul Bopp

Céu azul.
Garcinha branca voou, voou... Virou nuvem
Pensou que o lago era lá em cima.
Pesa um mormaço. Dói a luz nos olhos.
Sol parece um espelhinho.
Vozes se dissolvem:
Passarão sozinho risca a paisagem bojuda.

Vocabulário

Mormaço: tempo quente e úmido

Dissolvem: desfazem, separam, dispersam.

Bojuda: que tem muito bojo, muita saliência.

Vocabulário

Coxilhão: coxilha muito extensa

Coivara: pilha de ramagem que não foi inteiramente queimada.

Tronqueiras: cada um dos esteios da porteira, onde se fixam as varas da cancela

Cusco: cão pequeno, de raça ordinária

É isto ao que me refiro!

Não se trata da supressão de uma em razão da outra. Não é querer que não exista esta referência nacional. Ao contrário, é muito bem-vinda, evidente. O que não é plausível, no entanto, é que, da mesma forma se cometa o revés, ou seja, suprimir a referência da cultura gaúcha, para somente ser apresentada uma ideia nacional, sem criar os vínculos com o que está ao seu lado, ao que nos rodeia, ao lugar, à sociedade da qual participamos. Trata-se de fazer ver, de uma educação do olhar. Se a criança é ensinada a reconhecer a paisagem na qual ela está inserida, com muito mais capacidade poderá reconhecer o distinto, o alheio, o outro. É a função sensibilizadora da arte influenciando na percepção do ser. Usando a comparação que a brilhante Priscila Cruz, do Todos pela Educação, faz para entendermos o desenvolvimento do aprendizado: uma criança que não aprender as operações de 1º grau, jamais vai conseguir resolver as de 2º grau. Simples assim. Cantar as suas canções, interpretar as suas histórias, refletir sobre a sua realidade, inspirar-se no passado, criando um futuro promissor, para, então, compreender o movimento do mundo.

Um povo deve ter assegurado o direito do acesso a sua cultura, afirmou o biólogo, que também se denomina filósofo, o chileno Humberto Maturana (2019):

Los seres vivos somos sistemas autopoieticos moleculares, o sea, sistemas moleculares que nos producimos a nosotros mismos, y la realización de esa producción de sí mismo como sistemas moleculares constituy el vivir.

O acesso à cultura é dos bens fundamentais da humanidade, assegurada como um dos princípios da Declaração dos Direitos Humanos¹⁰³, no seu Artigo 27, estabelece que:

¹⁰³ DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos. Legado, 2018. Disponível em: <<https://institutolegado.org/blog/declaracao-universal-dos-direitos-humanos->

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.
2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 210, diz que: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Esta determinação encontra ressonância e estímulo na Base Nacional Comum Curricular¹⁰⁴, ao reconhecer a riqueza que há nesta interação da complexidade cultural brasileira:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BNCC, p. 193).

Cabe ao estado desenvolver os ensinamentos referentes a sua própria cultura. A responsabilidade não pode recair sobre nenhum outro. Pertence ao povo a narrativa da sua história, sobretudo, se estamos falando da sua expressão, da sua arte, formadora da sua cultura. Diz mais a BNCC: “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”. As práticas artísticas são os instrumentos que possibilitam o compartilhamento de saberes. Estes saberes que se agarram ao tempo, produzindo hábitos comuns, ao longo do tempo formam o folclore, constituem o conhecimento de um povo, a sua identidade. As práticas artísticas “possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura”. (BNCC, p. 193). Na síntese do conceito da BNCC sobre a presença da Arte no Ensino Fundamental, podemos encontrar a relevância do entorno na construção da cultura:

Em síntese, o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes

integra/?gclid=Cj0KCQjwIPWgBhDHARIsAH2xdNdn7Sxk_YBMHi7p0NN6UkCm3-mlkM7pu8RU7OpvPLqh1LZiJPUaXT0aAmdjEALw_wcb>. Acesso em: 24 de mar. de 2023.

¹⁰⁴ BASE Nacional Comum Curricular. Versão Oficial. **MEC.gov.br**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

são contemporâneas. Do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral. (BNCC, pp. 196-197)

A primeira competência “específica” de Arte para o Ensino Fundamental é:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. (BNCC, p. 198)

Para os anos iniciais, o Fundamental UM, nas Unidades Temáticas das Artes Visuais, o Objeto de Conhecimento “Matrizes estéticas e culturais”, no item EF15AR03, é: “Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas **locais, regionais** e nacionais” (BNCC, p. 201).

Da mesma forma está previsto como Unidades Temáticas do Fundamental DOIS, como Objeto de Conhecimento, em “Contextos e práticas” a habilidade EF69AR01:

Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (BNCC, p. 207).

Nas Artes Integradas, o Objeto de Conhecimento “Matrizes estéticas”, na habilidade EF69AR33, dispõe:

Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêtricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.). (BNCC, p. 211).

E no Objeto de Conhecimento “Patrimônio cultural”, na habilidade EF69AR34, especifica:

Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (BNCC, p. 211)

Isto no que dispõe a BNCC. A ideia de uma base comum, no entanto, prevê que o desenvolvimento de uma série de Competências, fique à cargo dos estados.

Em consequência disso, foi elaborado um documento em regime de colaboração entre a Secretaria Estadual da Educação (SEDUC), a União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação (UNDIME) e o Sindicato do Ensino Privado no Rio Grande do Sul (SINEPE/RS), que é o “Referencial Curricular Gaúcho” (RGG) do Ensino Fundamental. O RCG busca ser um norteador das escolas gaúchas, a partir de 2019, visando atender o que demanda a BNCC.

No Referencial Curricular Gaúcho (2019) o direito, o estímulo, a promoção ao acesso à cultura local, regional também está garantida:

Dessa forma, o cultivo da cultura gaúcha, a lembrança das nossas lutas, os conflitos e conquistas, o desenvolvimento, o respeito às manifestações de toda ordem nos torna um povo de “grandes feitos”, corroborando para o orgulho cívico de geração em geração. Com esse mesmo espírito, o Rio Grande do Sul acolhe o mosaico étnico-racial que compõe a população gaúcha. (RCG, p. 21)

No que tange a Arte, o RCG (2019) compreende que:

A Arte, assim como os demais componentes curriculares, é um dispositivo para a socialização, humanização e cognição, potencializa o desenvolvimento da sensibilidade, das emoções e das sensações. Relaciona, ética e esteticamente, as várias dimensões da vida social, cultural, histórica, política e econômica, reconhecendo a diversidade, no respeito às diferenças e na valorização da cultura local, regional, nacional e mundial, através do diálogo intercultural. (RPG, p. 53)

No RCG o termo “Unidade artística”, utilizado na BNCC, foi substituído por “Linguagem artística” e as “Artes integradas”, passam a ser chamadas de “Eixos transversais”. Outra modificação é o desdobramento dos ciclos: Anos Iniciais: 1º e 2º anos; 3º ao 5º ano e Anos Finais: 6º e 7º ano; 8º e 9º ano.

Nas Competências Específicas de Arte para o Ensino Fundamental, o RCG (2019) prevê:

Explorar, conhecer, fruir e analisar, criticamente, práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social e de diversas sociedades, em distintos tempos e contextos, para reconhecer e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais especialmente aquelas manifestas na arte e na cultura brasileiras, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

O RCG (2019), do Ensino Fundamental – 1º e 2º ano, no Componente Curricular: Arte - Linguagens Artísticas, o Objeto de Conhecimento, da habilidade “Contextos e práticas”, enquanto a BNCC propõe:(EF15AR01) “Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético”. O RCG (2019) acrescenta à descrição desta habilidade:

(EF15AR01RS12) Explorar, conhecer e contemplar as diversas manifestações das artes visuais (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, vídeo etc.) encontradas no âmbito familiar, escolar e da comunidade, possibilitando a construção do olhar, a ampliação da imaginação e da simbolização, a partir do repertório imagético pessoal e a valorização da diversidade cultural da comunidade local.

Nos Eixos Transversais, o Objeto de Conhecimento “Matrizes estéticas e culturais”, enquanto a BNCC propõe como habilidade: (EF15AR24) “Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais”, o RCG coloca:

(EF15AR24RS12) Vivenciar, identificar e diferenciar a riqueza da diversidade multicultural das matrizes da comunidade e seu entorno, valorizando-as em cantigas de roda, brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções, obras, histórias, artesanato, entre outras.

No Objeto de Conhecimento “Patrimônio cultural”, enquanto a BNCC propõe:

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

O RCG coloca:

(EF15AR25RS12) Conhecer, identificar, pesquisar e valorizar as características estéticas e culturais presentes no patrimônio material e imaterial da comunidade (de origem indígena, africana, europeia e asiática), para aproximar dados e fatos históricos e as manifestações populares de pequeno e grande porte, viabilizando a compreensão, o convívio e a interação através das brincadeiras de infância.

No Ensino Fundamental – 3º ao 5º ano, nas Linguagens Artísticas, Artes Visuais, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR01) “Identificar e apreciar formas distintas das artes

visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético”. O RCG coloca:

(EF15AR01RS35) Explorar, identificar e ampliar as diversas manifestações das artes visuais tradicionais e contemporâneas (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, vídeo, cinema, animação, arte computacional etc.) locais e regionais, ampliando a construção do olhar, potencializando a capacidade de percepção, imaginação, simbolização e ressignificação do repertório imagético, com a valorização da diversidade cultural na formação da comunidade local e regional. (RCG, pp. 67 e 68)

No Objeto de Conhecimento “Matrizes estéticas e culturais”, enquanto o BNCC define a habilidade como: (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais, o RCG coloca:

(EF15AR03RS35) Levantar informações, identificar, reconhecer e distinguir a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações, articulando a compreensão da diversidade cultural, no patrimônio imaterial (celebrações, ofícios, saberes, habilidades, crenças e manifestações) e patrimônio material (bens históricos, paisagísticos, etnográficos e obras de arte) na formação da comunidade, da região, do estado e da sociedade brasileira. (RCG, pp. 68 e 69)

Nos “Sistemas de linguagens”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR07) “Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.)”, o RCG coloca: (EF15AR07RS12) “Desfrutar do contato com artistas e artesãos locais, experienciando e conhecendo diferentes processos de criação e a utilização dos elementos da linguagem”. (RCG, p. 59)

Nas Linguagens Artísticas, Dança, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal, o RCG coloca:

(EF15AR08RS35) Experimentar ao fazer e refazer movimentos corporais mais elaborados com intencionalidade, presentes no cotidiano e em diferentes formas de dança locais e de outras culturas, observando corpos parados, em equilíbrio e em ações, estimulando a percepção, a significação e a ampliação do repertório pessoal, em trabalhos individuais, coletivos e colaborativos, com a valorização da diversidade cultural na comunidade local e regional. (RCG, 70)

Nas Linguagens Artísticas, Música, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana, o RCG coloca:

(EF15AR13RS35-1) Exercitar a escuta atenta para identificar e apreciar diversas formas musicais representadas pela cultura regional e por suas diversas etnias culturais em diferentes gêneros (xote, fandango, milonga, polca, valsa, entre outros).

(EF15AR13RS35-2) Ampliar a experiência para identificar e apreciar, progressivamente, gêneros musicais que interferem na vida cotidiana (jingle de comerciais no rádio e na televisão, vinhetas em vídeos da Internet, musicais típicas da comunidade executadas em momentos de celebrações, músicas religiosas, das culturas familiares etc.) e nas expressões musicais, valorizando a diversidade cultural na formação da comunidade local e regional. (RCG, pp. 72 e 73)

No Objeto de Conhecimento “Elementos da linguagem”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR14) “Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical”, o RCG coloca:

(EF15AR14RS35) Explorar e identificar os elementos básicos do som: altura (sons agudos e graves), duração (longos e curtos), intensidade (forte e fraco) e timbres (da voz e de instrumentos) em diversos gêneros musicais regionais e étnico-culturais por meio de jogos, brincadeiras, cantigas folclóricas, canções e práticas diversas de composição/criação, canto, execução e apreciação musical. (RCG, p. 73)

Nos Eixos Transversais, no Objeto de Conhecimento “Matrizes estéticas e culturais”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF15AR24) “Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais”, o RCG coloca:

(EF15AR24RS35) Vivenciar, identificar e diferenciar, progressivamente, a riqueza da diversidade multicultural das matrizes da comunidade e seu entorno, valorizando-as em brincadeiras, jogos, danças, canções, obras, histórias, artesanato, apresentações, entre outras. (RCG, p. 78)

Em “Patrimônio cultural”, enquanto a BNCC define a habilidade como:

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

O RCG coloca:

(EF15AR25RS35) Identificar, pesquisar, reconhecer e valorizar as características estéticas e culturais presentes no patrimônio material e imaterial pertencentes à cultura local, regional e nacional (de origem indígena, africana e europeia), para aproximar dados e fatos históricos e as manifestações populares de pequeno e grande porte, viabilizando a compreensão, o convívio e a interação através das linguagens artísticas. (RCG, p. 78)

No Ensino Fundamental – 6 e 7º ano, nas Linguagens Artísticas – Artes Visuais, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto o BNCC define a habilidade como:

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

O RCG coloca:

EF69AR01RS67) Explorar, reconhecer e investigar as diversas manifestações das artes visuais tradicionais e contemporâneas (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, vídeo, cinema, animação, arte computacional etc.), que contemplem obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e matrizes estéticas e culturais (africana, indígena, popular, entre outras), possibilitando a expansão da experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e a compreensão e resignificação da capacidade de percepção, de imaginação, de simbolização e do repertório imagético. (RCG, pp. 79 e 80)

Também para o mesmo Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto o BNCC define a habilidade como: (EF69AR17) “Explorar e analisar, criticamente, diferentes meios e equipamentos culturais de circulação da música e do conhecimento musical”, o RCG coloca:

(EF69AR17RS67) Explorar e identificar os diferentes meios e equipamentos culturais e de circulação musical tradicional e alternativo (espaço público) para compreender a possibilidade de múltiplas funções: aprendizagem (ensaio), compartilhamento, apresentação, divulgação, disseminação e difusão. (RCG, p. 86)

Nos Eixos transversais, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF69AR31) “Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética”, o RCG coloca:

(EF69AR31RS67) Observar e explorar diversas práticas artísticas, possibilitando a relação com diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética em contextos diversos.

Nos “Processos de criação”, o BNCC define a habilidade como: (EF69AR32) “Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas”, o RCG coloca:

(EF69AR32RS67) Explorar, exercitar e constituir, em projetos temáticos, os elementos, as materialidades e os processos criativos das linguagens artísticas (local, regional e nacional) apropriados à sua forma de expressão dentro do coletivo, com respeito às singularidades manifestadas em diferentes contextos. (RCG, pp. 91 e 92)

Nas “Matrizes estéticas culturais” enquanto o BNCC define a habilidade como: (EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.)”, o RCG coloca:

(EF69AR33RS67) Explorar, reconhecer e valorizar a diversidade das matrizes culturais e dos aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.). (RCG, p. 92)

Em “Patrimônio cultural”, enquanto o BNCC define a habilidade como:

(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

O RCG coloca:

(EF69AR34RS67) Explorar, conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, locais, regionais e brasileiras de diferentes épocas, favorecendo a construção do repertório pessoal relativo às diferentes manifestações artísticas. (RCG, p. 92)

Por fim, no Ensino Fundamental – 8 e 9º ano, o Componente Curricular Arte – Linguagens Artísticas, o Objeto de Conhecimento “Contexto e práticas”, enquanto o BNCC define a habilidade como:

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

O RCG coloca:

(EF69AR01RS89) Experienciar, pesquisar, analisar e apreciar as diversas manifestações das artes visuais tradicionais e contemporâneas (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, vídeo, cinema, animação, arte computacional etc.) que contemplem obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e matrizes estéticas e culturais (africana, indígena, popular e entre outras), possibilitando a expansão da experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais, a compreensão e ressignificação da capacidade de percepção, de imaginação, de simbolização e do repertório imagético. (RCG, pp. 93 e 94)

Nos Eixos transversais, no Objeto de Conhecimento “Processos de criação”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF69AR32) “Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas”, o RCG coloca:

(EF69AR32RS89) Experienciar, analisar e vivenciar em projetos temáticos, os elementos, as materialidades e os processos criativos das linguagens artísticas (local, regional, nacional e mundial) apropriados à sua forma de expressão dentro do coletivo, com respeito às singularidades 107 manifestadas em diferentes contextos. (RCG, p. 106)

Em “Matrizes culturais”, enquanto a BNCC define a habilidade como: (EF69AR33) “Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.)” o RCG coloca:

(EF69AR33RS89) Exercitar, analisar e apreciar a diversidade das matrizes culturais e dos aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.). (RCG, p. 107)

No “Patrimônio cultural”, enquanto a BNCC define a habilidade como:

(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

O RCG coloca:

(EF69AR34RS89) Investigar, pesquisar, contextualizar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, locais, regionais e brasileiras, de diferentes épocas, favorecendo a construção do repertório pessoal relativo às diferentes manifestações artísticas. (RCG, p. 107)

Representa, portanto, um conjunto bastante expressivo de habilidades que passam pela cultura local e regional, como podemos verificar no RCG, bem como na BNCC.

Já no Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio também é substantiva a formulação no que concerne à cultura gaúcha e suas manifestações artísticas, sociais e históricas. Na interface com o Ensino Fundamental, é ressaltado o quanto é relevante o aprendizado com o outro. “Dessa forma, o sujeito aprende na relação com o outro e, nessa direção, o interacionismo entre sujeito e objeto garante a obtenção do conhecimento, entendido como competência (BRASIL, 2018a)”. Um conhecimento que ultrapassa o conteúdo, que só acontece na inter-relação entre pessoas, no nosso caso, dentro da sala de aula, no pátio da escola. No bairro onde está inserida esta escola, nesta cidade. Segundo Merleau-Ponty, a linguagem é indissociável da existência humana. O RCGEM traz um recorte do que Silva (2011) coloca sobre a linguagem:

É na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. Assim sendo, a linguagem funda realmente a sua realidade, a de ser-no-mundo. Este ser é sujeito presente no mundo, enquanto consciência conhecedora (que pode vir a atingir o conhecimento objetivo), mas que também participa ativamente, como corpo situado no mundo, do processo de conhecimento. (SILVA, 2011, p. 87)

Deleuze (1997, p.9) entendia que o limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora: “é feito de visões e audições não-linguagem, mas que só a linguagem torna possíveis”. É o povo que fala. É através das palavras, entre as palavras, que se vê e que se ouve. Ele lembra que Beckett falava em “perfurar buracos” para ver e ouvir “o que está escondido atrás.”

Em consonância com a BNCC, nesta etapa da Educação Básica, o RCGEM diz:

“(…) o ensino deve privilegiar a pesquisa, o estudo de referenciais estéticos e poéticos e os processos criativos nas diversas linguagens, permitindo aos estudantes a exploração das relações, intersecções e conexões entre as diversas formas de manifestações artísticas”. (RCGEM, p. 153).

Será somente através e por meio da vivência que se oportunizará as diferentes visões de mundo. É diante deste contexto, “Percebendo os referenciais históricos, as heranças culturais, os movimentos artísticos com suas características estilísticas e várias outras influências que possam perpassar a sua produção”

(RCGEM, p. 153), que os estudantes se tornam capazes de compreender, expressar, criar e fruir por meio das diferentes linguagens da Arte.

O Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio não se exime em trazer à tona a responsabilização que tem origem na LDBEN:

No entanto, deve-se observar que a experiência estética acontece não apenas no âmbito escolar, pois os estudantes já carregam consigo bagagens oriundas de diversas experiências ao longo da vida. O papel da escola é enriquecer este repertório a partir dessas vivências por meio de inter-relações, estabelecendo novas conexões que os levem para além daquelas experiências estéticas que já carregam consigo. De acordo com o que aponta a LDBEN, “O ensino da arte, **especialmente em suas expressões regionais**, constituirá **componente curricular obrigatório** nos diversos **níveis da educação básica**¹⁰⁵, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). É preciso valorizar todas as manifestações culturais que compõem a diversidade do local onde a escola está inserida e que repercutem na identidade dos estudantes em todas as suas formas de expressão. Contemplando, desse modo, as culturas dos povos indígenas, da comunidade surda, da afro-brasileira, da região de fronteira e demais influências decorrentes dos processos culturais de minorias e de colonização do Rio Grande do Sul de acordo com a especificidade de cada região. Nesse sentido, devem ser contemplados nos currículos não apenas objetos canônicos, mas diversas manifestações de diferentes culturas, mídias digitais, artesanato, arte popular, entre outros. (RCGEM, p. 155)

É aqui que se evidencia a fundamentação da Lei do Folclore Gaúcho. O RCGEM fala em culturas dos povos indígenas, nós preferimos usar originários, mas não é essa a questão. Trata da cultura “da comunidade surda, da afro-brasileira, da região da fronteira e demais influências decorrentes de processos culturais de minorias”. O Referencial Curricular” é Gaúcho, mas não fala na formação do gaúcho. Vai resgatar os povos originários e pula trezentos anos. Durante estes três séculos, houve a formação do tipo gaúcho, sua identidade, suas características, sua cultura. Este tipo vai carregar um sentimento que emana de todos os povos. Que é a comunhão de todas estas culturas, que ganham outro colorido por estas andanças. São traços comuns que estão presentes em todos os rincões da Nossa Terra, que é a cultura da Nossa Gente.

O Projeto de Lei nº 265/2021, do deputado Luiz Marengo (PDT), dispõe sobre a inclusão da temática Folclore Gaúcho no currículo escolar dos

¹⁰⁵ A redação dada pela Lei nº 13.415, de 16 de fev. de 2017, é esta: Art. 2º, §2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

estabelecimentos de ensino fundamental e médios, no ambiente público e privado, do Rio Grande do Sul. Esta lei substituirá, quando entrar em vigor, a lei nº 8.734, de 4/11/1988, que incluía na disciplina de Estudos Sociais, o ensino do folclore nas escolas estaduais de 1º e 2º graus, atribuindo à Secretaria de Educação o encargo de formular o programa de folclore. Tanto a disciplina, quanto o sistema de ensino se modificaram ao longo destes anos. Agora, é o Referencial Curricular Gaúcho que traz esta configuração, não estabelecendo, no entanto, o conteúdo curricular no que tange à cultura gaúcha, ou mesmo, ao folclore gaúcho. O Projeto de Lei vem para atender objetivamente esta lacuna histórica:

Projeto de Lei nº 265 /2021

Deputado(a) Luiz Marengo

Dispõe sobre a inclusão da temática Folclore Gaúcho no currículo escolar dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, do Estado do Rio Grande do Sul. (SEI 7093-0100/21-3)

Art. 1º Os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, do Estado do Rio Grande do Sul, deverão incluir a temática Folclore Gaúcho em seus respectivos currículos escolares.

Art.2º A proposta pedagógica da inclusão referida no artigo anterior deverá atender às modificações da Base Nacional Comum Curricular – BNCC e sua regulamentação pelo Referencial Curricular Gaúcho.

Art. 3º O Conselho Estadual de Educação como órgão consultivo, normativo, fiscalizador e deliberativo do sistema estadual de ensino, verificará o cumprimento do estabelecido nesta Lei.

Art. 4º Esta Lei entrará em vigor no início do ano letivo de 2022.

Art. 5.º Fica revogada a Lei n.º 8.734, de 4 de novembro de 1988.

Sala das Sessões, em¹⁰⁶

Deputado(a) Luiz Marengo

Fizemos até aqui um arrazoado de motivos que justificam esta iniciativa como fundamental para o desenvolvimento dos estudantes, da nossa cultura e da própria sociedade. Fica evidenciado que a temática da cultura gaúcha se faz presente em diversas áreas do conhecimento. Podemos verificá-la nas Artes, em

¹⁰⁶ Conforme o original sem data.

todas as suas manifestações culturais, tais como a literatura, no que se refere ao conto, à poesia, ao romance, também o teatro, as artes visuais, a dança, a música.

E acrescenta o RCGEM:

Assim, as propostas de ensino precisam estabelecer cruzamentos entre culturas e contemplar as manifestações artísticas e culturais presentes na comunidade onde a escola está inserida, bem como as manifestações de arte tradicionais, urbana e contemporânea. Englobando todas as manifestações artísticas, entre elas a música regional e tradicionalista, a arte urbana, grafite, danças populares, atividades circenses, teatro de rua, teatro de bonecos mamulengos, artesanato etc. Contemplando também aquelas de matriz africana, quilombola e indígena, possibilitando que a escola se constitua como um espaço de acolhimento e respeito às diferenças e à pluralidade cultural. (RCGEM, pp. 115 e 156).

Não apenas nos campos da arte a cultura gaúcha aparece como um elemento potencial, mas também na história, na geografia, na economia, nas ciências sociais. Se quisermos ir adiante, podemos avançar pela culinária, indumentária, arquitetura, arqueologia e tantos outros saberes. O que se torna necessário, portanto, é criar mecanismos que possibilitem o acesso a um manancial que ofereça condições para o desenvolvimento de conteúdos propícios. Para que este conteúdo chegue até a sala de aula, de todos os anos do ensino básico, conforme está previsto na Constituição Federal, na LDBEN, na BNCC, no RCGEF, no RCGEM e, agora, na Lei do Folclore, é necessário que sejam desenvolvidos Projetos de Ensino nos diversos campos do saber que envolve esta cultura.

Na canção “João-Barreiro”, vencedora do primeiro Festival de Música de Santa Cruz do Sul (1980), uma estrofe nos lembra o gesto de um dos símbolos da Nossa Terra:

“Da companheira a certeza,
Fez do barro a poesia,
Buscando na sanga os versos
E da natureza a parceria.”¹⁰⁷

Vamos, agora, “buscar na sanga os versos” que formaram a Nossa Gente!

¹⁰⁷ COELHO, Caco; BORBA, Asaph. **João-Barreiro**. Porto Alegre, 1980.

6. A Morada

O Rio Grande do Sul tem uma história peculiar e única como não poderia deixar de ser. Existe um dito popular, gaúcho, que conta que Deus, do alto do seu esplendor, estava desenhando a orla do litoral brasileiro, cheio de encantos e baías milagrosas. Quando chegou na altura de Torres, cansou e traçou uma linha reta. Ainda não satisfeito no seu propósito de fazer da terra *gaúcha* um “espaço vazio”, este mesmo Deus de sabedoria misteriosa, cravou pedras nas costas áridas das praias por onde escoaria a prata. A prata, que foi encher os cofres europeus e que, de certa forma, ainda permanece locupletando aquela gente. O Primeiro Mundo. Chego a levantar da cadeira quando vou dizer, Primeiro Mundo. Nós somos o Terceiro, sem que para isto, tenha sido necessário um Segundo Mundo. Somos este imenso vazio. É nesse sentido que o fortalecimento da cultura de um povo, que não esteja submetido aos “interesses internacionais”, como costumava lembrar Leonel Brizola, o nosso engenheiro das escolas, tem um sentido ameaçador para os dominadores.

O Novo Mundo brilhava dourado aos olhos do Velho Continente. O estorvo da gente que havia por aqui, seria resolvido, dizimando os povos originários, como em nenhum outro lugar do Mundo afora. Os regimes feudais europeus encontravam uma fonte de riqueza. A Era dos Descobrimientos. Finalmente compreenderíamos que a terra é redonda. Compreenderíamos? Esta riqueza conduziria o mundo ao Capitalismo.

São variadas as visões de como foi construída a história do Rio Grande do Sul e, mais ainda, da formação do gaúcho. Não pretendemos, no entanto, aqui buscar um cotejo de opiniões, ou mesmo, enveredarmos por uma tentativa de criar uma versão nossa. Não, em hipótese alguma almejamos isto porque, preliminarmente, não é o que buscamos. O nosso foco, ao lançar luz sobre a cultura gaúcha, é extrair dela elementos capazes de fomentar a nossa Educação, justamente, mostrando sua ampla complexidade, desenvolvida no lombo do cavalo ou nas cidades, numa beberagem de tantas raças, rastreados por uma história de liberdade, herança maior dos povos originários.

Mesmo não pretendendo tomar partido desta ou daquela visão, nos afinamos com o que expõem João Simões Lopes Neto, em seu “Terra Gaúcha” (1955), que por sua vez é inspirador de Manoelito de Ornellas, com o poderoso “Gaúchos e Beduínos” (1956). Da mesma sorte, encontramos o uruguaio Fernando Assunção e o seu célebre livro “El Gaucho” (1978). Na outra banda, se é que podemos assim dizer, está Moyses Vellinho, aqui observado por meio do seu “Fronteiras” (1973). O que os diferencia, simplificando ao máximo a questão, são os sentidos do povoamento e conseqüentemente, da formação cultural. Aqueles, entendem o vetor formativo vindo do rio Uruguai e da Prata para o centro do estado, com a presença espanhola mesclando com os povos originários, em especial, o guarani. Este, compreendendo que o povoamento e a formação cultural têm o vetor do litoral para o interior, com ascendência lusa. De um lado a presença jesuítica, do outro, a açoriana.

Todos concordam, porém, na demora do povoamento deste *gran espacio vacio* (ASSUNÇÃO, 1978).

“Aos navegadores que em seguida ao Descobrimento começaram a bordejar a costa meridional do Brasil, (...) nas suas sondagens precursoras, nada lhes prometiam as primeiras imagens da terra que seria o Continente de São Pedro” (VELLINHO, 1073, p. 1). “Ao velejarem para o sul, em vão estendiam os olhares à procura de um repouso para as cansadas quilhas: primeiro, uma praia baixa, precedida de grande distância por águas rasas” (...) (ORNELLAS, 1956, p. 24). A linha branca das dunas até o reaparecimento do granito no litoral uruguaio. A descoberta por Juan Dias Solis, em 1515, do estuário que viria a ser conhecido como Prata. Um caminho que interessaria muito mais ao europeu, que vinha em busca de metais preciosos. A zona conflituosa, por conta do Tratado de Tordesilhas, que excluía o que seria o Rio Grande do Sul do seu traçado, o interesse da Espanha por outras regiões, como o México, o Caribe, o altiplano peruano rico em metais, a ausência deste “vil” por aqui, a guerra de anexação portuguesa entre 1640 e 1668, são alguns dos fatores porque o povoamento desta região demorou mais do que outras, tanto do Brasil, quanto da Argentina (ASSUNÇÃO, 1978). Os nossos povos originários eram pouco populosos. Descendentes da antiga taba do lendário Morubixaba Guáira, assentados no salto das sete quedas, no rio Paraná. Tupi

significa “os da primeira geração”. Tape, “Povoação Grande”. Os guaranis, portavam o nome que tinha o significado da guerra. O mesmo que queria dizer “tribo”. Eram guerreiros, um, porque os recursos eram muito escassos, outra porque era fator de orgulho, apesar da diferença com as tribos do Brasil central, que puniam os seus adversários. Moravam em palhoças, grandes habitações de madeira entrelaçada, amarradas por cipós, rejuntadas de barro. Andavam seminus, cobertos por peles e descalços. A alimentação era, na maioria dos casos, milho, pinhões, batata, raiz silvestre, frutas e a caças e a pesca, que depois, seria moqueada. O fogo era feito a partir da fálscia da pedra sílex, jogada sobre a palha e folhas secas. As armas eram o machado de pedra e o arco e flecha, feito de bambus. Segundo Simões Lopes Neto (1955), a população dos povos originários, estava assim espalhada:

Os “minuanos” estanciaram desde a lagoa Mirim até a margem direita do rio Camaquã e subiam pela esquerda do Jaguarão até o rio Negro; os “tapes” estendiam as suas tabas desde a lagoa dos Patos (Upava), entre os rios Camaquã e Jacuí, prosseguindo para o norte entre o Taquari e o Ijuí-mirim; ainda sobre a dita lagoa e o mar os “carijós” (ou patos) e do lado oposto os “arachanes” e “canans”; sobre o rio Ibicuí-grande e o Uruguai, para o norte, os “tapes”; nos campos da Vacaria os “botucarais”; os “guaranás” sobre a margem do alto-Uruguai; os “caáguas” ao longo do rio Caí até o Guaira, vizinhos dos banhados de Inhatium os “jaros”, e ainda ao sul do Ibicuí os “guenoas”; e para oeste, os “charruas”, dominando entre os rios Negro, Quaraim e o Uruguai. (LOPES NETO, 1955, p. 593)

Não havia nem vacuns, nem cavalos, ovelhas, galinhas, nem o porco, o gato e o cão domésticos (LOPES NETO, 1955, p. 590). Os bichos que haviam eram: puma, pato, ema, tigre, avestruz, veado-mateiro, ñandú, jaguar, zorrilho, guazu-pitá, cervo, lobo crioulo e urubu-chimango (claro está que parte dos nomes dos bichos é posterior ao povoamento). O som que se ouvia dos céus era o grito do tahã, do quero-quero alvissareiro. Ao mesmo tempo que havia uma ausência de selvas, a mata era constituída de arbustiformes, as gramíneas tapavam as longas extensões de campo, ondulado em coxilhas. A terra em questão – ainda não existe o Rio Grande do Sul – é o que será compreendido como Cisplatina. Uma região limitada a oeste pelo Atlântico, ao sul o Prata, ao leste o imenso rio Uruguai e ao norte, uma divisão natural rochosa, feita de penhascos e um mato emaranhado de difícil acesso. Os rios Ibicuí e Jacuí dividem a área em duas regiões distintas, sendo que, a parte setentrional, é montanhosa e, na parte meridional, predominam os campos ondulados.

Um fato seria determinante para o surgimento do gaúcho e toda a cultura que daí emana. Nesta imensa região, que permaneceria praticamente com somente seus habitantes nativos por mais de um século, seria introduzido o gado cavalariço, vaca e vacum. Em 1534 existem os primeiros registros da vinda destes animais. Simões Lopes Neto vai mais longe, ao registrar o que dizem os historiadores sobre a vinda secreta de Solís ao rio da Prata, quando, sobre a costa de Maldonado, perdeu alguns navios, deles se salvando “cavalos inteiros e éguas, que se internaram, nas fartas pastagens e foram procriando”. (LOPES NETO, 1955, p. 638)

Em 1580, quando da refundação de Buenos Aires, as notícias são da existência de milhares de animais. Outras regiões, de aspecto semelhante, serviram para a rápida procriação destes novos habitantes desta terra, como Córdoba e Entre Rios, na Argentina. Os povos originários que não conheciam estes animais, tornaram-se muito mais hábeis no trato com eles do que os próprios europeus. Este encontro das variadas espécies dos gados, com o ser nativo, somado ao churrasco que passa a ser um hábito, a destreza com o cavalo, o chimarrão, se se quiser, pode ser anotado como o nascimento do gaúcho. De origem até hoje não completamente esclarecida, este é um ponto de vista capaz de compreender as influências que “modificaram” os membros das tribos que aqui viviam. São elementos agregadores de cultura ao nativo, que se firmarão e que serão pautadores do comportamento do “tipo” que surgia:

El nacimiento del gaucho está condicionado por una cultura augural, consecuencia de un habitat, conjunción de grupos étnicos nativos, características de la colonización europea (hispano e portuguesa), razones geopolíticas, y otros varios etceteras, que irán surgiendo claramente a lo largo de este trabajo, pero, por sobre todo, consecuencias de la introducción de los ganados mayores, que se volvieron chimarrones o alizados, en unos territorios semivacíos y cuasi marginales o fronterizos, e introducidos antes del hombre, es decir antes de la efectiva colonización de esas tierras. Y es esta cultura augural la que transforma al colono, hispano o portugués, a sus hijos criollos, a muchos de los indígenas, y a otros tantos hombres de los más diversos orígenes, que se integran al habitat, habitat que resulta centro geográfico de esa misma cultura, en elementos aparentemente negativos para las rígidas estructuras coloniales, pero social y económicamente imprescindibles para las mismas y, especialmente, los hace protagonistas, verdaderos ejes motores, de esa misma cultura y de esa sociedad, que debiendo amarlos y preferirlos, los negó hasta el enriquecimiento, conteniendo el pecado de Pedro. (ASSUNÇÃO, 1978, p. 16)

O gaúcho é esta mescla que se forjou ao longo destes séculos. Mescla é uma expressão que foi utilizada por José Martí:

Em 1891, Martí escreveu Nossa América, a carta magna de seu pensamento latino-americanista. Ressalta aí, de forma metafórica, a autoctonia da América que ele chama “mestiça”, resultado da mescla do europeu, índio e negro. Em tempos de concepções racistas amplamente vigentes, Martí proclama que a mestiçagem é a beleza da América Latina. (ALTMANN, p. 7)¹⁰⁸

É o período da bruma. Lentamente, o deserto pampeano vai sendo povoado. Vai surgir o embrião de uma pátria feita a cavalo. Esse “gaudério” *vagabundea sin amo ni patrón* (ASSUNÇÃO, 1978, p. 29), aventureiro, sem ataduras à terra, valente, com uma qualidade inata de guerreiro. Esta vai se tornar uma das características centrais para a nossa gente: o universal e obsessivo amor à liberdade, como um bem supremo. É o que diz a canção, nos versos do poeta missioneiro Jaime Caetano Braun, com melodia de Luiz Marengo, **Estrela D’alva**¹⁰⁹:

Parece até que esta estrela
Que adoro desde de criança
Deus deixou pra vaca mansa
Da estância do céu, sinuela.

Sempre me comovo ao vê-la
Tão luminosa, tão bela
Atravessando a cancela
Do céu que muda de cor
Anunciando ao mateador
Que o dia vem de atrás dela.

A madrugada se adora
Depois que a noite se aninha
E estrela D’alva, rainha
Sai chispiando campo a fora...

¹⁰⁸ALTMANN, Werner. O Pensamento Político e Religioso de José Martí. **ihu.unisinos**. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/003cadernosihu.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. de 2023.

¹⁰⁹ Letra de Jayme Caetano Braun e música de Luiz Marengo (1994). Disponível em: <<http://qualdelas.com.br/estrela-dalva/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

Cada manhã que te vejo
Velha Estrela D'alva, eu sinto
Aquele bárbaro instinto
Que fez do guasca um andejo.

E um incontido desejo
De andar caminho e coxilha
Rastreando a indiada andarilha
Que a lo largo se perdeu...
E morrendo renasceu
Pra ser pendão de flexilha.

A madrugada se adora...

E aqui me para a pensar
Do que há pouco ouvi dizer
Que é necessário aprender
Para depois ensinar.

Pois por mais rudimentar
Que seja o ensinamento
Cada frase é como um tento
Que preciso ser lonqueado
E depois bem desquinado
Para trançar um sentimento.

A madrugada...

Às vezes sinto na alma
Que eu nunca mais me aprumo
Se um dia eu perder o rumo
Do clarão da Estrela Dalva

Tendo o “clarão da Estrela Dalva” como guia, o futuro estado do Rio Grande foi sendo conhecido. O “bárbaro instinto” é a herança mais cara que chegou até o

gaúcho, feito desta mescla, onde atuaram o tempo, a chegada do gadario, os povos originários, pelo lado do rio da Parta e do Uruguai, o espanhol, pelo litoral, o português e, mais tarde os africanos, os alemães, os italianos entre outros.

Mas existe uma diferença quase de um século entre as chegadas dos colonizadores. Colônia do Sacramento, na bacia do Prata, será fundamental para entender as idas e vindas da possessão desta região, abraçada pelos rios desde a cabeceira do Pelotas, nos píncaros dos Campos de Cima da Serra, recortar toda a fronteira norte até encontrar o Uruguai e descer até a bacia do Prata.

Fig. 10: Bacias e sub-bacias hidrográficas – RS¹¹⁰/ Fig. 11: Guerra Hispano-Portuguesa 1776-77¹¹¹



Fontes: Atlas Socioeconômico (fig. 10) e Commons Wikipedia (fig. 11)

Depois desse século praticamente despovoado, mas com o gadario a *lo largo*, os padres jesuítas espanhóis, a partir de 1586, segundo Montoya, ou em 1610, segundo Capistrano de Abreu (ORNELLAS, 1956, p. 34), ocuparam a parte norte da Argentina, do Paraguai e parte do nordeste do que vai ser o nosso estado, com trinta reduções. Sete delas vão ser fixadas no que será o Rio Grande do Sul. São diversas as versões sobre a presença e influência na nossa formação. O certo, porém, é que é imenso o legado dos Sete Povos. As primeiras missões, segundo Simões

¹¹⁰ BACIAS e sub-bacias hidrográficas. **Atlas Socioeconômico**, 2022. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/bacias-e-sub-bacias-hidrograficas#:~:text=O%20Rio%20Grande%20do%20Sul,do%20Gua%C3%ADba%20e%20a%20Litoral%20e%20a%20Bacia%20Uruguai>>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

¹¹¹ GUERRA Hispano-Portuguesa de 1776-1777. **Commons.wiki**. 2021. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerra_Hispano-Portuguesa_de_1776-1777.jpg>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

Lopes Neto, foram as de “San Nicolas”, sobre o rio Piratini, “Candelária de Caázapamíni”, entre o Piratini e o Ijuí-mirim, e “Mártires de Caaró”, sobre este rio. “O território para fora destes rios, portanto, ao norte, leste e sul, é o que os jesuítas já assinalavam com o nome de territórios “del Tape”. (LOPES NETO, 1955, p. 611).

O primeiro registro de uma divisão político-administrativa foi em 1639, com a ereção da Província de Tapes. Ou seja, “um século esteve ele descurado do governo espanhol, ao passo que por dois séculos esteve-o do português, pois só em 1737 é que Silva Paes fundou o presídio do Rio Grande, Jesus, Maria e José” (LOPES NETO, 1955). Ainda reforçando esta visão da formação do tipo neste espaço vazio, Manoelito de Ornellas diz, sobre o *novo modo de vida*, a fácil adaptabilidade do índia aos hábitos e costumes que encontrou na terra: “No caso, uma inversão de influências: não trouxe a indumentária nem criou tampouco os utensílios peculiares ao gaúcho. Recebe-os do gaúcho, que já existia e há muito transitava pelos pampas da América” (ORNELLAS, 1956, p. 28).

Esse mestiço, filho de espanhol e de índia, dono do espírito ousado do conquistador e da agilidade e perspicácia do aborígine, deu o primeiro *rastreador*, o primeiro *desgarrador*, o primeiro *changador*, e por vezes, egresso dos redutos subordinados à lei, foi também o *quatrero*, *vagabundo dos campos*, e *ladrão de gado*. Está na figura lendária deste *matreiro*, dono de todos os segredos da equitação, o precursor do *gaúcho*, o próprio *gaúcho* primitivo, com todas as vantagens e prejuízos de sua condição de mestiço e todas as influências perniciosas do meio bárbaro. (ORNELLAS, 1956, p. 34)

O século seguinte será o “século do gaúcho”. Durante os anos 1700 será *descoberto* que o couro é um valor que pode ser cambiado. Começa a haver um ofício, voltado à faina com o gado e o conhecimento da terra. Será o surgimento do vaqueano (ASSUNÇÃO, 1978, p. 27) e tantas outras profissões que começam a se desenhar, na fundação da lida campeira.

Uma nova sociedade, uma condição cultural particular, estavam nascendo:

A abundância do gado e a ausência de toda propriedade permitiram ao habitante da pampa – no século XVIII – viver sem esforços. O cavalo lhe assegurou a rápida mobilidade, o couro proporcionou-lhe os arreios, o laço, as botas, as rédeas e deu-lhe a cama e parte da habitação. Laçada ou boleada a rês, em pleno campo, dela se retiravam o couro e o melhor pedaço de carne para o churrasco e o resto ficava na coxilha a atrair os milhares de corvos que negrejavam em bando saltitantes ou em revoadas turbulentas. (ORNELLAS, 1856, p. 133).

Em 1750 será assinado o Tratado de Madri, que devolvia Colônia do Sacramento aos espanhóis e Portugal incorporava o Território das Missões, determinando o início do fim da Companhia de Jesus. Ao longo do século, as incursões dos bandeirantes já haviam arrasado com boa parte delas. Por onde passaram as bandeiras, “as gentes”¹¹² foram dizimadas. Da assinatura do Tratado até a morte da maior liderança formada nas Missões, o guerreiro Sepé Tiaraju, se passaram apenas seis anos. Entre 1753 e 1756, ano da morte do herói guarani missioneiro rio-grandense, travou-se a Guerra Guaranítica. A sua luta é um símbolo da independência dessa gente: “Essa terra tem dono”.

A revogação do Tratado de Madri, em 1761, dará origem, no ano seguinte à Primeira Expedição de Cevallos ao Rio Grande, que reconquista Colônia do Sacramento para os espanhóis. Em 1763, celebra-se, no povoado de Rio Grande de São Pedro, a Convenção pela qual cessam-se as hostilidades entre espanhóis e portugueses. Levava a assinatura do Cel. Inácio Elói de Madureira. Neste documento pela primeira vez de modo oficial é citado o nome *gaúcho*. Colônia do Sacramento voltava às mãos dos portugueses.

Essa constante alternativa de posse e domínio da Colônia do Sacramento e do Território das Missões, provocou entre Rio Grande do Sul e Uruguai uma interpenetração luso-espanhola que serviu para dar ao gaúcho das duas parcelas territoriais quase que uma só fisionomia. Portugal deixou profundas influências na vida uruguaia como o Uruguai deixou profundas influências na vida rio-grandense. (ORNELLAS, 1956, p. 69).

Em 1772, mais precisamente, a 26 de março, o Porto de Viamão foi elevado à freguesia, com o nome de Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, em referência aos casais de açorianos que haviam sido enviados por Portugal, com o intuito de povoar esta região que passava ao seu domínio, após o Tratado de Madri. Em 1800 seria aberta a primeira escola em Porto Alegre. Se passaram exatos 300 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral.

Entre 1776 e 1777 ocorre a guerra que marcará a retomada do Rio Grande pelos portugueses e a posse definitiva de Colônia do Sacramento pelos espanhóis. O quadrilátero irregular, com diagonais de Norte a Sul e de Leste a Oeste, se fixava. A história se funde, não cinde, conceitua Manoelito de Ornellas.

¹¹² Referência à obra de Rosana Paulino.

Em 1801, com armas nas mãos, num surto cívico, os habitantes da Capitania em alvoroço, desejavam impor uma demarcação dos limites mais vantajosa: “O civismo era a força secreta que animava aquela gente. Na alma daqueles homens quase rudes, nascia, por entre as arestas de uma tumultuária formação moral, a mais legítima consciência de pátria” (ORNELLAS, 1956, p. 114).

Em 1805, existiam seis povoações capazes de se tornarem vila: Rio Grande de São Pedro; Pelotas, anexando as Capelas de Canguçu, Piratini e Arroio Grande; Rio Pardo, anexando a Capela de Santa Bárbara; Caxoeira, anexando a Capela de Caçapava; a Freguesia do Triunfo, anexando Santo Amaro e São José do Taquari; e Santo Antônio, anexando as Freguesias da Vacaria, da Conceição do Arroio e de São José de Mostardas. (ORNERLLAS, 1956, p. 119).

Em 1807, é criada a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Em 1821, é elevado a condição de província do Império, se tornando a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Começa, em 1824, a vinda dos imigrantes alemães, ocupando, principalmente, o vale do rio dos Sinos.

Em 1835 aconteceria o maior feito épico até então. Inconformados com o tratamento que o Império dedicava ao Rio Grande, taxando excessivamente o charque, que se tornara um forte fator econômico, os gaúchos se colocaram em pé de guerra. Com a proclamação da República Rio-Grandense, pelo general Neto, em 1836, o movimento assumia o caráter separatista. Por dez anos os gaúchos, liderados por Bento Gonçalves, enfrentariam as forças imperiais sangrentamente. Sobre este feito, existem as mais variadas e antagônicas visões. Para uns uma revolução, para outros uma luta de estancieiros. No documento em que o barão Duque de Caxias anuncia o término da guerra civil, trata o movimento como “revolução.”¹¹³ Para Érico Veríssimo é um diálogo duro entre o capataz e o patrão, Florêncio e Licurgo Cambará:

¹¹³ DECLARAÇÃO do Barão de Caxias anunciando o fim da Revolução Farroupilha. Wikisource.org. 2017. Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_do_Bar%C3%A3o_de_Caxias_anunciando_o_fim_da_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Farroupilha>. Acesso em: 1º de abr. de 2023.

Silêncio. Florêncio pigarreia. O genro sabe quanta falta ele sente do cigarro e do chimarrão. Mas não diz nada, nunca se queixa, e esse discreto silêncio é o que mais irrita Licurgo:

- Então?

- Então o quê?

No tom de voz do velho há um mal disfarçado ressentimento.

- O que se faz?

- Vassuncê é o dono da casa...

- Mas o senhor é o pai da Alice. É o mais velho de todos nós. Me diga com toda sinceridade: acha que estou procedendo mal?

O velho tosse, por embaraço. Mas responde com calma:

- Que importa o que eu penso? Vassuncê sempre faz o que entende. Sou um homem ignorante mas conheço bem as pessoas. Tenho visto muita coisa nesta vida. Acho que vassuncê pode estar procedendo bem como chefe político, mas está procedendo mal como chefe de família. (VERISSIMO, 1986, p. 14)

Após a morte de quase 50 mil pessoas, em 1º de março de 1945, é assinado o Tratado de Ponche Verde, dando fim à guerra.

Em 1851, com a retificação da fronteira com o Uruguai, o Rio Grande do Sul toma o desenho que praticamente é o de hoje.

Em 1864, o Rio Grande do Sul participa, ao lado das forças imperiais e da Argentina e do Uruguai, da Guerra do Paraguai. Em pouco mais de cinco anos, outros 50 mil não voltaram. No Paraguai, cerca de 300 mil pessoas perderam suas vidas.

A partir de 1875, o Rio Grande começa a receber os imigrantes italianos, que ocupariam grande parte da região serrana.

A partir de 1891, a jovem liderança de Júlio de Castilhos vai iniciar uma longa dinastia, chegando até Getúlio Vargas. Antes, porém, em 1893, vai haver a Revolução Federalista, talvez a mais violentas das guerras em toda a América Latina. Em dois anos, serão mortas mais dez mil pessoas.

Com o fim da revolta em 1895, Júlio de Castilhos pode disseminar os princípios Positivistas na administração gaúcha. Na sua sucessão, em 1898, assume Borges de Medeiros, que vai governar por 25 anos o estado. A esta altura, a população do Rio Grande do Sul atinge praticamente um milhão de habitantes.

No mesmo ano em que Borges assume, o Major João Cezimbra Jacques (1849-1922) fundou o primeiro Grêmio Gaúcho (GOLIN, 1983, p. 29). Militar, os ordenamentos deste órgão, que será o embrião dos futuros Centros de Tradição Gaúchas, os CTGs, eram rígidos. Rígidos em demasia, como veremos logo mais.

Em 1908, é fundado o Instituto de Bellas Artes, liderados por Olinto de Oliveira.¹¹⁴

Entre 1910 e 1914 serão publicados, ainda em vida, quatro livros de João Simões Lopes Neto, considerado um dos precursores da literatura regionalizada. São os “sons da terra” que dará voz à brasilidade.

Quando Borges de Medeiros decide se candidatar pela quinta vez ao governo, em 1923, é enfrentado pelo veterano político Assis Brasil. É quando da guerra entre os *ximangos*, adeptos de Borges, e os *maragatos*, assististas, completando a tríade das guerras gaúchas: 1835, 1893 e 1923. Esta, de agora, ficará conhecida como o “tempo da degola”:

Olha a faca de bom corte,¹¹⁵
 Olha o medo na garganta!
 O talho certo e a morte
 No sangue que se levanta.
 Onde havia um lenço branco
 Brota um rubro, de sol pôr,
 Se o lenço era colorado
 O novo é da mesma cor.
 Quem mata chamam bandido,
 Quem morre chamam herói.
 O fio que dói em quem morre
 Na mão que abate não dói (2x)
 “Era no tempo das revolução,
 Das guerra braba de ermão contra ermão,
 Dos lenço branco contra os lenço colorado

¹¹⁴ HISTÓRIA do Instituto de Artes. **Instituto de Artes**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/institutodeartes/index.php/historia-do-instituto-de-artes/>>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

¹¹⁵ RILLO, Aparício; BARBARÁ, Marinho. **COLORADA**, disco da 7ª Califórnia, 1977.

Dos mercenário contratado a patacão.”
 “Era no tempo que os morto votava
 E governava os vivo até nas eleição,
 Era no tempo dos combate a ferro branco,
 Que fuzil tinha mui pouco e era escassa a munição.”
 “Era no tempo do inimigo não se poupá,
 Prisioneiro era defunto e se não fosse era exceção,
 Botavam nele a gravata colorada
 Que era o nome da degola nesses tempos de leão.”
 Olha a faca de bom corte...

No ano anterior aconteceu a Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

Em 1925, Darcy Azambuja lançou a obra “No Galpão” que lhe renderia o prêmio de contos da Academia Brasileira de Letras.¹¹⁶ Este livro foi uma referência para a literatura gaúcha.

Mais cinco anos se passaram depois da Revolução de 23 e um novo ambiente começa a ser exigido, ultrapassando os velhos acordos entre partidos, onde os mortos governavam os vivos. É nesse contexto que vai se destacar Getulio Vargas, conseguindo unir as correntes historicamente dissidentes. Por ter unido estas correntes, se torna presidente do estado do Rio Grande do Sul, em 1928. Este verdadeiro feito, projetou a figura de Getulio, que se tornará o grande comandante da Revolução de 30.

Em 1930, os gaúchos cruzam o Brasil, à cavalo e trem, e colocam Getulio Vargas na presidência.

Em 1932, fazendeiros e estancieiros do Rio Grande do Sul, criaram, em Bagé, a Associação de Criadores de Cavalos Crioulos. A paixão e cultura em torno do cavalo crioulo, será outro definidor do espaço do gaúcho.

Em 1941, Gildo de Freitas, então com 18 anos de idade, animava bailes pela capital e cidades do interior. Se tornou o “Rei da Trova”, estabelecendo grande

¹¹⁶FLORES, L.; SANTOS, S. O antigo e o moderno na obra *No Galpão*, de Darcy Azambuja. **Revista Terceira Margem**, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/21683/12651>>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

rivalidade com outro figura que se destacaria no cenário da música, da trova e do cinema gaúcho, Teixeira.

Em 1942, Iberê Camargo realiza a sua primeira exposição. Vai se tornar, talvez, o maior nome das artes plásticas gaúchas, em nível nacional.

Em 1947, Érico Veríssimo começa a escrever o sua obra-prima, a trilogia “O Tempo e o Vento”, onde vai contar duzentos anos da história do Rio Grande.

Um dos colégios mais destacados da época - se não o mais destacado – o Júlio de Castilhos, criou o Departamento de Tradições Gaúchas e organizou a primeira “Ronda Gaúcha”, entre 7 e 20 de setembro de 1947. Durante estes dias, um grupo de alunos manteve aceso o Fogo Simbólico, que batizaram de “Chama Crioula”, ato que será o embrião da futura “Semana Farroupilha”. (SANTI, 1999, p. 43).

Em 1948 acontece a criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG, o 35, em referência a epopeia gaúcha. Seu primeiro patrão é Glaucus Saraiva.

Inspirados pelo escritor politicamente engajado, Pedro Wayne, formou-se um grupo de jovens artistas bajeense: Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti deram início ao grupo que, em 1948, agregaria o já iniciado nas artes Danúbio Gonçalves e, após estada na Europa e participação na II Grande Guerra, chegou Carlos Scliar. Juntos, “Os Quatro de Bagé”, constituiriam decisiva visão sobre o gaúcho e sua vida.¹¹⁷

Nos anos 50, juntam-se a Vasco Prado para criação do Clube de Gravura, em Porto Alegre, que se consagra como uma referência, em especial, no trato da temática gaúcha.

Em 1954, ano do suicídio de Getúlio, foi realizado o I Congresso Tradicionalista, “instituído” o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). As aspas se devem ao valor institucional que a Academia, de um modo particular, dá ao MTG. Veremos logo adiante esta problemática.

¹¹⁷ GRIPPA, Carolina; HÄDRICH, Caroline. Os quatro – Grupo de Bagé. **iberecamargo.org**, 2020. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/exposicao/os-quatro-grupo-de-bage/>>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

Em 1957, o *Conjunto Farroupilha* lança o *LP Gaúchos em Hi-Fi*, que Barbosa Lessa considerava “uma verdadeira síntese da terra e do homem do extremo sul”. (BRUM, 2014)

Em 1959, foi estabelecido o padrão da raça, uniformizando e unificando os cavalos Crioulos em território de origem.¹¹⁸

Em 1961 é realizado o Movimento da Legalidade, liderado por Leonel Brizola, defendendo a posse do são-borjense João Goulart, na presidência da República.

No mesmo ano, ocorreu o VII Congresso Tradicionalista, que lavrou a “Carta de Princípios do Tradicionalismo”. Um dos fundadores do MTG, o poeta Glaucus Saraiva, define o movimento como:

O Tradicionalismo, ou Movimento Tradicionalista, é um organismo social, perfeitamente definido e estatuído, de natureza cívica, ideológica e doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em plano especialíssimo no panorama da vida rio-grandense, brasileira e americana. Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza nativista, procurando influir em todas as formas de manifestações da vida e do pensamento rio-grandenses, o Tradicionalismo gira em uma órbita que tem como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em geral e o riograndense em particular, sua maior expressão, e onde estão fixadas as suas raízes mais profundas. (1968, p. 17).

Ainda em 1961, é criado, pelo Governo do Estado, o Instituto de Tradição e Folclore. (GOLIN, 1983, p. 66). Fazem parte Paixão Cortes, Antônio Augusto Fagundes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva, entre outros.

Em 1964, o golpe militar, que Brizola tinha evitado três anos antes, teve efeito. Na madrugada do dia 1º de abril, foi declarada vaga a presidência da República, com o presidente estando em solo gaúcho. Vai perdurar por 21 anos cinzentos.

Ainda em 1964, a Assembleia Gaúcha oficializa a “Semana Farroupilha”.

Em 1966, o Hino, as Armas e a Bandeira Farroupilha foram oficializados como símbolos do Rio Grande do Sul.

¹¹⁸ HISTÓRIA da ABCCC. **Cavalocrioulo.org**. Disponível em: <<https://www.cavalocrioulo.org.br/institucional/historia>>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

Estamos na iminência do fatídico ano de 1971. Não só de bruxas estava carregado o ano. No final deste ano trágico, uma cancha se abriria. Desta “Califórnia” nos ocuparemos na próxima etapa, a sétima.

7. Os Pecuelos

Quando o negro abre essa gaita
 Abre o livro da sua vida
 Marcado de poeira e pampa
 Em cada nota sentida...¹¹⁹

O “negro” vai abrir a sua gaita Os botões vão chorar os segredos que foram recolutados pelas estradas abertas ao longo dos séculos. A voz trocada e a mão campeira do negro, vão acordar o silêncio dos mates. A gaita vai funcionar como um baú de emoções, sementeira de *recuerdos* dos galpões. Aqui, a voz é de Cézár Passarinho, quiçá, o maior intérprete da música gaúcha, ou, se preferir, nativista. Porque este evento servirá para apartar os sentidos das palavras “regionalismo” e “nativismo”. “O regionalismo regula, o nativismo cria a partir das suas raízes”¹²⁰. Os nativistas querem vestir-se como gostam, e não segundo cânones e figurinos tradicionalistas. (apud OLIVEN, 1992, p. 119). É aquilo que é “nato”. Que nasceu neste lugar, que tem raízes fincadas. Terrunho.

Incomodados por sua música não ter sido classificada no I Festival da Canção Popular da Fronteira, em 1970, por ser considerada “regional”, enquanto foi classificada uma com letra em espanhol e outra tratando da seca do Nordeste, Júlio Machado da Silva e Colmar Duarte, autores da milonga “Abichornado”, raiz da discórdia, pensaram em criar um festival onde somente canções gaúchas seriam permitidas (SANTI, 1999, p. 53). Seria a provocação inicial de uma longa estrada. “Califórnia”, nome que seria o do festival que criavam, vem do grego e quer dizer reunião de coisas belas. Depois, no Rio Grande, o termo ganhou o significado de corrida de cavalos.¹²¹

Em 1971, ocorreria a primeira edição da “Califórnia da Canção Nativa”, que agiu como um pavio, dinamitando em diversas partes do estado, eventos semelhantes. Foi a “Era dos festivais”. O Rio Grande do Sul chegou a ter, nos

¹¹⁹CARVALHO, Gilberto; PIMENTAL, Aírton. **Negro da Gaita**. Uruguaiana, 1977.

¹²⁰ Entrevista realizada com o professor de dança gaúcha, Diego Müller, fev. de 2023.

¹²¹ Disco da 1ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. (contracapa)

anos 1980, mais de 50 festivais. Muitos deles, com discos contendo as canções classificadas para a noite final.

Uma década depois do início da Califórnia, surgiria um programa que está no ar há mais de quatro décadas, o “Galpão Crioulo”. Com apresentação do advogado e folclorista, Nico Fagundes, a existência do programa foi um divisor de águas, sobretudo, pelas incursões que faziam nas cidades do interior. O programa, veiculado em tv aberta, sempre obteve grande audiência. Além disso, foi o grande palco para a ampliação das músicas surgidas nos festivais, uma estufa dos novos ventos.

É a “Califórnia da Canção Nativa” o instrumento que vai dar voz ao sentimento que buscamos deixar aqui expressado.

Muitos fatores agiram nesta alquimia, conforme viemos mostrando nesta recolutagem. Hoje existe uma evidência da presença da cultura nativa de modo peremptório. O silêncio desejado pelos anos sombrios, não vingou. É impossível negar o “valor” de toda esta construção. Voltamos ao conceito do “valor”, colocado por Morin, ao tratar do “verdadeiro papel da educação”. “Ela (a Educação) teria que trazer a compreensão e fazer as ligações necessárias para esse sistema funcionar”:

Um dos principais objetivos da educação é ensinar valores. E esses são incorporados pela criança desde muito cedo. É preciso mostrar a ela como compreender a si mesma para que possa compreender os outros e a humanidade em geral. (MORIN, 2016).

Na 9ª Califórnia, eu entro nesta história. Éramos um grupo de colegas, alunos do Instituto Porto Alegre, o IPA, que pertence a Igreja Metodista. Naturalmente, éramos ligados à Igreja e tínhamos um grupo de música que tocava, eventualmente, nos cultos. Na verdade, havíamos nos reunidos em função de um espetáculo de teatro que fizemos no próprio colégio, “Deus lhe pague”. Na sequência da peça, o autor, Paulo Luiz Job, e eu, fizemos uma dupla que declamava e cantava músicas gaúchas. O Leopoldo Rassier, um dos maiores nomes da história da música nativa, era colega da minha mãe, na Assembleia Legislativa. Ficamos muito amigos do Leopoldo. Eu tive o privilégio de conviver alguns anos com ele e, entre idas e vindas da sua fazenda em Corrientes, um lugarejo próximo de Pelotas, acabou brotando o desejo de participar da Califórnia. Foi ele, inclusive, que batizou

o nosso grupo: Grupo Carqueja, disse o Leopoldo que o jujo servia para tudo que é moléstia, além do fato de só nascer na volta das casas, como uma espécie de querência.

Verificamos que estava no período de inscrições para a 9ª Califórnia. Era nosso primeiro ano após concluir o colégio. Eu já estava na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da UFRGS. Aliás, foi uma passagem meteórica pelo curso. Já ligado à música, nunca consegui me dedicar como deveria à faculdade. Minha mãe tinha sido laureada em Direito pela PUC-RS, e eu acabei influenciado. Me arrastava para ir as aulas, algumas, ela ficava na aula. Fiquei um ano e meio. Em dado momento - a aula era de Direito Processual Civil -, o professor foi ficando distante... distante... Levantei e fui embora. Nunca mais voltei. Conhecemos muita gente ligada à música gaúcha e ao folclore, nos diversos encontros que foram feitos aqui em casa, que virou uma espécie de Consulado da música gaúcha. Tinha que apresentar uma música a algum cantor da capital? Vinham aqui para casa para mostrar. “Veterano” (1980), de Antônio Augusto Ferreira e Everton Ferreira, e “Sabe Moço”, de Chico Alves (1981), para citar algumas das maiores da história da Califórnia, foram apresentadas ao Leopoldo Rassier aqui em casa. Uma vez o Nico Fagundes ligou e disse que queria fazer um “grudado no pau”, carne moída com farinha e ovo, como se fosse uma kafta. Ele vinha seguidas vezes aos domingos fazer alguma bóia. A ideia do Nico Fagundes se tornar apresentador, saiu aqui de casa, num desses encontros, mais precisamente, da Iarinha.

Reza a lenda, que não era necessário fazer fogo pro churrasco, bastava atirar mais carvão no braseiro, que dificilmente apagava. Foram alguns anos em que vivemos de modo muito intenso o nativismo, que começava a ganhar Porto Alegre. Fomos o primeiro grupo de jovens a se formar na capital, em decorrência desse movimento que vinha dos festivais. Participamos de seis festivais e em cinco ganhamos prêmio. Na 9ª Califórnia, com a composição “Romanceiro da Erva-Mate”, minha, do Luiz Coronel e do Asaph Borba, ganhamos melhor trabalho de pesquisa, música mais popular e o César Passarinho, melhor intérprete. O Coronel, um dos maiores poetas da nossa gente. O Asaph era um colega do IPA, muito ligado ao movimento carismático, uma renovação em que os pastores metodistas se lançaram. O Leopoldo ia cantar outra música do Coronel e do Airton Pimentel,

“Facho da Estrela Guia”, e não podia interpretar também a nossa. Chegamos a pensar em nós mesmo cantarmos, em coral. Daí o Leopoldo nos apresentou o Passarinho, que se tornou um grande amigo, chegando a morar aqui em casa por alguns meses. Eram, simplesmente, os dois maiores intérpretes da música gaúcha que cantavam, frequentemente, aqui em casa.

Na 4ª Ciranda Teuto-Rio-grandense da Canção, o Grupo Carqueja apresentou “Palheiro”, minha, do Coronel e do João Batista, que ganhou, também, a canção mais popular, como tinha sido com “Romanceiro”. A Ciranda, que acontecia em Taquara, tinha a característica do ser vocacionada para a música de influência alemã. Outro grande festival, a Vindima da Canção, realizado na cidade de Flores da Cunha, a influência era da cultura italiana. Neste Festival, recebemos o “Garrafão de Ouro” da VII edição, em 1981, com “Vinhas da esperança” minha em parceria com Dilan Camargo e, novamente, o Asaph.

Figura 11: o autor recebe o “Garrafão de Ouro”.



Fonte: VERDI, 2020, p. 90.

Depois, vencemos o Festival em Santa Cruz do Sul, com “João Barreiro”, minha e do Asaph Borba. Em São Luiz Gonzaga, em 1980, participamos e vencemos a 1ª Mostra Missioneira, com “Sonhada Querência”, minha, do Luiz Teles e do Glaucus Saraiva – sim, o folclorista. Uma das músicas que não ganhou prêmio, mas merece registro, por ser em parceria com o grande Glênio Fagundes, “Acalanto dos Piás”, está na apresentação do presente TCC. Nos apresentamos no Araújo Viana, na praça central em Santa Maria, entre outros locais.

Meu irmão seguiu vinculado ao nativismo, sendo patrão e criador de dois Piquetes de Cultura Nativa, “Manotaço” e “Leopoldo Rassier”. Piquetes podem ser classificados como CTGs, sem o rigorismo, com aroma nativista. Diz o lema do “Manotaço”: *Preservar, pero no mucho*”. Hoje, meu filho, Gabriel Testa Coelho, tem seu cavalo crioulo, toca as músicas do Carqueja e me faz manter acesa a chama.

Por isto este Trabalho.

Entendemos que poderá contribuir para a implementação da Lei do Folclore. Esta é a nossa contribuição. Percorremos até aqui o caminho que vislumbra o cerne da cultura, criada pela Nossa Gente, na Nossa Terra.

Agora, vamos apresentar elementos práticos que pretendemos poder colaborar com os professores na missão de levar às nossas crianças a cultura gaúcha.

Buscamos disponibilizar, num mesmo lugar, acesso a informações que auxiliem os professores a desenvolver os seus Projetos de Ensino.

Construímos, dessa forma, um sítio, “Nossa Terra Nossa Gente”, onde reunimos um conjunto de informações que dão acesso aos materiais necessários para levar à sala de aula as habilidades previstas, tanto na BNCC, quanto no RCG e RCGEM.

Além da criação deste material digital, estão disponibilizados dois Projetos de Ensino nos apêndices: um para os anos iniciais do Ensino Fundamental II e outro para o Ensino Médio. O Projeto para o Ensino Fundamental foi executado em Estágio Obrigatório do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e o de Ensino Médio é uma sugestão elaborada com o fim de abordar a temática em estudo nesta investigação. Ambos também estão disponibilizados no Sítio Nossa Terra Nossa Gente.

O Estágio do Ensino Fundamental foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Básico Gomes Carneiro. O prédio do “Gomão” fica na Vila Ipiranga, passando o Iguatemi, ao lado do Banco de Olhos. Para lá eu fui. A antiga professora de Artes tinha deixado a Escola no início do ano e as crianças ficaram sem aula de Artes por alguns meses. Dessa forma, as minhas supervisoras de estágio e eu entramos quase ao mesmo tempo no Gomes Carneiro.

A Escola funciona nos três turnos e possui em torno de 1.400 alunos, segundo a direção. A quantidade de alunos diverge do que está no site QEDu,¹²² que diz ter 1.100 alunos. As salas são amplas, mas possuem uma média de 20 alunos por classe. Não existe sala de artes, o que agrava a questão de os períodos serem muito curtos (45 min).

O “som” da escola é alto, barulhento. As crianças tem grande movimentação, mas, são interessadas e bastante vivas, que é um primeiro perfil que se afeiçoa ao plano que vai ser proposto, já que escapa um pouco do tradicional desenho e/ou colorir, ao propor brincadeiras pertencentes ao folclore. “Criança que aprende a brincar com as mãos, não sente falta de brinquedos”, já dizia o artista gaúcho Glênio Fagundes, repetindo, de alguma forma, o que disse Baudelaire.

No nível Médio, não pude implementar o Projeto de Ensino. Durante o período de observação vi que a professora seguia à risca o livro SAS-Plataforma de Educação, de Ângela Motta, Silvana Gomes, Maria Angélica Melendi (colaboração) tanto no II ano, quanto no III ano. Entendi que era melhor buscar contribuir com a sequência programada, tentando implementar outro tipo de ensinamentos, proporcionando uma transversalidade, passando pela utilização de vídeos, teatro, enfim, outros mecanismos diferentes do control “C”+control “V”.

No Ensino Fundamental, porém, o Projeto de Ensino Nossa Terra Nossa Gente foi recebido com grande entusiasmo pela outra professora. Assim, após a revisão e contribuição do orientador do Estágio II, prof. Cristian Mossi, partimos para o período de observação. Durante este tempo, quis ir me aproximando das crianças, colaborando nos trabalhos que eram aplicados, com imagens, comentários, que tinham a intenção de ir criando vínculos, no intuito de produzir a construção da imagem de professor perante os alunos. Começaram as aulas. Munido da “Caixa de Objetos de Aprendizagem Nossa Terra Nossa Gente”, apresentei, às três turmas do 6º ano, o conteúdo da Caixa. O primeiro brinquedo a ser desenvolvido, foi a “Tropa de Osso”. Fomos para o pátio encontrar material que pudessem compor a nossa “fazendinha”. Dividimos a turma em grupos. Cada um

¹²² ESC EST ED BAS GOMES CARNEIRO. **QEDu.org**. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/43106498-esc-est-ed-bas-gomes-carneiro>. Acesso em: 01 de jul. de 2023.

dava o nome para a sua fazendinha e deveria fazer uma placa para colocar na entrada da fazendinha. Percebi que havia sido recebido com muito interesse pelos alunos e alunas. Havia levado um quilo de argila para começar os trabalhos, que se esgotou rapidamente. O que mais fizeram foi vasos. Alguns voltaram para o pátio para buscar mais florezinhas para pôr nos vasos. Ficaram imundas as mesas. Vimos que tínhamos que ter jornal para forrar as mesas, lenços para eles limparem as mãos etc. Guardamos o que tinha sido apanhado no pátio em sacolas diferentes e na Caixa o que já tinha sido produzido. Nos preparamos melhor para o segundo dia. Dividimos os materiais entre os grupos, que já tinham sido estabelecidos. Comprei três quilos de argila, um para cada turma e, novamente, foi pouco. Houve um interesse muito maior do que era a expectativa. Um dos alunos saiu correndo atrás de mim depois da aula. “- Bah, profi, tu lembra muito o vô Bolão”. A princípio, não entendi o nome. “- Vô o quê?”. “- Bolão, ora. O vô Bolão. Mas ele já morreu.” Entendi do que se tratava. O vô dele brincava com ele algo semelhante ao que estávamos fazendo. Na terceira aula, trouxe o que eles haviam preparado em um tabuleiro de isopor, forrado com papel sugerindo as cores do chão de uma fazenda. Um dia chego na Escola para acompanhar o outro nível, o Ensino Médio, pela manhã. A direção da Escola havia colocado as fazendinhas feitas pelas turmas em cima de um tablado. Havia uma pequena “multidão” de crianças em volta dos tabuleiros. Todos queriam saber o que era, quem tinha feito.

Na sequência, foram as aulas com a brincadeira das “Cinco Marias”. Explicamos como seria feito, com muito cuidado com as agulhas. A professora me sugeriu que adquirisse agulhas que servem também para crochê e que tem a ponta muito menos perigosa. Distribuimos os paninhos. Marcar no pano, depois cortar e costurar. Muitos meninos quiseram aprender a costura, muitas meninas já costuravam. Diversos trouxeram, na aula seguinte, os saquinhos prontos. Começou uma competição entre eles. Quando estou chegando na Escola para o terceiro encontro das “Cinco Marias”, duas senhoras me param. Mãe e avó de uma das alunas. A avó me disse que o seu pai era caminhoneiro e que, quando chegava em casa, acordava ela para que brincassem juntos. Elas tinham vindo me agradecer. As crianças perguntavam: “- A gente pode ficar com os saquinhos?”. Claro. Vi que havia um sentido de pertencimento. As crianças estavam entendendo alguns dos fatores mais fundamentais da proposta.

Depois, mais três encontros para a confecção das pipas/papagaios. Levamos muitos papeis de seda e encontrei para comprar, na Loja Linna, da Azenha, um saco com cem varinhas de bambu, que são utilizados também como suporte para algodão doce. Fizemos desde a amarração da cruzeta, depois recortamos os papeis de seda, para, por fim, completarmos a pipa. Algumas foram com várias cores, outras, com desenhos aplicados. Resultado, quando dei a aula de encerramento, com a presença do meu orientador, o saco com as cem varetas havia acabado. Iniciamos, ou mesmo, construímos perto de cinquenta pipas. Foi uma grande emoção. Algumas das crianças chorando, todas, vindo abraçar. Só não veio o neto do vô Bolão. Fui lá saber o que tinha havido. Estava chateado: “- As aulas não vão ter mais graça...”.

Considerações Finais

A minha orientadora neste Trabalho de Conclusão de Curso, a professora Andrea Hofstaetter, foi minha professora em pelo menos outros três semestres. Vem daí o vínculo que me fez solicitar a sua segura condução. Antes mesmo da pré-banca, traçamos um caminho que necessitava, também, gerar condições para que eu pudesse cursar os Estágios do Ensino Fundamental e Médio, concomitantemente. Uma das nossas providências foi ter antecipado o desenvolvimento do TCC, tratando a pré-banca como se fosse a própria banca final. Dessa forma, não tirei férias, não tive Natal, nem ano novo. Carnaval, nem pensar. Trabalhei todo este tempo para poder adiantar o texto, a fim de que tivesse melhores condições para a concomitância indesejada. No semestre de 2022/2, que começou em novembro de 2022, não foi oferecido estágio para nenhum dos níveis, devido a coincidência com as férias escolares. Dessa forma, me vi forçado a cursá-los juntos, o que, conforme argumentaram os professores do Estágio, não é positivo, ou mesmo, tranquilo.

Assim fizemos, e o TCC obteve grau máximo, sem deliberação da banca, apesar das altíssimas observações que foram feitas pelos mestres que fizeram parte da pré-banca e que compõem, da mesma forma, a banca final. A única parte do TCC que, deliberadamente, não foi feita, foram as considerações finais. Queríamos aguardar as contribuições que os membros da banca nos trariam. Do professor Antônio Maurício Medeiros Alves, pesquisador da obra da minha avó, e membro do HISALES, que estuda a história da alfabetização, vieram o preciosismo de um conhecimento único em relação ao que foi construído pela professora Cecy, bem como um rigor técnico que somente contribuiu. Do filósofo Luiz Bombassaro, a relação entre construir, morar e pensar, estabelecida por Heidegger e extraída com a lupa do mestre Gerd Bornheim. Do artista Eduardo Vieira da Cunha, as observações que emanaram do poeta que batizou o Modernismo, Charles Baudelaire, sobre o diálogo das crianças com seus brinquedos e a grande faculdade de abstração e o alto poder imaginativo que resulta daí. Também do professor Alves, veio a sugestão para que este material se transforme em livro, ideia reforçada

pelos outros mestres, a fim de não ficar restrito ao ambiente acadêmico devido a alguns achados que, na visão deles, mereceria uma divulgação maior.

Resgato o que trouxemos, anteriormente, sobre a Empatia:

“(…) um alicerce indispensável para um relacionamento escolar saudável, pois fornece regulação à interação social (BATSON, 2015), prevenindo o bullying. | Perspectivas de atuação no caos: textos e contextos (SAHIN, 2012), aumenta a habilidade social em pessoas no espectro autista (CHENG, 2010), desenvolve cooperação em relação a objetivos compartilhados (WAAL, 2008), regula o estado emocional (MADALIYEVA, 2015), aumenta a satisfação nos relacionamentos (LONG, ANGERA e HAKOYAMA, 2008), melhora a qualidade da interação professor-aluno (WARREN, 2014), aumenta os resultados acadêmicos (CORNELIUSWHITE, 2007), e quanto mais presente, menor o nível de agressividade (GARAIGORDOBIL, 2012)”.¹²³

Podemos dizer, ou até mesmo, celebrar, que o que aconteceu em sala de aula atende a todas as definições. Alguns dos alunos que se manifestavam, algumas vezes, mais brabos, brigando com os colegas, foram os que mais se dedicaram. Surgia, entre eles, uma colaboração sem competição. Nas últimas aulas, praticamente não precisava dizer nada. Era entrar na sala de aula e sair trabalhando com eles. Impressionante. Os fatores da ancestralidade, do ambiente que nos cerca, do reconhecimento da própria história familiar, a relação com as nossas coisas, foram fatores, facilmente, constatáveis.

Também, durante este entreato da pré-banca e da banca final, pude desenvolver o sítio Nossa Terra Nossa Gente, que será apresentado no momento da defesa do Trabalho.

A Lei do Folclore Gaúcho, para a qual trazemos esta contribuição, encontra-se na seguinte situação, segundo nos informa o gabinete do deputado Luiz Marengo, proponente da Lei:

- Proposição protocolada na legislatura passada, através do Projeto de Lei nº265/2021, em 20/08/2021, tendo recebido parecer favorável na Comissão de Constituição e Justiça, exarado pelo Deputado Elizandro Sabino em 14/06/2022, tendo sido arquivada em 19/12/2022.

¹²³SILVA e NUNES, *apud*, pp. 5 e 6.

- Reapresentada nesta legislatura, através do Projeto de Lei nº 50/2023, em 07/02/2023, encontra-se na Comissão de Constituição e Justiça desde 28/03/2023, esperando o parecer a ser exarado pelo Deputado Professor Bonatto.

Buscamos, através do gabinete do proponente, entrar em contato com o deputado professor Bonatto, que sugeriu que fosse feito um encontro com a sua assessoria técnica. Passaram-se três semanas e não houve resposta.

Alguns políticos, talvez, acreditem que basta a fria letra da lei para impor uma nova realidade na sala de aula. Mas não. Felizmente ou infelizmente, não basta. Somos nós, mestres na Arte de Ensinar, que devemos – ou ainda, temos o DIREITO de criar os caminhos que levem ao conhecimento mais profundo da nossa cultura, semeando, aula a aula, o amor pela Nossa Terra Nossa Gente: “Cabe aos educadores levar dela alguma inspiração e a consciência daquilo que podem fazer pelas crianças, através do folclore, que é uma força viva na realização pessoal e social” (SARAIVA, 1976, p. 4).

Estaremos, com isso, ao criar este instrumento, potencializando a identidade, fornecendo subsídios para a harmonia da sociedade e elevando o ser humano. “A Educação é o único caminho para emancipar o ser humano”, dizia Leonel Brizola. Mas queremos acrescentar, como epígrafe deste Trabalho de Conclusão de Curso, outra de suas frases, que tive o prazer de ouvir diretamente dele: “Devemos investir nas novas gerações para que elas tenham, sobretudo, a coragem para promover as transformações que nós não fizemos.”

Mas, um Trabalho de Conclusão de Curso pode, também, servir para lançar um olhar sobre o percurso no mundo acadêmico, que passamos a fazer parte. Aos 57 anos de idade, depois de trabalhar por 40 anos com Arte, decidi entrar para a Faculdade de Artes Visuais, mais precisamente, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Entendi que não deveria buscar formação em Teatro, porque vem sendo o manancial com que tenho trabalhado ao longo da vida. Já foram mais de cinquenta espetáculos, nas posições mais variadas que esta Arte dispõe. Entendi que poderia me qualificar em um dos campos da Artes com o qual não tinha uma relação direta, apesar de já ter percorrido parte do Mundo através deste conhecimento. Assim se deu. Concomitantemente, escrevi o livro, resultado de uma pesquisa que me envolve há

pelo menos vinte anos, o “Dossiê Rodrigues – a genealogia (1900-1934)”. Trata-se do levantamento da trajetória dos Rodrigues, talvez a família mais inventiva do jornalismo brasileiro. Quiçá, estarei me formando, ao mesmo tempo em que estarei lançando o livro. Coincidências é um dado positivo, dizia o mestre de Nelson Rodrigues, o russo Dostoiévski.

Também durante este período vivemos um dos momentos mais emblemáticos da humanidade, com a pandemia da Covid-19. Mal havia começado o semestre de 2020/1 e a UFRGS, e toda a sociedade, se viu forçada a fechar as suas portas. Ninguém tinha a dimensão do que estávamos por viver. Com toda uma preocupação de que o ERE (sistema criado para as aulas à distância neste período) alcançasse a todos os alunos, a UFRGS levou muito mais tempo do que as escolas, por exemplo, que em questão de um, dois meses, já estavam dando continuidade as suas aulas. Bem entendido, aquelas que tinham condição, porque as escolas públicas tiveram o mesmo, ou ainda maior, problema de conseguir que o sistema permitisse o maior número de alunos. O certo é que houve um grande número de abandonos, em todos os níveis do ensino, o que, lentamente, vem se restabelecendo. Mas, da mesma forma como o vírus agiu na memória das pessoas contaminadas, todos nós carregaremos por muito tempo os efeitos nocivos desta primeira pandemia da Era Moderna.

Neste período pandêmico, quando do retorno das aulas, preciso mencionar a parceria que a professora Tete Barachini proporcionou. Ela me pegou pela mão (digital) e não me deixou sozinho, nesta nau que tivemos que embarcar. Como a turma que havia iniciado o semestre, praticamente toda, abandonou as aulas, ela, criou um curso de extensão com seus alunos do Mestrado e me chamou para acompanhar. Foi dos momentos mais profícuos que tive ao longo do curso. Assim como ocorreu com a minha orientadora, cursei três semestres com esta mestra, a quem devo grande parte da motivação para a pesquisa acadêmica.

Devo também ressaltar outros mestres que encontrei por este caminho formativo e que lançaram luz na caminhada que ora estou concluindo. Paulo Silveira e o manuseio dos livros de Arte, abriram imensas portas. A valorosa professora Niura Ribeiro, trazendo sua eficaz visão sobre a história da Arte.

Uma das melhores experiências foi ter cursado a cadeira Encontro de Saberes, trazendo um saber original, através da aproximação com outras culturas.

Todos estes mestres que mencionei, tive a oportunidade de estar junto por mais de um semestre. Outros tantos poderiam e deveriam ser citados, sobretudo, aqueles que contribuíram para a construção deste caminho que está sendo defendido neste TCC. Foram pelo menos outros seis professores e professoras que contribuíram diretamente para o estabelecimento do projeto “Nossa Terra Nossa Gente”.

Mas, o que mais me fascinou, foi o campo da Educação. Vem daí, justamente, a homenagem que pretendi fazer à minha avó, mas também à minha mãe e ao meu pai. Ambos eram, também, professores, além das suas profissões. Agora mesmo, pretendo dar sequência à pesquisa na Educação, levantando, de forma sistêmica, a trajetória, tanto profissional, como pessoal da minha vó, considerada uma das mais fundamentais professoras da História da Educação no Rio Grande do Sul.

Preciso, por fim, agradecer a Vera Holtz, que foi quem deu o estímulo inicial para que eu cursasse esta Faculdade, e ao meu filho, que foi quem me estimulou ao longo de TODO o curso. Ao Gabriel Testa Coelho e à Vera, o meu agradecimento. Isto somente foi possível porque vocês estiveram junto comigo.

Chego ao final do curso, depois de emendar férias, passagem pelo hospital, loucuras cometidas, justificando o meu apelido. Coerentemente, estou um “Caco”. Mas, é no estertor que se extrai 100% do ser, já dizia um velho diretor de Teatro, que teima em ter os cabelos negros, como se jovem fosse.

Evoeh!

E é só.

Porto Alegre, 31 de julho de 2023.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Werner. O Pensamento Político e Religioso de José Martí. **ihu.unisinos**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/003cadernosihu.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. de 2023.
- ALVES, Antônio Maurício Medeiros. **A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978) uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente**. 2013. 320f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: UFPEL, 2013.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAUJO, F. **Saberes Matemáticos na Coleção de livros didáticos “Brincando com Números” (1956-1960)**. Tese (Mestrado em Educação Matemática). Faculdade de Educação. UFPEL. Pelotas, 2018. p.111.
- ARAUJO, F. Cecy Cordeiro Thofehrn: professora e autora de coleções didáticas para o ensino primário. Artigo. Universidade Federal de Pelotas. UFPEL. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184464/001077803.pdf?sequence=1#page=82>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.
- ARAUJO, F. Cecy Cordeiro Thofehrn e o manual didático *Brincando com números*. Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba, 2016. **ebrapem2016**. Disponível em: <http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd5_Francine_Araujo.pdf>. acesso em: 12 de mar. de 2023.
- ARAUJO, F.; SILVA, C. M. S. Cecy Cordeiro Thofehrn: uma professora e autora gaúcha. Comunicação Científica. VII Congresso Internacional de Ensino da Matemática. Ulbra, Canoas. **conferencias.ulbra**, 2017. Disponível em: <<http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vii/paper/viewFile/7579/3854>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.
- ASSUNÇÃO, Fernando O. **El Gaucho**. Montevideo: Direção General de ExtensionUniversitaria, 1976.
- AZEVEDO, Fernando et al. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, 1932. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf>. Acesso em 07 de mar. de 2023.
- BACHELAR, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAUDELAIRE, Charles (1821-1867). **Moralidade do brinquedo** (in *Le Monde littéraire*, 17 de abril de 1853). Disponível em: <<https://www.bmlisieux.com/litterature/ baudelaire/moraljou.htm>>. Acesso em: 19 de jul. de 2023.
- BODEA, M. **Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- BARBOSA, Maria L. O.; GANDIN, Luís A. Sociologia da educação brasileira: diversidade e qualidade. **Anpocs.com**. 2020. Disponível em: <http://anpocs.com/images/BIB/n91/BIB_0009105_05-02_maria_ligia.pdf>. Acesso em: 29 de mar. de 2023.
- BRAGA, Kenny; SOUZA, João Borges de; DIONE, Cleber; BONES, Elmar. **Perfis parlamentares: Leonel Brizola**, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

BRANCO, Maria L. O sentido da educação democrática: revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey. **Scielo.br**, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200012>>. Acesso em 22 de mar. de 2023.

BRIGAGÃO, Clóvis; Ribeiro, Trajano. **Brizola**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

BRUM, Vinicius. Angüeras, Farroupilhas, Gaudérios, Teatinos. **gauchazh.clicrbs**, 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/03/vinicius-brum-angueras-farroupilha-gauderios-teatinos-4447499.html>>. Acesso em: 04 de abr. de 2023.

CAMPOS, Paulo de. Glênio Fagundes: Mestre da Cultura Terrunha”. **Rima.art**. 2015. Disponível em: <<https://www.rima.art.br/cultura.rima.art.br/paginas/150917.pdf>>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

CARVALHO, V. **As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro**. Artigo (pesquisa de Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 20, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Caco/Downloads/15281-33328-1-SM.pdf>>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

CEMIN, V. Não só de pão vive o homem: a construção de escolas no governo Brizola a partir de fotografias da Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini (1959-1963). Tese (Conclusão de Curso em Licenciatura de História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. 2010. Vol. 1. p. 102.

CORRÊA, Romaguera; CORUJA, Antônio A. P.; MORAES, Luiz C.; CALLAGE, Roque. **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro - Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1964.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34., 1997.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo – uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Ed. RelumeDumará, 2001.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

ELLWANGER, Raul. **A milonga dos vencidos**. In: A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1965-1985): história e memória. / Organizadores Enrique Serra Padrós, Vânia M. Barbosa, Vanessa Albertinence Lopez, Ananda Simões Fernandes. – e. Ed., rev. e ampl. – Porto Alegre: Corag, 2010. – v.2.

FAGUNDES, Darcy. **No Galpão**. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1944.

FERRARI, Márcio. Bertrand Russell – Um lógico na Educação. **Nova Escola.org**. 2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1415/bertrand-russell-um-logico-na-educacao>>. Acesso em 18 de marc. De 2023.

FISCHER, Antenor. **Dicionário de Autores da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:FischerPress, 2015.

FISCHER, Luís A. **Dicionário de porto-alegrês**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FLORES, L.; SANTOS, S. O antigo e o moderno na obra *No Galpão*, de Darcy Azambuja. **Revista Terceira Margem**, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufjf.br/index.php/tm/article/view/21683/12651>>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1961, p. 23.

GALTER, Maria Inalva; FAVORETO, Aparecida (20 de agosto de 2020). «John Dewey: um clássico da educação para a democracia». *Linhas Críticas*.: e28281–e28281. ISSN 1981-0431. doi:10.26512/lc.v26.2020.28281. Consultado em 3 de abril de 2022.

GOLIN, Tao. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GRASSI, Tania Mara. **Oficinas Psicopedagógicas**. 2º ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

GRIMM, Irmãos. A raposa e o gato. **Contos de Grimm**. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_raposa_e_o_gato>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

GUERRA Hispano-Portuguesa de 1776-1777. **Commons.wikipedia**. 2021. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerra_Hispano-Portuguesa_de_1776-1777.jpg>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HOFSTAETTER, Andrea. **Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem**, In Encontro Da Associação Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas. Anais Do 26º Encontro Da Anpap. Campinas: Pontificia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.2077- 2092

HOFSTAETTER, Andrea. **Possibilidades e Experiências de Criação de Material Didático para o Ensino de Artes Visuais**, 24º Encontro da ANPAP, Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões. Santa Maria: RS, 2015.

HYPOLITO, Álvaro M. **BNCC, Agenda Global e Formação Docente: Retratos da Escola**. Brasília, v. 13, n. 25, jan./mai. 2019.

JARDIM, Maria de Lourdes T. **Evolução da população do Rio Grande do Sul**. TABELA 1. Texto elaborado para o Seminário Censo Demográfico de 2000, RGS, FEE, 4 de dez. de 2001. Disponível em <http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/ Mesa_6_jardim.pdf>. Acesso em: 17 de mar. de 2023.

LOPES NETO, João Simões. **Obra Completa**. Porto Alegre: Editora Sulina, Meridional, Já Editores, 2003.

MANNHEIM, Karl. **Liberdade, poder e planificação democrática**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1972.

MANNHEIM, Karl; STEWART, W. A. C. **O subgrupo de ensino**. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (orgs.). Educação e Sociedade. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1976. pp. 129-137.

MARTÍ, José. Cuba, **Nuestra América, los Estados Unidos**. Prólogo y selección de Roberto Fernández Retamar. México: Siglo XXI, 1973.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco: De máquinas e seres vivos: Autopoiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEIRELLES, Renata. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

MEYER, Augusto. **Guia do Folclore Gaúcho**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1951.

MENSAGEM à Assembleia Legislativa, apresentada pelo Governador do Estado, Engenheiro Ildo Meneghetti, por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1957. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29084042-mensagem1957.pdf>>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

MENSAGEM do governador à Assembleia Legislativa do RS. 1960. **Planejamento, Governança e Gestão**. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29084100-mensagem1960-1.pdf>>. Acesso em: 06 de mar. de 2023. p. 11.

MORIN, Edgar. O verdadeiro papel da educação. **Fronteiras**, 2016. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/leia/exibir/edgar-morin-o-verdadeiro-papel-da-educacao#:~:text=%22A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20deve%20ser%20um%20despertar%20para%20a%20filosofia%2C%20para,uma%20influ%C3%Aancia%20mundial%2C%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 06 de mar. de 2023.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e Beduínos**. (A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul). Rio de Janeiro: José Olympo, 1956.

PAIS, Ana. La autopoiesis de Humberto Maturana, la definición de que vida del biólogo chileno que hizo reflexionar hasta dalái lama. **BBC News Mundo**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-46959865?fbclid=IwAR2LBy7eP2pCuKir2vIBpPeqkjG6oQbk_cMiLPyhnXZWGEdi7Oe_SFYb1-o>. Acesso em 03 de mar. de 2023.

PERES, Eliane. **Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970)**, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/22755986-Autoras-de-obras-didaticas-e-livros-para-o-ensino-da-leitura-produzidos-no-rio-grande-do-sul-contribuicoes-a-historia-da-alfabetizacao-1950-1970-1.html>>. Acesso em: 07 de mar. de 2023.

PERES, Eliane. **A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? E Quero Ler**. I Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil. Campinas, SP, de 13 a 16 de out. de 1998. *In*: História da Educação, 6:89-103. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4891625.pdf>>. Acesso em: 14 de mar. de 2023.

PERES, Eliane; CEZAR, T. **A divulgação e a adoção do Método Global de ensino e leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970)**. Anais do IX Encontro Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação: História da Educação, Literatura e Memória. Porto Alegre, ASPHE, jun. de 2003.

PIAGET, J. A epistemologia genética / Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética. 2ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

QUADROS, C. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 231. 2006.

QUADROS, C. **Brizoletas: A ação do governo Leonel Brizola na Educação Pública do Rio Grande do Sul (1959-1963)**. Artigo (Mestre em Educação) Centro Universitário Franciscano de Santa Maria. TEIAS: Rio de Janeiro, jan/jul 2001. p. 12.

RAMALHO, Priscila. John Dewey. **Educar para crescer**, 2011. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140307135103/http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/john-dewey-307892.shtml>>. Acesso em 24 de mar. de 2023.

ROQUE Callage. **Literatura & história**, 2021. Disponível em: <<http://literaturaehistoria.com.br/estudos-perfis-roque-callage/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

SANTI, Álvaro. **CANTO LIVRE? O Nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93345/000233710.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 de abr. de 2023.

SARAIVA, Glaucus. **Mostra de Folclore Infanto-Juvenil: catálogo em prosa e verso**. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, s/d.

SILVA, L. A.S.; NUNES, M. A. N. **Desenvolvimento da empatia na educação: o estado da arte**. In: Perspectivas de atuação no caos: textos e contextos. Disponível em: <<https://almanaqesdacomputacao.com.br/gutanunes/publications/capluis.pdf>>. Acesso em: 17 de mar. de 2023

SILVA, M. A **última revolução: Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC/RS. Porto Alegre, 2015.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1969.

STRELIAEV, Leonid. **Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. **Biblioteca Virtual Anísio Teixeira**, 1989. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educacao8.html>>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

THOFEHRN, Cecy Cordeiro; CUNHA, Nely. Coleção de livros “**Nossa Terra Nossa Gente**”, do 1º ao 5º ano, acompanhado do livro do Mestre. *Nossa Terra Nossa Gente*. São Paulo: Editora do Brasil, 1973.

TOMAZ, Tadeu. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VELLINHO, Moysés. **Fronteira**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

VERDI, Taísa. A Terra do Galo que Canta: o festival das Vindimas da Canção Popular de Flores da Cunha. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em História, Universidade de Caxias do Sul, p. 90. 2020.

Legislação

BNCC – Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 05 de mar. de 2023.

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. **gov.br/iphan**. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/idades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>> Acesso em: 01 de jul. de 2023.

DECRETO Nº 53.817. Institui o Plano Estadual de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino das Histórias e das

Culturas AfroBrasileiras, Africanas e dos Povos Indígenas. **al.rs.gov.br**. Disponível em:
<<https://ww3.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/DEC%2053.817.pdf>>

LEGISLAÇÃO. Lei nº 5.692/1971. **camara.leg.br**. Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 10 de jun. de 2023.

LEI Nº 14.705. Institui o Plano Estadual de Educação – PEE –, em cumprimento ao Plano Nacional de Educação – PNE –, aprovado pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **al.rs.gov.br**. Disponível em: <
<https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.705.pdf>> Acesso em: 22 de jun. de 2023.

LEIS ESTADUAIS. Lei n.º 8.734. **leisestaduais.com.br**. Disponível em:
<<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-8734-1988-rio-grande-do-sul-institui-na-disciplina-de-estudos-sociais-o-ensino-de-folclore-nas-escolas-estaduais-de-1o-e-2o-graus-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 17 de maio de 2023.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **inep.gov.br**. Disponível em:
<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/plano_nacional_de_educacao_proposta_do_executivo_ao_congresso_nacional.pdf> Acesso em: 11 de maio de 2023.

PROPOSIÇÃO DO PL 265 2021. **al.rs.gov.br**. Disponível em:
<<https://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=265&AnoProposicao=2021&Origem=Dx>> Acesso em: 1 de jul. de 2023.

APÊNDICE 1

O SÍTIO NOSSA TERRA NOSSA GENTE

O sítio “Nossa Terra Nossa Gente” está assim organizado. Distribuído em “peçuelos” (arquivos), estão diversos conjuntos temáticos, todos eles vinculados à cultura gaúcha de um modo geral.

- Teses acadêmicas voltadas à temática gaúcha, muitas das quais utilizadas na presente tese;

- Conjunto de músicas do principal festival, a Califórnia, outras de referência da música nativa e outros sítios que disponibilizam música gaúcha;

- Bibliografia de livros referentes ao universo da cultura gaúcha;

- Indicação de dicionários de vocabulário específico;

- Guia de museus e acervos de Porto Alegre, onde pode ser pesquisada a cultura gaúcha;

- Vídeos sobre cultura gaúcha;

- Relação de peças de autores gaúchos;

- Relação de artistas visuais gaúchos;

- Sítios de poesia gaúcha;

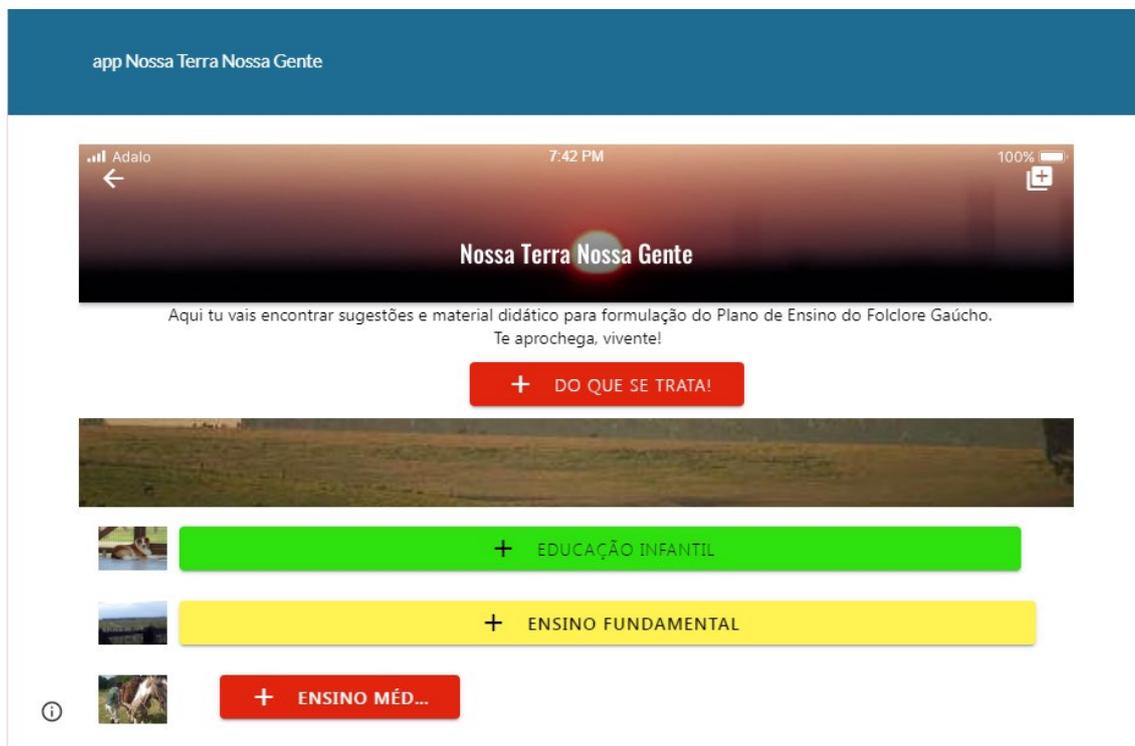
- links úteis – diversos portais que tratam da cultura gaúcha

Figura 12: site Nossa Terra Nossa Gente



Fonte: <https://sites.google.com/view/cacocoelho>

Figura 13: app Nossa Terra Nossa Gente



Links úteis
 Poesia Gaúcha
 Artistas Gaúchos
 MARGS
 Sistema de Bibliotecas
 Califórnia da Canção Nativa
 Portal das Missões
 Festival de Gramado
 Estância Virtual

Parceiros
 Assembleia Legislativa do RS
 UFRGS/UFPEL
 Unissinos/PUC
 Unilassalle/Univat/Unipampa
 MTG
 Associação dos Piquetes
 Sec. de Est. da Educação
 Sec. de Est. da Cultura
 Escola FAMURS
 Codic/RS

Fonte: <https://previewer.adalo.com/0b8d8dac-b722-4559-b290-c4f4735ab67c>

APÊNDICE 2



A caixa poética se abre

Nossa Terra Nossa Gente

Estágio II: Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental

UFRGS 2023/1

Estagiário: Ricardo Thofehn Coelho

Prof. Cristian Mossi

Projeto de Ensino para o Ensino Fundamental I

O Projeto de Ensino para esta área do Ensino envolve uma Caixa de Objetos de Aprendizagem Poéticos, desenvolvido junto à cadeira de Laboratório de Construção de Material Didático (2021). Já no Tópico 1, a imagem da “América invertida” (1943), de Joaquín Torres-García, expressa o seguinte posicionamento:

“Tenho dito Escola do Sul porque, na realidade, nosso norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então já temos uma justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, nosso norte.” Joaquín Torres García, 1941

O texto está nos dizendo para onde devemos olhar se desejamos praticar uma Educação que promova a identidade, aspecto central de uma cultura. “A aprendizagem é um processo de produção de conhecimento, ativo, participativo, singularizado e compartilhado”, poetiza Hofstaeter (2017, p. 5).

No Seminário Mundial do Brincar, realizado em Taubaté em 2017, a antropóloga Adriana Friedmann, especialista em brincadeiras vinculadas às tradições locais, destacou a relevância do aprender brincando:

“As brincadeiras e outras manifestações e expressões artísticas, sejam elas populares, tradicionais ou folclóricas, são, naturalmente, educadoras: de forma espontânea, trabalham o corpo, a musicalização, a palavra, a poesia, as habilidades manuais, bem como a socialização, os valores e emoções”.¹²⁴

Reforça esse ponto de vista, o doutor em Comunicação Social, professor Silas Nogueira (2014):

“O desconhecimento ou o abandono dessas manifestações, formadas por saberes e conhecimentos da vida, significa o abandono da própria história. Esse processo afeta as identidades, os reconhecimentos da realidade social. Quando são perdidas as identidades e são ignorados os valores culturais próprios, abre-se um vazio, uma lacuna que, normalmente, é preenchida por outros valores, por outra cultura, por outros costumes e formas de vida.” (*apud* VIEIRA, 2014)¹²⁵

No brincar está o cerne da criatividade, como dizia Einstein. Em contato com as tradições regionais, encontramos as vantagens do desenvolvimento da

identidade e do pertencimento. Os objetos de aprendizagem propositores podem ser entendidos como elementos de mediação entre sujeitos e produções da arte e da cultura visual (HOFSTAETER, 2015, p. 2). Foi diante dessa orientação que partimos para a pesquisa e confecção da Caixa de Objetos de Aprendizado Poético Nossa Terra Nossa Gente.

O principal trabalho que existe sobre esta área, em se tratando de brinquedos gaúchos, é a Mostra de Folclore Infante-Juvenil, organizada pelo folclorista Glaucus Saraiva. Foi criada para possibilitar meios de melhor entendimento e compreensão para aqueles que visitavam a Mostra, um catálogo em prosa e verso:

O folclore infantil é um meio poderoso para despertar no homem aquilo que ele tem de melhor, para acordar na sua alma aquilo que, pelas injunções do globalismo universal que altera costumes e faz periclitir as próprias manifestações das culturas regionais, vai fazendo com que muitas coisas descambem para o esquecimento. (SARAIVA, 1976).

A exposição, realizada no “Ano Internacional da Criança” e o “Ano I da Criança Brasileira” era, naturalmente, dedicado às crianças, mas, sobretudo, era aos professores que se destinava. Cabe aos educadores, lembra o poeta, “levar dela alguma inspiração e a consciência daquilo que podem fazer pelas crianças, através do folclore, que é uma força viva na realização pessoal e social” (SARAIVA, 1976).

A Caixa do Objetos Poéticos de Aprendizagem é um instrumento ao dispor dessa formação. O reconhecimento das brincadeiras dos pais e dos avós são fatores da ancestralidade que influenciam na formação da criança. As brincadeiras são o meio ideal para a criança demonstrar as suas emoções e imaginações, ao mesmo tempo em que aprende e apreende (GRASSI, 2008).¹²⁶ O brincar pedagogizado, explorando o lado lúdico das crianças. Esta ação pode ser entendida também como tradição. A criança vai brincar com aquilo que pertence a sua tradição.

Aqui, vamos apresentar três brincadeiras que pertencem ao nosso folclore gaúcho. A primeira delas, é a “Tropa de Osso”, ou “Gadinho de Osso” é a mais autêntica manifestação do folclore infantil que o Rio Grande do Sul na sua área rural (SARAIVA, 1976). A criança, criada no campo, vai reproduzir aquilo que

assiste nas estâncias, na lida campeira. Vai haver a interação entre o sujeito-objeto construindo conhecimento, observação que fez Piaget (1983, p. 6):

[...] o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem dos objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre as formas distintas.

À criança da cidade para poder acessar esse conhecimento, busca-se o caminho da apropriação. Para o conhecimento ser construído pela criança, serão necessárias, portanto, estruturas capazes de permitir a assimilação: "O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento", escreveu Dewey (1938). É ao que Anísio Teixeira (1983) vai chamar de "habilidades". Na preparação da brincadeira, apresentar a música que fala da tradição dessa brincadeira, as imagens dos meninos brincando em um clipe feito para ilustrar a música. Falar dos animais que existem numa estância. Estimular que busquem imagens de animais nas fazendas.

O Objeto de Aprendizagem Poética "Nossa Terra Nossa Gente – jogos e brincadeiras" é uma caixa de papelão, adesivada com imagens de fotografias e pinturas do cenário gaúcho. Mede 29cmX20,5cmX10cm. Dentro dela estão:

Para a brincadeira da "Tropa de Osso": 20 saquinhos com argila; 20 saquinhos com varetinhas; rolo de barbante. Uma "Tropa de Osso" para servir de exemplo.

Para a brincadeira das "Cinco-Marias": 20 saquinhos com tecidos; 20 sacos com arroz. Um jogo "Cinco-Marias" pronto, para servir de exemplo.

Para soltar "Pandorga": 20 papéis de seda de cada uma das três cores; feixe de varetas de taquara; cola; linha para soltar pipa. Uma pandorga feita com as cores da bandeira do Rio Grande do Sul.

Acompanha o "Livro do Mestre" com os Projetos de Ensino:

Livro do Mestre

A caixa de jogos e brincadeiras do folclore gaúcho vêm com três kits, que correspondem a sete aulas.

Dentro da caixa existem objetos que permitem que os três jogos/brincadeiras sejam montados por 20 alunos. São três kits de brinquedos/jogos. Para desenvolver as habilidades correspondentes, são apresentados seis planos de aula:

➤ Projeto de Ensino:	A caixa poética se abre
<hr/>	
➤ Componente:	Arte
<hr/>	
Objetivo(s) de aprendizagem:	Promover a identidade das crianças com jogos e brincadeiras que pertencem ao folclore gaúcho.
<hr/>	
➤ Habilidades da BNCC e do RCG trabalhadas nesta sequência:	<p>EF69AR05 – Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, performance etc.)</p> <p>(EF15AR01RS12) Explorar, conhecer e contemplar as diversas manifestações das artes visuais (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, vídeo etc.) encontradas no âmbito familiar, escolar e da comunidade, possibilitando a construção do olhar, a ampliação da imaginação e da simbolização, a partir do repertório imagético pessoal e a valorização da diversidade cultural da comunidade local.</p>

Este Projeto de Ensino está dividido em três brincadeiras/jogos, correspondendo a sete Planos de Aulas (duas aulas por brincadeira/jogo).

1. aula: **Tropa de osso**



Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.

Nesta sequência de aprendizagem do Folclore Gaúcho, vamos apresentar às crianças o que existe na Caixa “Nossa Terra Nossa Gente”.

- Conversar com as crianças sobre quais brinquedos/jogos elas gostam. Anotar no quadro. Se estas aulas acontecerem próximo ao período de férias (início, meio ou fim do ano), perguntar com o que brincaram nas férias;

- Apresentar em slides um descritivo sobre os jogos existentes do folclore infantil do Rio Grande do Sul.

- Estimular as crianças para que falem com seus pais e mães, avôs e avós, sobre quais brincadeiras faziam nas suas infâncias.

(Falar para os alunos que a Caixa que eles vão conhecer é uma homenagem a minha avó).

- Falar sobre a brincadeira que os alunos vão fazer:

Tropa de Osso

“A mais autêntica brincadeira dos guris!

Quem não teve a sua “tropa de osso”?

Cada ossinho, semente ou objeto pode virar um animal da Fazenda.

Daí os guris viram estancieiros, peões, que negociam as suas tropas, compram e vendem.

Com gravetinhos, barbante, palha...

Se vai montando o alambrado, o redondel, os poteiros, as carretas...

Quando os piás forem da cidade grande –

e não tiver onde procurar os ossos,
podem ser feitos de argila, ou mesmo, de barro.
Daí, nós precisamos moldar os ossinhos.
Vamos brincar?”

Tempo sugerido: 15 min.

Desenvolvimento:

– Sair para o pátio com as crianças para catar gravetinhos, sementes, tudo o que possa fazer parte da nossa fazendinha; se houver disponibilidade de barro, apanhar, se não, trabalhar com argila; mãos à obra... moldar os animaizinhos da Tropa de Osso;

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliação: perceber se foi bem aceita a proposta de interação com a Caixa Nossa Terra Nossa Gente.

Obs. o professor deverá cozer as peças num forno.

2. aula: **Tropa de Osso**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.
- Escrever no quadro o vocabulário de palavras novas presentes na letra da música:
 - piá: palavra de origem tupi-guarani que quer dizer “coração”. Os indígenas destas tribos chamavam as crianças de “chê piá” – “meu coração”. Hoje o termo se aplica às crianças de um modo geral.
 - andarilhas: que andam muito, que vagueiam, andarejos.
 - campeava: procurar no campo, pessoa, animal ou coisa.
 - corticeira: árvore símbolo da Argentina e Uruguai.
 - invernava: parte do campo resguardada, boas pastagens (CORRÊA, 1964)
 - mangueira: lugar onde se recolhe os animais, curral.
 - piquetes: pedaço de campo cercado, para onde se levam os animais de serviço, perto das casas.

- tropilha: porção de cavalos de um mesmo pelo e que acompanham uma égua-madrinha. (CALLAGE, 1964).

- Falar para as crianças sobre a vida no campo. Como é o universo daquelas crianças.

Tempo sugerido: 15 min.

Desenvolvimento:

– Ouvir com as crianças a música “Tropa de Osso”:

De vez em quando no horizonte do passado
Surge uma nuvem de lembranças andarilhas
Vai repontando para dentro do meu peito
A minha infância com seus ossos em tropilha.

Tinha mangueira, companheiro, bem cuidado
Tinha piquetes e um campo onde invernava
A minha tropa era de puro pedigree
Toda de ossos descarnados que campeava.

Gado de osso que foi parte do meu mundo
Carro de lomba e trator de corticeira
O meu bodoque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira
O meu bodoque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira.

Tropa de osso quem não teve quando piá
Ou não foi piá ou não viveu como nós outros
Como era lindo a gurizada se entretendo
Com os ossitos que eram bois, ovelhas, potros.

Noutras andanças topa as reses dos meus sonhos
Por um estreito corredor feito esperança
Algumas vezes sou tropeiro, outras sou tropa
Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança.

Gado de osso que foi parte do meu mundo...

Disponível em: <<https://youtu.be/6kzR7TdwV9w>>. Acesso em; 07 DE ABR. DE 2023.

- Destacar na letra da música as várias brincadeiras que são mencionadas:

Gado de osso – feito com os ossinhos recolhidos no campo, reproduzindo o ambiente rural.

Carro de lomba – feito de madeira e rolimã.

trator de corticeira – feito com sabugo de milho.

bodoque – feito de uma forquilha de árvore e tiras de câmara de pneu.

banho no açude – tradicional brincadeira rural.

- Falar sobre os animais que existem numa fazenda: o cavalo, o gado, a ovelha, a galinha, o porco.

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliação: interagir com as crianças a fim de compreender se permaneceu com elas a ideia da brincadeira. Se conversaram com seus familiares a fim de envolver aspectos de ancestralidade, logo que trata-se de uma brincadeira que remete ao passado.

3. aula: **Tropa de Osso**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.
- Conversar sobre a experiência de moldar as peças;
- Mostrar para os alunos as peças “cozidas”

Tempo sugerido: 15 min.

Desenvolvimento:

- Com as peças prontas, construir uma fazenda reunindo as peças criadas por todas as crianças;
- Dividir os alunos em grupos. Cada grupo será responsável por cuidar de uma fazenda;
- Pedir aos alunos darem um nome às suas fazendas;
- Estimular a troca dos “animais” entre os “estancieiros”.
- As próprias crianças poderão filmar o “movimento” na fazenda e realizar um “stop-motion”.

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliação: um olhar coletivo de como foi desenvolvida a brincadeira, como se estabeleceu um link com as suas brincadeiras atuais.

Obs.: pedir para os alunos trazerem retalhos de pano sem estampa para a próxima aula e para conversar com os familiares perguntando se jogavam “Cinco-Marias”.

4. aula: **As Cinco Marias**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.

- Falar da tradição deste jogo:

“Esta é uma brincadeira que existe desde a Grécia Antigo e faz parte da cultura de todo o Mundo.

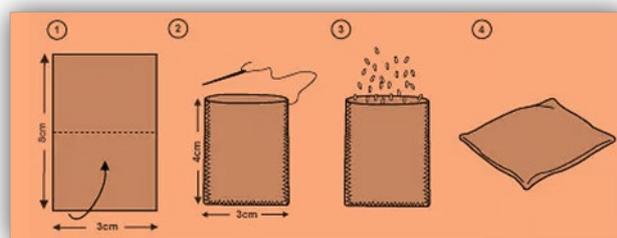
Dizem que pode ter sido a origem dos dados. Dados é uma palavra que vem do latim “dadus” literalmente “dado pelos deuses”.

Em cada país, em cada região, a brincadeira é feita de uma forma diferente.

Aqui, entre nós, as “Cinco-Marias” são feitas de saquinhos de pano, preenchidas por arroz. “No nosso país, essa brincadeira é conhecida por vários nomes, entre eles: jogo das pedrinhas, nente, belisca, capitão, liso, xibiu e, na língua tupi, epotatá, que significa “mão de pedra” (MEIRELLES, 2008).¹²⁷ Chamam também de bato, arriós, telhos, chocos e nécara.

Existem várias formas de jogar também. A gente vai conhecer várias delas, mas antes: mão à obra!”

Tempo sugerido: 15 min.



Desenvolvimento:

- Verificar quantos alunos trouxeram retalhos. Ter alguns tecidos disponíveis para quem não trouxe.

Obs: Se tiverem idade capaz de utilizar agulha e linha, fazer com supervisão e individualmente o professor acompanhando cada um que vai costurar.

- Recortar os tecidos, com mais ou menos seis centímetros de largura, por quatro centímetros de altura;
- Dobrar o pano ao meio e costure bem nas bordas;
- Virar a costura do avesso;
- Distribuir os saquinhos com arroz da Caixa Nossa Terra Nossa Gente;
- Pegar um pouco de arroz e colocar dentro do saquinho;
- Costurar a abertura.
- Pintar os saquinhos com motivos dos povos originários

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliação: levar em conta o envolvimento na realização da proposta. Como pode ter uma questão que envolva gênero, dialogar com elas sobre o assunto, mostrando que não tem brincadeira de menino ou menina.

5. aula: **As Cinco Marias**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.
- Explicar para os alunos como vai funcionar a atividade.

Tempo sugerido: 15 min.

Desenvolvimento:

Com os saquinhos prontos, escolher um lugar para brincar:

- Separe em grupos a turma, cada grupo vai competir entre si;

As combinações do jogo:

- Lance todos os saquinhos pro alto.
- Depois escolha um. Jogue pro alto e apanhe outro, sem tocar nos demais.
- Depois, apanhe dois... E assim por diante.
- Completada esta fase, passe a apanhar dois de cada vez. Depois três. Por fim, apanhe os quatro de uma só vez.
- Na última fase, com a outra mão fazendo um arco sobre a mesa, enquanto joga um saquinho para o alto, outro deve ser jogado através do arco.

“Agora, invente a sua maneira de jogar... Vamos brincar?”

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliação: o espírito competitivo pode ser verificado nesta atividade, já que será proposto um torneio entre eles.

6. aula: **Pandorga**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.
- Apresentar às crianças o que existe na Caixa “Nossa Terra Nossa Gente” para se fazer o papagaio;
- Varetas, barbante, cola;
- Escolher junto aos alunos qual papel de seda para cada grupo.

Tempo sugerido: 15 minutos.

Desenvolvimento:

- Ao abrir a caixa, a criança se depara com uma “pandorga”;

- Distribuir a adaptação do conto de Moacyr Scliar “Magrinho que virou pandorga”;

- Dividir a turma para ler o texto:

Eu estava a fim nem sei de quê. Nem sei de quê, mesmo, de tão cheio que eu estava: cheio do trabalho, cheio do patrão.

Foi aí que me veio uma ideia da pandorga. Que boa ideia, cara! Como foi que me ocorreu? Não sei. Olhando para os meus braços, acho. Estavam finos como varas; e as pernas também. Cuidado com o vento de setembro, dizia a velha minha mãe, vai acabar te carregando. Feito pandorga. Aí está: Pandorga.

Fui falar com o patrão. Pandorga? Gostou da ideia. Riu. Foi a primeira vez que vi aquele homem rindo. Agora, só agora, sei por que ele ria. É que estava se lembrando dele menino, soltando pandorga. Isto foi há muito tempo. Antes de ele mandar na gente.

Ele gostando da ideia, eu deitei no chão, de barriga para cima. Ele trouxe um rolo de barbante grosso, forte. Eu abri bem os braços, e estiquei as pernas.

O primeiro nó foi no meu pulso esquerdo. Um nó duplo, muito forte. Pela primeira vez estávamos nos entendendo. Estava brincando comigo. Aquilo estava muito bom.

O segundo nó foi no tornozelo esquerdo, o terceiro no tornozelo direito – estes, nós simples. O nó do pulso direito foi duplo, como o do esquerdo. Estava pronta a armação.

Eu sempre fiz pandorga com papel forte; e disse isto para ele, mas ele piscou o olho; tenho outra ideia, disse. Queria usar este pano desta túnica folgada que eu uso.

Esticou o pano e costurou-o em torno ao cordel que ia dos pulsos aos tornozelos.

Aí fez a guia da pandorga: três pedaços de barbante. Um preso em laçada ao meu pescoço (ele cuidou para não apertar muito). Os outros dois pedaços, prendeu aos meus pulsos. Pescoço, pulso, pulso: os três pontos mais convenientes. Ele sabia mesmo fazer uma pandorga. Deu um nó, juntando as pontas livres dos barbantes, e estava pronta a guia.

Nesta ele amarrou a ponta de um grande rolo de barbante. Tenho duzentos metros aqui, ele disse, e eu não acreditei. Depois vi que era mesmo verdade.

Então me pôs de pé, recomendando que não me mexesse.

Ele correu, desenrolando o barbante. De súbito, senti um forte abalo. Eu subia! Funcionava, eu, como pandorga! E já flutuava sobre bosques e colinas, a pandorga!

Ele me dava linha. Eu agora estava muito alto; o vento forte me sacudia todo.

Anoitecia. Eu sabia que ele tinha de voltar para casa... Ele voltou. Amarrou a ponta do barbante ao tronco de uma árvore. Ali fiquei, toda a noite, flutuando no espaço negro, olhando as luzes lá embaixo, e as estrelas acima de minha cabeça.

Bonito, aquilo.

Eu não queria mais descer. Agora que sabia das coisas, eu não queria mais descer.

E não desci: até hoje estou aqui.

Aquele pontinho escuro no céu? Sou eu.”¹²⁸

- Conversar sobre o texto. Quais as formas de papagaio que se pode fazer? Mostrar as várias possibilidades de papagaio em slides;
- Cada aluno desenha o seu papagaio;
- Recolher os desenhos numa pasta. Depois de prontos os papagaios, fazer exposição com os desenhos.

Tempo sugerido: 30 min.

Avaliar: como é uma brincadeira mais conhecida, ver quem já brincou, quem já fez.

7. aula: **Pandorga**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo.
- Perguntar se sonharam com o papagaio, como no conto de Moacyr Scliar. As crianças devem ser estimuladas a contar os seus sonhos.

Tempo sugerido: 15 min.

Desenvolvimento:

- Ler para os alunos a definição de Câmara Cascudo para pandorga:

“Como o brinquedo feito com cruzeta de cana ou madeira leve, coberta de papel de cor, presa com três cordéis, equidistantes aos três lados da armação e numa parte pende uma cauda cumprida de pano.”¹²⁹

- Desenhar no quadro as partes de um papagaio: varetas, armação, cobertura de papel de seda encerado, amarração, guias de sustentação, rabiola.

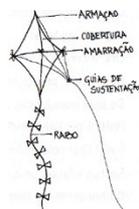


Figura 3

- Distribuir os desenhos que os alunos fizeram na aula anterior;
- Primeiro cada grupo deve fazer o molde;
- Escolher as varetas de acordo com o tamanho do papagaio.
- Atar as varetas;
- Com as varetas atadas, moldar os papeis de seda;
- Recortar os papeis de seda;
- Colar os papeis na cruzeta de varinhas;
- Fazer a rabiola;
- Amarrar o cordel.

Guardar os papagaios no armário. Aguardar um dia de sol e vento para soltar os papagaios.

Tempo sugerido: 15 min.

Avaliação: como é o encontro que fecha o trabalho desenvolvido, propor uma avaliação com o conjunto das crianças, resgatando memórias do processo, comentando os trabalhos realizados.

Referências

FRIEDMANN, Adriana. O brincar para o desenvolvimento integral. Sesc Taubaté, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MONGZWG7R3s&ab_channel=SescTaubat%C3%A9>. Acesso em: 06 de abr. de 2023.

² VIEIRA, Ana Luísa. A importância da cultura local na formação das crianças. **Portal.aprendiz**, 2014. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/08/25/a-importancia-da-cultura-local-na-formacao-das-criancas/>>.

³GRASSI, Tania Mara. Oficinas Psicopedagógicas. 2º ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

⁴ JÔ. Tropa de Osso. Ilustração feita para a coluna do Paulo Mendes “As Tropeadas do Valdecírio”, no Correio do Povo, 07 de set. de 2011. Disponível em: <<http://blogdojoacir.blogspot.com/2011/10/tropa-de-osso.html?m=0>>. Acesso em: 06 de abr. de 2023.

⁵ MEIRELLES, Renata. Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

⁶ SCLIAR, Moacyr. Magrinho que virou pandorga. **Almanaque Cultural Brasileiro**. Disponível em: <<http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2017/03/maginho-que-virou-pandorga.html>>. Acesso em: 06 de abr. de 2023.

⁷ A PANDORGA. Segundo a professora Neusa Secchi. Tradição, Folclore e Cultura Gaúcha. **rogeriobastos.com.br**. Disponível em: <<http://www.rogeriobastos.com.br/2018/03/a-pandorga.html>>. Acesso em: 07 de abr. de 2023.

APÊNDICE 3

Projeto de Ensino para o 1º ano do Ensino Médio – Nossa Terra Nossa Gente

Objetivos Gerais

Proporcionar o acesso aos aspectos culturais que nos formaram, promover a identidade dos estudantes com a nossa história e a nossa realidade é a ideia central.

Dispor da nossa música, da nossa poesia, dos nossos símbolos, das nossas paisagens, da nossa arte, enfim, para poder “reconhecer” a nossa identidade e, com isso, fortalecer o fator coletivo.

Objetivos específicos:

- Reconhecer as músicas, a poesia das letras, as imagens inspiram uma forma pessoal de visibilizar;
- Conhecer os símbolos gaúchos e seus significados estabelecendo um paralelo com outras culturas;
- Manejar diferentes instrumentos e materialidades com o intuito de proporcionar uma sensação de pertencimento;
- Observar a diversidade cultural presente nas regiões do Estado;
- Traçar um mapa cultural do Rio Grande do Sul a partir das manifestações culturais;
- Desenvolver a linguagem visual, estimuladas pelas histórias do nosso folclore;
- Otimizar o conhecimento virtual para identificação das nossas paisagens;
- Exercitar o diálogo em torno dos aspectos culturais;
- Promover a identidade.

Método, estratégias e ações

As aulas estão divididas em três temáticas. Para o desenvolvimento dessas temáticas, estão dispostas oito aulas. A cada etapa é construído um resultado prático.

1. ***Que imagens a música inspira?***

Quatro músicas das dez primeiras edições do maior festival de música do Rio Grande do Sul, a Califórnia da Canção Nativa.

2. ***Conhece-te a ti mesmo!***

Símbolos nativistas - Erva-mate, ervas (jujo), plantas, pilchas, apetrechos, pássaros, cavalo crioulo, ovelheiro gaúcho.

3. ***Baita chã!***

Fotos de paisagens das regiões do Rio Grande do Sul/família.

Na dinâmica das aulas, sempre ter imagens no vídeo relacionados aos temas, a compreensão visual dos alunos, ao mesmo tempo, criando pontes.

Existem etapas onde a individualidade está favorecida e em outras é o sentido coletivo que estará presente. Em todos os encontros proporcionar um momento para a discussão com os alunos, ressaltando os aspectos de identidade e diversidade.



➤ Projeto de Ensino: **Nossa Terra Nossa Gente**

➤ Componente: Arte

Objetivo(s) de aprendizagem: Incentivar a interação com a cultura gaúcha por meio da sua música, imagens e símbolos.

Habilidades da BNCC e do RCGEM trabalhadas nesta sequência: EMIFLGG04 - Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).

1. aula: **Que imagens a música inspira?**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.

- Contar um pouco da história da Califórnia da Canção Nativa.

“A Califórnia da Canção Nativa” é um festival de música gaúcha, que começou em 1971. De lá para cá, se passaram mais de 50 anos e foram realizadas 44 edições. A partir deste festival, muitos outros surgiram pelo Rio Grande a fora. A Vindima da Canção, em Flores da Cunha, que tinha a influência italiana. A Cirando Teuto-Rio-Grandense, em Taquara, como o nome diz, de influência alemã. Isto mostra, também, uma simbiose entre as culturas, enraizando o imigrante. Nos anos 1980 chegou a existir em torno de 80 festivais. Isto acabou mudando toda uma cultura, não só musical, mas da relação da Nossa Gente com a Nossa Terra.”

Tempo sugerido: 15 minutos.

Desenvolvimento:

- Passar o vídeo promocional de 50 anos de nativismo, de Henrique de Freitas Lima. 6'17". Comentar ao longo do vídeo diversos aspectos.
- Comentar sobre algumas das músicas vitoriosas dos primeiros anos da Califórnia.
- Apresentar a letra do “Negro da Gaita”. Buscar os significados ocultos, as subjetividades presentes na letra da música:

Mata o silêncio dos mates, a cordeona voz trocada
E a mão campeira do negro, passeando aveludada
Nos botões chora segredos, que ele juntou pela estrada.

Quando o negro abre essa gaita
Abre o livro da sua vida
Marcado de poeira e pampa
Em cada nota sentida...

Quando o pai que foi gaiteiro, desta vida se ausentou
O negro piá solitário, tal como pedra rolou
E se fez homem proseando, com a gaita que o pai deixou.

E a gaita se fez baú para causos e canções
Do negro que passa a vida, mastigando solidões
E vai semeando recuerdos, por estradas e galpões.

Negro da Gaita, de Gilberto Carvalho e Airton Pimentel, 1977.

https://youtu.be/KXM_Nk25eM4

- Propor aos alunos que pensem em imagens que a música inspirou.
- Diante das imagens buscadas na internet, fazer um clip com a música.

Tempo sugerido: 30 minutos.

Avaliação:

Nos trabalhos coletivos, serão considerados aspectos de relacionamento, colaboração na construção coletiva, interação com o grupo, função exercida dentro do grupo, semelhanças e diversidade.

2. aula: **Que imagens a música inspira?**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.

- Apresentar um breve histórico da vestimenta gaúcha.

Desde que não haviam chegado os colonizadores, haviam muitas pessoas que já habitavam aqui. Eram os povos originários:

Os “minuanos” estanciaram desde a lagoa Mirim até a margem direita do rio Camaquã e subiam pela esquerda do Jaguarão até o rio Negro; os “tapes” estendiam as suas tabas desde a lagoa dos Patos (Upava), entre os rios Camaquã e Jacuí, prosseguindo para o norte entre o Taquari e o Ijuí-mirim; ainda sobre a dita lagoa e o mar os “carijós” (ou patos) e do lado oposto os “arachanes” e “canans”; sobre o rio Ibicuí-grande e o Uruguai, para o norte, os “tapes”; nos campos da Vacaria os “botucarais”; os “guaranás” sobre a margem do alto-Uruguai; os “caáguas” ao longo do rio Caí até o Guaira, vizinhos dos banhados de Inhatium os “iaros”, e ainda ao sul do Ibicuí os “guenoas”; e para oeste, os “charruas”, dominando entre os rios Negro, Quaram e o Uruguai. (LOPES NETO, 1955, p. 593)

Eles usavam, para se vestir, couro da caça. Mas ainda não haviam chegado nem o cavalo, nem o boi, nem a ovelha.

Depois, ainda antes do colonizador chegar, chegaram os gados: vacum, cavalari e muar. Os animais se adaptaram cm muita facilidade às terras do sul. As coxilhas, o pasto riquíssimo. Os povos originários se tornaram hábeis cavaleiros, muito mais do que os brancos.

Com isso, com a chegada dos animais e, conseqüentemente, do couro, as vestimentas mudaram muito.

Com a chegada do colonizador, em especial, dos jesuítas na região nordeste do estado, quando ainda não era Rio Grande do Sul, trouxeram os teares e ensinaram aos povos originários como manuseá-los. Seria a origem do pala e do poncho, bem como de outras peças da vestimenta. O vestido rodado para as mulheres, os chiripas para os homens. Com a vinda do português, depois de mais de duzentos anos após o que eles chamaram de “achamento”, novamente as vestimentas se alteraram. Vinham muitos hábitos dos mouros,

que habitaram a península ibérica por sete séculos. É quando vai aparecer a bombacha.”

Tempo sugerido: 10 minutos.

Desenvolvimento:

- Passar o vídeo de duas músicas que falam das pilchas gaúchas, pedindo aos alunos que tentem identificar nas letras quais as peças do vestuário que estão sendo cantadas:

- “Pilchas” de Luiz Coronel e Airton Pimentel (1980):

Não pensem que são pirilampos essas estrelas lá fora
É a lua clara dos campos refletida nas esporas
Não pensem que são pirilampos estas estrelas lá fora
É a lua clara dos campos refletida nas esporas
Se uso vincha na testa é pra ver o mundo mais claro
Não vendo o mundo por frestas lhe posso fazer reparos.

Sem cinturão com guaiaca me sinto quase que em pêlo
Quando meu laço desata sou carretel de novelo
Da bodega levo um trago pra matar a minha sede
Meu chapéu de aba quebrada beija santo de parede.

Atirei as boleadeiras contra a noite que surgia
Noite adentro entre as estrelas se tornaram Três Marias
Atirei as boleadeiras contra a noite que surgia
Noite adentro entre as estrelas se tornaram Três Marias.

Sem cinturão com guaiaca me sinto quase que em pêlo
Quando meu laço desata sou carretel de novelo
Da bodega levo um trago pra matar a minha sede
Meu chapéu de aba quebrada beija santo de parede.

Atirei as boleadeiras contra a noite que surgia
Noite adentro entre as estrelas se tornaram Três Marias...

Disponível em: <<https://youtu.be/9AIhI5hQmWY>>. Acesso em: 08 de abr. de 2023.

- “Guri”, de João Batista Machado e Júlio Machado Da Silva Filho (1981):

Das roupas velhas do pai queria que a mãe fizesse
Uma mala de garupa, uma bombacha e me desse.

Queria boinas, alpargatas e um cachorro companheiro
Pra me ajudar a botar as vacas no meu petiço sogueiro.

Hei de ter uma tabuada e o meu livro queres ler
Vou aprender a fazer contas e um bilhete escrever
Pra que a filha do seu Bento saiba que é meu bem-querer
E se não for por escrito eu não me animo a dizer.

Quero gaita de oito baixos pra ver o ronco que sai
 Bota feitiço do Alegrete e esporas do Ibirocaí
 Lenço vermelho e guaiaca compradas lá no Uruguai
 Pra que digam quando eu passe: Saiu igualzito ao pai!

E se Deus não achar muito tanta coisa que eu pedi
 Não deixe que eu me separe deste rancho onde eu nasci
 Nem me desperte tão cedo do meu sonho de guri
 E de lambuja permita que eu nunca saia daqui
 E de lambuja permita que eu nunca saia daqui...

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ocwsBvz6dps&pp=ygUVZ3VyaSBjZXNhciBwYXNzYXJpbmhv>>. Acesso em: 08 de abr. de 2023.

- Reconhecer os autores e intérpretes das músicas.
- O que compõe a pilcha? Quais as utilidades de cada uma das peças do vestuário. - O porquê das cores dos lenços. Por que o lenço?
- Propor aos alunos que cada um desenhe/monte uma pilcha. Pintura em guache de um gaudério/prenda (pintura reprodução).

Tempo sugerido: 35 minutos.

Avaliação:

Nos trabalhos individuais, poderão ser observados a capacidade de percepção que o aluno possui e sua iniciativa. Neste âmbito, são levados em conta a criatividade e a capacidade de concatenação do aluno.

3. aula: Que imagens a música inspira?

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.

- Falar das guerras que aconteceram no Rio Grande do Sul:

(obs: buscar uma articulação com os professores de história.)

“Suor sangue e muitas guerras desenharam as tuas fronteiras”, diz a canção “O Tempo e o Vento”, inspirada na série escrita por Érico

Veríssimo. Várias foram as guerras que aconteceram neste quinhão de Terra, algumas até, antes mesmo de se tronar o Rio Grande do Sul. Na verdade, esta configuração como conhecemos: O quadrilátero irregular, com diagonais de Norte a Sul e de Leste a Oeste, só ganha esta forma definitiva em 1851. A história se funde, não cinde, conceitua Manoelito de Ornellas. Entre 1753 e 1756, ano da morte do herói guarani missioneiro rio-grandense, travou-se a Guerra Guaranítica. A sua luta é um símbolo da independência dessa gente: “Essa terra tem dono”, disse Sepé Tiaraju.

Em 1835 aconteceria o maior feito épico até então. Inconformados com o tratamento que o Império dedicava ao Rio Grande, taxando excessivamente o charque, que se tornava um forte fator econômico, os gaúchos se colocaram em pé de guerra. Com a proclamação da República Rio-Grandense, pelo general Neto, em 1836, o movimento assumia o caráter separatista.

A partir de 1891, a jovem liderança de Júlio de Castilhos vai iniciar uma longa dinastia, chegando até Getúlio Vargas. Antes, porém, em 1893, vai haver a Revolução Federalista, talvez a mais violentas das guerras em toda a América Latina. Em dois anos, serão mortas mais dez mil pessoas.

Quando Borges de Medeiros decide se candidatar pela quinta vez ao governo, em 1923, é enfrentado pelo veterano político Assis Brasil. É quando da guerra entre os *ximangos*, adeptos de Borges, e os *maragatos*, assisistas, completando a tríade das guerras gaúchas: 1835, 1893 e 1923.

No ano anterior aconteceu a Semana de Arte Moderna, em São Paulo.”

Tempo sugerido: 10 minutos.

Desenvolvimento:

- Apresentar a música “Colorada” de Aparício Silva Rillo e Mario Barbará (1977): Era o “tempo da degola”:

Olha a faca de bom corte,¹³⁰
 Olha o medo na garganta!
 O talho certo e a morte
 No sangue que se levanta.
 Onde havia um lenço branco
 Brota um rubro, de sol pôr,
 Se o lenço era colorado
 O novo é da mesma cor.
 Quem mata chamam bandido,
 Quem morre chamam herói.
 O fio que dói em quem morre
 Na mão que abate não dói (2x)
 “Era no tempo das revolução,
 Das guerra braba de ermão contra ermão,
 Dos lenço branco contra os lenço colorado
 Dos mercenário contratado a patacão.”
 “Era no tempo que os morto votava
 E governava os vivo até nas eleição,
 Era no tempo dos combate a ferro branco,
 Que fuzil tinha mui pouco e era escassa a munição.”
 “Era no tempo do inimigo não se poupá,
 Prisioneiro era defunto e se não fosse era exceção,
 Botavam nele a gravata colorada
 Que era o nome da degola nesses tempos de leão.”
 Olha a faca de bom corte...

¹³⁰ RILLO, Aparício; BARBARÁ, Marinho. **COLORADA**, disco da 7ª Califórnia, 1977.

- Apresentar a obra de Pedro Weingärtner. Incentivar os alunos a pesquisar na internet.

- Falar da criação do Instituto de Artes em 1908.

- Propor aos alunos que estabeleçam um possível paralelo entre a Arte que se fazia no centro do país e aqui, no momento da Semana de Arte Moderna de 1922.

- Como seria o olhar “modernista” sobre o “tempo da degola”?

Tempo sugerido: 35 minutos.

Avaliação:

O principal critério é o da participação. Não estará em julgamento a “qualidade” dos trabalhos, mas o empenho em realizá-los.

4. aula: **Conhece-te a ti mesmo!**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.

- Falar dos hábitos dos gaúchos.

“Alguns dos nossos hábitos mais comuns, vem de antes da chegada do colonizador. O índio que aqui vivia, como nós vimos em outra aula, já tomavam mate. Infusão de água quente, se utilizando do fogo feito com faíscas de pedra sobre folhas secas, com a erva-mate, planta nativa da região subtropical. Por ter sido encontrada pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire no Paraguai, recebeu o nome científico de *Ilexparaguariensis*. ”Mate” em tupi que dizer “o que mantém o ser”. O costume pode mesmo ter vindo da região, já que alguns dos povos originários que aqui habitavam eram descendentes da antiga taba do lendário Morubixaba Guaíra, assentados no salto das sete quedas, no rio Paraná. Tupi significava “os da primeira geração”.

Com o passar do tempo e o hábito se disseminando não apenas entre os povos originários, mas por todo o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, Também no altiplano boliviano e demais países da América do Sul.”

- Também o chimarrão possui diversas qualidades para a saúde.

Tempo sugerido: 10 minutos.

Desenvolvimento:

- Como fazer um chimarrão.

- O porongo como é preparado.

- Por aqui, os sabores do mate ganharam significados, apresentados na música “Romanceiro da Erva-Mate”, de Luiz Coronel, Caco Coelho e Asaph Borba:

Naquele dia, por simpatia
Se achegou, sentou ao meu lado
E me olhou e me serviu
Mate com açúcar queimado.

Voltei logo, vim de longe
Troteando a felicidade
Aquele mate com açúcar
Deu somente amizade.

Tua vida é sentida
No calor de cada mate
Na invernada do amor
Há sabor de vida e sorte. (2 vezes)

Passei a vagar pelos campos
Dia e noite a pensar nela
Pra dizer que em mim pensava
Serviu mate com canela.

Colhi as flores do campo
Trouxe brincos e um anel
Querendo casar comigo
Me serviu mate com mel.

Tua vida é sentida... (2 vezes)

Mas não quis partir comigo
Ai, quanta tristeza eu trago

Pra dizer tenho outro amor
Me deu mate muito amargo.

Sete vezes eu voltei
Mas desisti afinal
Só pra me mandar embora
Me serviu mate com sal.

Tua vida é sentida... (3 vezes)

Disponível em: <<https://youtu.be/-SdLLX7DfyE>>. Acesso em: 08 de abr. de 2023.

- Dividir em seis grupos, para cada um trabalhar com uma estrofe da música.
- Criar um desenho em quadrinhos para cada estrofe, inspirado na música.
- Reunir os trabalhos da turma e apresentar para todos.

Tempo sugerido: 35 minutos.

5. aula: **Conhece-te a ti mesmo!**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.

- Falar dos símbolos do Rio Grande do Sul:

“Vários são os símbolos do Rio Grande do Sul. Existem aqueles que são padrão dos estados brasileiros: o hino; a bandeira; e o brasão.

Todos eles foram oficializados em 1966, o Hino, as Armas e a Bandeira, mas são símbolos que remetem a República Farroupilha.

Todos os símbolos estão cheios de referências. Nosso brasão tem diversas referências que vamos acompanhar neste quadro:

Tempo sugerido: 5 minutos.

Desenvolvimento:

- Apresentar este quadro do Brasão:

Brasão do Rio Grande do Sul



Detalhes

Escudo	<p>Escudo oval. Em campo de prata: um quadrilátero de prata com um sabre de ouro, em pala, sustentando na ponta um barrete frígio, de vermelho, entre dois ramos floridos de fumo e erva-mate, de sua cor, que se cruzam sobre o punho do sabre; inscrito num losango, com duas estrelas de cinco pontas de ouro colocadas nos ângulos superior e inferior; ladeado por duas colunas jônicas compostas com capitel e três anéis no terço inferior de fuste liso de ouro, encimadas por uma bala de canhão antigo, de preto assentes sobre um campo ondulado de verde em ponta. Uma bordadura de azul, perfurada de preto, carregada com a inscrição REPÚBLICA RIO-GRANDENSE e a data 20 DE SETEMBRO DE 1835, de ouro, separadas por duas estrelas de cinco pontas, também de ouro.</p>
Listel	<p>Um listel de prata com a legenda "LIBERDADE IGUALDADE HUMANIDADE", de negro.</p>
Outros elementos	<p>O escudo fica sobreposto sobre quatro bandeiras tricolores (verde, vermelho e amarelo) entre-cruzadas duas a duas com hastes rematadas de Flor-de-lis invertida, de ouro. As duas bandeiras dos extremos estão decoradas com uma faixa vermelha com bordas de ouro, atada junto à ponta flor-de-lisada; uma lança de cavalaria, de vermelho, rematada por uma flor-de-lis invertida, de ouro, entre quatro fuzis armados de baionetas de ouro, e na base do conjunto dois tubos-canhão, de negro, entrecruzados, semi-encobertos pelas bandeiras.</p>

- Discutir os aspectos de influência;
- Os significados através dos tempos.

Tempo sugerido: 40 minutos.

Avaliação:

Os debates ao longo das aulas servirão, também, para poder entender o quanto cada aluno pode assimilar em relação aos ensinamentos e o desenvolvimento de linguagem, aspecto basilar do ensinamento da arte.

6. aula: **Conhece-te a ti mesmo!**

Introdução:

- Falar dos outros símbolos naturais do Rio Grande do Sul:

“Mas não são apenas aqueles símbolos que vimos na aula passada que representam o Rio Grande. Também existem outros que compõem a nossa identidade. O churrasco, por exemplo. Domingo muitas das nossas cidades cheiram a churrasco. A erva-mate que falamos na aula anterior. O cavalo Crioulo certamente faz parte da nossa identidade. Quase 90% dos cavalos desta raça estão aqui no Rio Grande do Sul. A marcela-do-campo tem toda uma cultura vinculada aos bens que ela proporciona e a tradição de ser colhida nas sextas-santas. Ela também é um símbolo do Rio Grande, como outra planta, o belo “brinco-de-princesa”.

Mas o que vamos ver são os pássaros que são nossos símbolos.

Um deles que acho que todos conhecem é o “quero-quero”. Seu canto é o próprio nome.”

- Enquanto a fala sobre os símbolos, ir mostrando imagens no vídeo.

Tempo sugerido: 5 minutos.

Desenvolvimento:

- Distribuir o texto do poema “Quero-Quero” de Aparicio Silva Rillo;

- Mostrar um vídeo do quero-quero cantando e voando;

Disponível em: <<https://youtu.be/Mzyjf8Rq4YA>>. Acesso em: 09 de abr. de 2023.

- Enquanto os alunos ouvem o canto do pássaro, pedir que leiam em voz alta o poema:

Nem que se passe a lo largo
 Longito do retalho do banhado
 Onde é teu chão.
 Nem assim...
 Logo ficas assanhado,
 bichinho mal-educado,
 quero-quero querendão!

Nem que se passe a lo largo,
 nem assim...
 Logo no mais te alvorotas
 e os teus gritos lembram as notas
 vivarachas de um clarim.

Afiado
 como ferro de faca bem chairada,
 teu grito repassado de insistência,
 de alerta e de aflição,
 acorda os velhos ecos da querência
 que dormem no silêncio das taperas,
 como dormem os recuerdos de outros eras
 nas ruínas de certos corações.

Há no teu grito,
 bichinho pedichão,
 a ânsia insatisfeita de um pedido,
 a cada novo grito repetido
 e sempre sem resposta, sempre em vão!

Que mais tu queres, quero-quero louco?
 Achas quem sabe que o que tens é pouco,
 bichinho gritador?
 Não basta essa fralda de coxilha
 onse se aviva o verde da flechilha
 na aquarela dos bibis em flor?

Tens o banhado,
 a grama seca pra fazer o ninho,
 e este horizonte largo, encoxilhado,
 por onde o sol se embreta, enciumado,
 quando a estrela boieira pisca o olho
 pra noite que vem vindo logo ali...

E tens a liberdade, quero-quero,
 o infinito das coxilhas rasas
 sob o capricho de teu par de asas
 armadas de ferrão.

Que mais tu queres, quero-quero triste,
 que mais te falta para ser feliz?
 Por que ainda neste grito insistes
 se ninguém sabe o que este grito diz?

Parceiro,
 o coração que a gente tem no peito
 -não ria se eu lhe disser –
 é um outro quero-quero insatisfeito
 que nunca sabe o que quer...

- Falar também nos outros pássaros símbolo: o tarrã e o João-de-Barro.
- As características de cada um. Buscar na sanga os versos.
- A partir do próprio barro, fazer uma escultura de um dos pássaros.

Tempo sugerido: 40 minutos.

7. aula: **Baita chão!**

Introdução:

- O educador deve receber seus alunos com cordialidade. Palavras gentis fazem parte de todo o processo educativo, mesmo no Ensino Médio.
- Falar sobre a nossa identidade:

“A construção das identidades está relacionada àquilo que faz parte dos contextos culturais, nas vivências dos sujeitos. De acordo com Houaiss, pode-se entender identidade como: “IDENTIDADE. *s. f.* Conjunto de características que torna única a pessoa. Ao mesmo tempo, o ato de identificar é o que permite reconhecer o outro. No aristotelismo é a unidade de substâncias.”¹³¹ Trata-se da expressão da essência.

O doutor em Comunicação Social, professor Silas Nogueira (2014):

“O desconhecimento ou o abandono dessas manifestações, formadas por saberes e conhecimentos da vida, significa o abandono da própria história. Esse processo afeta as identidades, os reconhecimentos da realidade social. Quando são perdidas as identidades e são ignorados os valores culturais próprios, abre-se um vazio, uma lacuna que, normalmente, é preenchida por outros valores, por outra cultura, por outros costumes e formas de vida.” (apud VIEIRA, 2014)

A identidade para o gaúcho tem um significado ancestral. É uma marca que se carrega com orgulho.

Todo o animal no campo deve ser marcado. As marcas acabam por se constituir como bens patrimoniais familiares.

¹³¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

(enquanto vai falando, mostrar uma série de marcas.

Tempo sugerido: 10 minutos.

Desenvolvimento:

- Apresentar a música “Couro Cru”, de Aparício Silva Rillo e Marinho Barará (1978):

Couro cru, carnal a mostra,
 Não sou feito pra quem gosta,
 De várzeas sem tacurus.
 Outro curtido não tive
 Que a chuva caindo livre
 No canal de couro cru.

Batido a sol e sereno,
 Sou pequeno entre os pequenos,
 Igual entre os meus iguais.
 Um lombo-duro entre os fortes
 E embora vergue ou me entorte
 Ninguém me põe nos varais.

Me apontam o dedo
 Me chamam bagual,
 Matambre dos duros,
 Sem cinza e sem sal. (2x)
 Sem furo na guampa,
 Sem marca ou sinal,
 O dedo me apontam,
 Me chamam bagual! (2x)

Couro cru, carnal a mostra,
 Não sou feito pra quem gosta,
 De várzea sem tacurus.
 Aos que me apontam o dedo
 Falta cerne ou sobra medo
 Pra sovar um couro cru...
 Pra sovar...
 Um couro cru!

Me apontam o dedo...

- Destacar a parte da letra que fala em “marca ou sinal”;
- Falar dos detalhes de uma marca;
- Passar o vídeo que mostra o processo de fazer uma marca:

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/watch/?v=250616246966167>>.

- Convidar os alunos a cada um desenvolver a sua própria marca.

Tempo sugerido: 35 minutos.

Desenvolvimento:

- Dividir a turma, se possível, em nove grupos, se não, agrupar três Cores para cada grupo e dividir em três grupos a sala de aula;
- Buscar se existe algum vínculo dos alunos com as regiões;
- Assemblage a partir das fotos. As imagens reconhecíveis;
- As nove Macro Regiões Funcionais do Rio Grande do Sul;
- Compor uma página na internet para exposição do resultado da pesquisa.
(trabalho coletivo)

Tempo sugerido: 40 minutos.

FEITO O CARRETO!!!

